

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
NÍVEL MESTRADO**

**MARIANA ROST**

**SEXUALIDADES EM NEGOCIAÇÃO:  
A pornografia *live streaming* no CAM4.com**

**São Leopoldo  
2016**

Mariana Rost

SEXUALIDADES EM NEGOCIAÇÃO:  
A pornografia *live streaming* no CAM4.com

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Steffen Vieira

São Leopoldo

2016

### Ficha Catalográfica

R839s Rost, Mariana.  
Sexualidades em negociação: a pornografia *live streaming* no CAM4.com / por Mariana Rost. – 2016.  
171 f. : il. ; 30cm.  
“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Steffen Vieira, Ciências Humanas”.  
Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2016.  
1. Pornografia – Sexualidade. 2. Pornografia *live streaming*. 3. Gênero. 4. Mídias digitais. I. Vieira, Miriam S. II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. III. Título.

CDU 176.8

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Esp. Camila R. Quaresma Martins - CRB 10/1790

Mariana Rost

SEXUALIDADES EM NEGOCIAÇÃO:  
A pornografia *live streaming* no CAM4.com

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovada em 30 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Miriam Steffen Vieira (Orientadora) – UNISINOS

---

Laura Cecília Lopez – UNISINOS

---

Paula Sandrine Machado – UFRGS

---

Jorge Leite Júnior – UFScar

Para Helena  
– a primeira feminista da minha vida –,  
melhor mãe e amiga.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa integral concedida. O auxílio permitiu não somente o meu ingresso ao curso de mestrado, mas também a minha total dedicação a ele.

Minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, não apenas por ter ampliado meus saberes no campo das ciências sociais, mas por ter me possibilitado novas amizades e experiências maravilhosas que estarão para sempre comigo.

Agradeço especialmente a minha querida orientadora Miriam Steffen Vieira pela parceria durante os três anos que trabalhamos juntas, sendo dois deles durante este mestrado. O conselho, a motivação, o suporte e a amizade foram fundamentais para a minha qualificação e transformaram muitas das minhas visões de mundo.

Nesse sentido, agradeço também ao coordenador do PPGCS da Unisinos, Carlos Alfredo Gadea Castro, bem como aos professores Eduardo Portanova Barros, José Luiz Bica de Mélo e José Rogério Lopes pelas aulas que tanto contribuíram para a minha formação e pelo acolhimento e disponibilidade para a troca de ideias. Agradeço também à Maristela Simon, Secretária do PPG, pela agilidade, dinamismo, compreensão e simpatia. Finalmente, sou grata à Laura Cecília Lopez pelas contribuições na Banca de Defesa.

Agradeço à Paula Sandrine Machado pelas fundamentais contribuições na Banca de Qualificação e Defesa. Minha gratidão por ter me acolhido como aluna especial em uma disciplina e, depois, em seu grupo de pesquisa. Sou grata pelas discussões, relações e experiências proporcionadas por todas as pessoas que trabalham ou estão de alguma forma associadas ao Transintersex. Agradeço, em especial, ao Eric, à Fernanda, à Flávia, ao João e ao maravilhoso Paulo, que mais do que ninguém esteve ao meu lado nesta reta final.

Durante o período deste curso, participei de três eventos que propiciaram discussões que foram importantíssimas para o desenvolvimento deste estudo. Dessa forma, agradeço à Larissa Pelúcio e ao Richard Miskolci, que coordenaram o GT “Mídias digitais, práticas culturais e dissidências de gênero” no II Seminário

Internacional Desfazendo Gênero; e à Maria Silvério e ao Antônio Pilão, que coordenaram o GT “Gêneros, sexualidades e conjugalidades contra-hegemônicas” no VI Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia. Agradeço ao Daniel Cardoso, presente neste último evento, cujas sugestões e comentários foram de grande importância para esta dissertação. Sou grata ao Jorge Leite Jr., ao Mauricio List Reyes e à María Elvira Díaz Benítez, que coordenaram o GT “Desejos que confrontam: antropologia e sexualidades” na XI Reunião de Antropologia do Mercosul. Ao Jorge Leite Jr., também agradeço pelas importantíssimas contribuições na Banca de Defesa.

Agradeço ao meu pai Martinho por todas as leituras atenciosas que fez dos meus textos enquanto esteve vivo. Desde que ele se foi, não há página escrita por mim que não me lembre do seu olhar sensível e da sua constante disponibilidade para a troca de ideias.

Agradeço também a minha mãe Helena, não apenas pela mulher independente e corajosa que sempre me motivou a ser, mas pelo constante apoio durante esta trajetória.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, em especial à Sirlanda e ao Gabriel, pelas discussões, pelo apoio e pela amizade que estou certa de que perdurará;

À Aline e à Julia, amigas que a Unisinos também me trouxe, sempre tão próximas nos momentos mais felizes e nos mais tristes;

Ao Paulo pelos quase seis anos de companheirismo que foram imprescindíveis para esta pesquisa. Minha gratidão pela enorme ajuda durante todo o período de escrita desta dissertação;

À Carmen, que tanto me ajudou nos meses finais do curso;

Às minhas velhas amigas do Cenecista, as não tão velhas da Wizard e a todos os amigos e amigas que me acompanharam desde a graduação até aqui em momentos tão distintos, mas que foram tão fundamentais para que iniciasse e concluísse este mestrado.

## RESUMO

Esta dissertação focaliza as interações no CAM4, uma plataforma de pornografia *live streaming*, que consiste em transmissões ao vivo via *webcam* feitas por pessoas que se apresentam em atividade sexual com a possibilidade de quem as assiste interagir com elas e entre si através de um bate-papo alocado ao lado da caixa de vídeo. As práticas sexuais são negociadas por quem se apresenta e por quem assiste mediante o pagamento de *gorjetas* que operam desde metas distribuídas em torno de práticas particulares. Através de uma etnografia dos usos das mídias digitais, analiso o lugar da sexualidade, as noções de erotismo e a circulação de atributos de gênero nas negociações feitas nas transmissões do site. Interessa compreender as dinâmicas desse ambiente que produz e circula material pornográfico em um contexto de novas possibilidades tecnológicas e de busca pelo autêntico. Assim, identifico os mecanismos através dos quais a pornografia *live streaming* se organiza e como eles se articulam e concorrem na produção da diferença e das tecnologias de gênero e sexo. Também busco examinar como o dinheiro, os *sex toys* e os artefatos tecnológicos mobilizam formas específicas de obter prazer. Finalmente, procuro compreender como essa modalidade de pornografia pode se distribuir em investimentos políticos no campo das relações de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Pornografia *live streaming*; Sexualidades; Gênero; Mídias digitais; Autenticidade.

## ABSTRACT

This Master's thesis focuses on the negotiations on CAM4, a live streaming pornography website. This type of pornography consists of sharing live sexual activities over a webcam with the possibility of interaction between those who watch and the person on the video through an online chat beside the video box. The sexual practices are negotiated with *tips* that participants pay in exchange for specific activities. Through an ethnography about the use of digital media, I analyze the role of sexuality, the notions of eroticism and the circulation of gender attributes on the negotiations made in the transmissions on the website. I am interested in the dynamics of this environment that produces and circulates pornographic material in a context of the pursuit of the authenticity and new technological possibilities. Thus, I identify the mechanisms by which live streaming pornography is organized and how they compete in the production of difference as well as gender and sex technologies. I also aim to examine how money, sex toys and technological artifacts mobilize specific ways to have pleasure. Finally, I seek to understand how this type of pornography can be distributed in political actions in the field of gender relations and sexuality.

**Keywords:** Live streaming pornography; Sexualities; Gender, Digital media; Authenticity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O tesão é político: justificativa e considerações epistemológicas</b>	<b>18</b>
1.1.1 Gayle Rubin e os problemas da pirâmide erótica	22
1.1.2 Corpos importam: as críticas ao dualismo mente/corpo	24
<b>1.2 A organização do texto e dos capítulos</b>	<b>26</b>
<b>2 “I KNOW IT WHEN I SEE IT”: MARCOS CONCEITUAIS, DISPUTAS FEMINISTAS E TEORIA PORNÔ</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Ser ou não ser pornográfico: problemas de definição</b>	<b>30</b>
<b>2.2 Sex wars: disputas feministas em torno da pornografia</b>	<b>35</b>
<b>2.2.1 Occupy pornography: o pós-pornô</b>	<b>38</b>
<b>2.3 Pornoteoria: <i>sciencia sexualis</i>, tecnologias de gênero, sociedade farmacopornográfica e ciborgues</b>	<b>41</b>
2.3.1 A <i>sciencia sexualis</i> de Foucault e a tecnologia de gênero de De Lauretis	41
2.3.2 A sociedade farmacopornográfica de Preciado e os ciborgues de Haraway	44
<b>2.4 Síntese</b>	<b>47</b>
<b>3 “MOSTRE SEU LADO EXIBICIONISTA”: A PLATAFORMA CAM4, GIROS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>51</b>
<b>3.1 “Você agora faz parte da mais íntima e emocionante comunidade de webcams online”: conhecendo a plataforma CAM4</b>	<b>51</b>
3.1.1 Condições de uso: o sexo das crianças, educação sexual e consentimento	51
3.1.2 Tornando-se membro do CAM4: categorização em crise, lógica farmacopornográfica e exploração financeira do afeto	54
<b>3.2 “Assista centenas de pessoas reais”: o CAM4, a pornografia amadora e a busca pela autenticidade nos corpos autopornográficos</b>	<b>61</b>
3.2.1 Tecnologia e <i>netporn</i>	63
3.2.2 A autenticidade e a pornografia amadora	66
3.2.3 O que o amador muda? Deslocamentos na economia da sexualidade na era <i>prosumer</i>	69
<b>3.2.4 Na corda bamba: o <i>mainstream</i> em disputa</b>	<b>75</b>
<b>3.3 Etnografar o CAM4: Precisoões metodológicas</b>	<b>78</b>

<b>3.4 Síntese</b>	<b>84</b>
<b>4 ROSAS, BEIJOS E DILDOS: PORNÔ “BIZARRO” E DISPUTAS POLÍTICAS NA PORNOGRAFIA LIVE STREAMING</b>	<b>88</b>
<b>4.1 As rosas de Raysawet: shows de prolapso, <i>fisting</i> e <i>squirting</i> de uma modelo 5 estrelas</b>	<b>88</b>
<b>4.2 Beijos e rosas em evidência: Kitty_26 e o destaque ao ânus em shows de prolapso e <i>gape</i></b>	<b>92</b>
<b>4.3 Os shows de Raysawet e de Kitty_26 a partir das lógicas do dildo</b>	<b>96</b>
<b>4.4 Do <i>fisting</i> e do prolapso para o pênis e o parto: a economia heterocentrada e as lógicas de equivalência nas tentativas de sabotar os shows de Raysawet</b>	<b>98</b>
<b>4.5 Síntese</b>	<b>103</b>
<b>5 “TOKENS, TOKENS, TOKENS!” RELAÇÕES ENTRE DINHEIRO, SEXO, AFETO E TECNOLOGIA NO CAM4</b>	<b>105</b>
<b>5.1 mysexysecret e fun4you24: <i>tokens</i> e <i>squirt</i> de mãos dadas</b>	<b>105</b>
<b>5.2 <i>Token</i> corporificado: OhMiBod, dinheiro e sexo</b>	<b>111</b>
<b>5.3 Dinheiros violentos: as negociações de Sexylang</b>	<b>116</b>
<b>5.4 Síntese</b>	<b>120</b>
<b>6 “CENTENAS DE PESSOAS ONLINE”, MAS NEM TANTAS: DESIGUALDADES E AUSÊNCIAS NA PORNOGRAFIA LIVE STREAMING</b>	<b>123</b>
<b>6.1 A categoria Trans no CAM4</b>	<b>124</b>
6.1.1 O paradigma do pênis: sweetheart5 e SelfsuckQUEEN	125
6.1.2 Mulheres trans, travestis e as relações Norte-Sul: pornografia <i>live streaming</i> e turismo sexual	128
6.1.3 SelfsuckQUEEN e TransExotik: afirmando identidades de gênero no CAM4	129
6.1.4 A ausência dos homens trans no CAM4	132
<b>6.2 Mulheres são bem-vindas, desde que sejam <i>camgirls</i>: quando mulheres consomem e negociam pornografia no CAM4</b>	<b>135</b>
<b>6.3 Onde o Ebony quase não tem vez: a produção pornográfica da diferença racial</b>	<b>140</b>
<b>6.4 A categoria <i>Homens</i> no CAM4</b>	<b>145</b>
6.4.1 Só pelo tesão: realizando um fetiche sexual no CAM4	146
6.4.2 ganhando dinheiro, mas não muito: os <i>shows</i> de Hotguy4fun	147

6.4.3 “Há tantos homens te assistindo...”: afirmando e interpelando a orientação sexual no CAM4	150
<b>6.5 Síntese</b>	<b>152</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>163</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Layout da página inicial do CAM4	55
FIGURA 2 - Recorte do mostruário de presentes do CAM4	60
FIGURA 3 - Transmissão no CAM4 acessada da categoria <i>Destaques</i>	62
FIGURA 4 - <i>Show</i> de prolapso	90

## 1 INTRODUÇÃO

*O sexo é sempre político.*

Gayle Rubin

Mais de 4.300 pessoas estão assistindo à transmissão que sextwo faz de sua *webcam* há pouco mais de uma hora. Em um quarto simples e claro, a jovem francesa aparece nua e ajoelhada em frente a um homem branco também nu. Acima da caixa de vídeo, a promessa é de um *show*<sup>1</sup> de *facial*<sup>2</sup> (“Incrível facial agooooora!”) – desde que o *objetivo* de receber 666 *tokens* pagos em *gorjetas* por aqueles que a assistem seja alcançado. Sorridente e aparentemente muito animada, sextwo está com o rosto próximo ao pênis ereto, mas olha constantemente para o computador para ler as mensagens que quem a assiste escreve na caixa de texto ao lado de seu vídeo. Ela escreve para todos: “Gorjetas, gorjetas, gorjetas, ele quer gozar!”. O *show* já está quase no fim: dos 666 *tokens*<sup>3</sup>, sextwo já acumula 635. Lucksam, um dos milhares de participantes interagindo na caixa de texto da transmissão, lembra os demais: “Vamos lá, pessoal, só faltam 31 *tokens* para alcançarmos o *objetivo*!”; etalonnoir86, por sua vez, pede que “mandem *gorjetas* se vocês estão gostando!”. crisfilip e Andremuscles compartilham com o grupo e com sextwo que estão quase gozando.

Entre mensagens em francês e inglês, diversos participantes mandam pequenas quantias e sextwo chega muito rapidamente aos 666 *tokens*. É hora de efetivar o *objetivo*: “É agora!”, ela escreve, “fiquem prontos!”. Ela coloca os cabelos lisos e escuros para trás enquanto o parceiro se masturba com o pênis bem próximo ao seu rosto. Os participantes lotam a caixa de texto: “Goze agora, meu bem, em todo o rosto”, “Devagar, gente!”, “Por favor, coloque óculos!”, “Estou pronto!”, “Eu vou gozar!”, “Eu vou explodir”, “A surpresa está me matando!”. Muitos deles, enquanto assistem àquele *show* e interagem em sua transmissão, também disponibilizam o vídeo de sua masturbação para quem quiser acessar. sextwo inicia, então, uma contagem regressiva para o *grand finale*: 10, 9, 8... “Vamos lá, pessoal,

<sup>1</sup> Uso itálico para expressões êmicas, expressões estrangeiras, conceitos ou ênfase.

<sup>2</sup> *Facial* (usualmente pronunciado em inglês) é um ato sexual que consiste em um indivíduo ejacular no rosto de outro. Ao longo do texto, mantereí algumas expressões em inglês explicitadas em notas de rodapé sempre que se mostrarem categorias ou noções consolidadas naquela língua para o acesso a determinados atos em pornografia.

<sup>3</sup> *Token* é uma moeda virtual. Um *token* vale cinco centavos de dólar.

vamos gozar!”, ela estimula. Em instantes, seu parceiro ejacula em seu rosto. Sobre a pele clara, há esperma na testa, nas maçãs do rosto, no queixo, na boca, no nariz, sobre os olhos. Ela senta-se em frente ao computador e sorri para a câmera enquanto conversa com todos por texto e por voz. Todos estão excitadíssimos com a transmissão: “Incrível!”, “Bom trabalho!”. Sextwo levanta-se para se lavar e retorna, sentando-se em frente ao computador. Ela lê algumas mensagens, as responde e logo se despede de todos de forma amistosa. (Diário de campo, doravante DC, 23.12.2015).

A *webcam* a partir da qual sextwo fez sua apresentação é uma entre outras milhares que, como ela, transmitem vídeos em tempo real para qualquer pessoa que queira acessá-las na internet. A plataforma em que todos estão é o CAM4.com (CAM4), um site de pornografia *live streaming* hospedado nos Estados Unidos que se caracteriza por possibilitar apresentações amadoras de práticas sexuais ao vivo via câmeras para web, usualmente de baixo custo, apresentadas por qualquer pessoa. O site organiza o acesso às *webcams* dos e das *modelos* ou *performers* – forma como as pessoas que transmitem vídeos são chamadas – em categorias dadas de antemão pela plataforma desde lugares de gênero – *Mulheres*, *Homens* e *Trans* – e, em alguma medida, de sexualidade – *Grupos* e *Casais* –, nacionalidade e idioma (no caso da versão em português do site, *Brasil* e *PT*). Há modelos e participantes de todas as partes do mundo que se comunicam em diversos idiomas e as atividades sexuais são também bastante diversificadas, indo do *dirty talk*<sup>4</sup>, do *strip-tease* e da masturbação com *sex toys* a múltiplas práticas entre dois ou mais parceiros que atravessam diversas modalidades de pornografia tal como surgem no online, usualmente apresentadas por meio de *tags*<sup>5</sup>.

Cada modelo possui uma página de perfil em plataformas como essas, e esse perfil é acessível até mesmo quando a pessoa está off-line – quando está online, o conteúdo desloca-se para baixo do espaço em que se localizam a *webcam* e a caixa de texto ao seu lado. No caso do perfil de sextwo, havia apenas uma foto da modelo

---

<sup>4</sup> *Dirty talk*, em inglês, refere-se a uma linguagem particular para estímulo do prazer sexual antes ou durante atividade sexual. Pode ser utilizada presencialmente ou à distância, como em práticas de sexo virtual. Pode incluir descrições eróticas, humor sexual, comandos sexuais ou xingamentos.

<sup>5</sup> Uma *tag*, ou “etiqueta” em português, é uma palavra-chave ou termo relacionado a uma informação (como uma imagem, um vídeo ou um texto) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave. *Tags* são usualmente escolhidas informalmente e como escolha pessoal do autor ou criador do item de conteúdo, isto é, não é parte de um esquema formal de classificação. É um recurso encontrado em muitos sites de conteúdo colaborativo, como a pornografia amadora, e, por essa razão, “*tagging*” associa-se com a onda web 2.0 (O’REILLY, 2006).

deitada, vestindo uma lingerie preta com detalhes em renda cor-de-rosa. Na imagem, ela olha de trás para a câmera, que enquadra os traços suaves do rosto e o corpo magro ao fundo. Na extremidade esquerda, havia uma lista de informações gerais sobre a *modelo*: ela era membro do CAM4 desde 2011, era solteira e tinha 29 anos. Na categoria “localidade”, ela escreveu: "Hakuna Matata, França". A *performer* também afirmava que falava francês, inglês e italiano, que tinha por ocupação "Garota orgásmica/modelo" e que não fumava nem bebia. Apesar de haver apenas uma foto de perfil, havia uma outra galeria com 50 imagens, mas que estava disponível apenas para o *Fã Clube*. Mais abaixo, havia uma enorme figura, bem elaborada graficamente, com boas-vindas, com o Twitter da *modelo* e o valor para fazer parte do mencionado *Fã-clube*: "Faça parte por somente 25 *tokens*!". Em seguida, a *performer* apresentava as vantagens de fazer parte do grupo em um texto em francês: fotos exclusivas, acessos a *chat* privado em *show* público, poder assistir a transmissões particulares, etc. Ao lado do texto, havia uma foto dela usando uma lingerie preta com uma jaqueta de couro e sandálias de salto alto. O cabelo castanho estava bagunçado e ela olhava para a câmera. Logo abaixo, havia um pôster com novidades do mês e, na sequência, vídeos a venda: 1 vídeo por 50 *tokens*, 37 vídeos HD por 300 *tokens*. A lista era grande. Havia uma com vídeos em que estava sozinha, que iam de 3 minutos a 20 minutos e incluíam orgasmos, *blow toy*<sup>6</sup>, *finger time*<sup>7</sup>, anal, orgasmos silenciosos, *red fun period*<sup>8</sup>, banho, etc. Outra lista incluía práticas em casal ou grupo que incluíam *facial time*, *swallow cum*<sup>9</sup>, etc.

Apesar do perfil de sextwo ter sido muito bem elaborado, há milhares de outros no CAM4 diferentes do dela – que incluem não apenas *modelos*, mas também, e especialmente, participantes, que podem eventualmente transmitir vídeos seus com finalidade majoritariamente erótica sem intenções de ganhar dinheiro. O conteúdo dos perfis varia bastante: vai da especificidade dos serviços de quem é modelo às preferências sexuais de quem participa da transmissão de outras pessoas, dos interesses na plataforma às restrições em torno das interações e práticas. Para ter um perfil, é preciso que o indivíduo seja membro do *website* e, apenas assim, poderá transmitir vídeos seus e também enviar *gorjetas* a quem

---

<sup>6</sup> *Blow toy* é uma categoria de pornografia que consiste em uma pessoa utilizar *sex toys*, nomeadamente um *dildo*, para realizar atos de sexo oral.

<sup>7</sup> “Hora do dedo” ou *finger time* refere-se à masturbação envolvendo a penetração do dedo na vagina ou no ânus.

<sup>8</sup> *Red fun period* são vídeos pornográficos que apresentam uma pessoa menstruada.

<sup>9</sup> *Swallow cum* consiste em engolir sêmen.

transmite, que dependem do pagamento antecipado de um pacote de *fichas* via cartão de crédito à plataforma. Uma vez *logado* (isto é, identificado no sistema do site), o membro e seu perfil se tornam visíveis quando acessam uma *webcam* e/ou transmitem vídeos ao vivo da sua. A condição de membro também possibilita adicionar, excluir e bloquear pessoas de uma lista de amigos da plataforma, bem como enviar mensagens privadas ou dar “presentes” a membros do CAM4 – sempre “entregues” em forma de *gorjetas* –, entre outras possibilidades próprias de uma mídia digital.

Em *websites* como o CAM4, *modelos* negociam com membros fazendo uso de uma moeda virtual chamada *token* – ou *ficha*, o CAM4 traduz. Um *token* vale cinco centavos de dólar. No caso da *webcam* de sextwo, quando recebeu a soma de 666 *tokens*, ela recebeu aproximadamente 33 dólares. No caso do CAM4, o valor integral das *gorjetas* é recebido pelos e pelas *modelos*, mas isso não significa que a plataforma não lucre com as transmissões: quando membros compram suas *fichas*, o valor pago corresponde a um pacote, do qual o *website* retém uma parcela – assim, o CAM4 fica com parte do valor recebido na compra antecipada das *fichas* que são utilizadas para pagar as *gorjetas*. No entanto, alguns outros sites que oferecem o mesmo serviço (como o MyFreeCams.com) retém por volta de 40% dos valores pagos a quem está transmitindo. Em geral, todas as plataformas de pornografia *live streaming* dão sugestões às e aos *modelos* sobre como ganhar mais dinheiro em atividades do tipo: a maior parte deles sugere o que sextwo estava fazendo: estabelecer uma meta, avisar os membros, desafiá-los, valorizar aqueles que constantemente assistem e dão *gorjetas*, etc.

Serviços como o oferecido pelo *website* CAM4 já são muito comuns na internet. Todos eles se inserem em uma modalidade de pornografia que tem sido chamada de *amadora*, caracterizada pela ausência de equipamentos e do profissionalismo próprios da indústria pornográfica e por significativas mudanças não somente nas estratégias de produção e de distribuição do material, mas também nas motivações de quem o acessa. Essa categoria de pornografia se tornou possível em razão da enorme variedade de ferramentas multimídia atualmente disponíveis, que permitem a qualquer pessoa conectada à rede a livre distribuição de conteúdos nos formatos áudio, vídeo, texto e imagem. Surge a possibilidade de não apenas fruir, mas também participar, produzir e fazer circular o seu conteúdo.

Atualmente, um dos maiores *websites* de conteúdo pornográfico, o Pornhub, tem 70 milhões de visitantes por dia. Diferentemente de espaços como o CAM4, o Pornhub é conhecido por disponibilizar vídeos que não são produzidos ao mesmo tempo em que são assistidos. Apesar de seu formato possibilitar uma ampla possibilidade de tipos de materiais audiovisuais pornográficos, o seu vídeo mais assistido de todos os tempos é uma *sex tape*<sup>10</sup> estrelada por uma então *socialite* estadunidense, Kim Kardashian. Foram mais de 95 milhões de acessos (KIM..., 2014). A *Sexlog*, maior rede social de sexo e swing no Brasil, com 3 milhões de usuários e usuárias, recebe um *upload* de vídeo caseiro por minuto. É curioso que a própria *Sexlog* tenha tido, no passado, uma área destinada a vídeos profissionais, mas o tráfego mostrou-se tão fraco que a companhia escolheu fechar a seção e investir apenas no conteúdo mandado pelos usuários e pelas usuárias (COHEN, 2014).

Os *websites* que compõem o mercado e as práticas de "*webcam* adulta" tais como o CAM4 movimentam bilhões de dólares com visitas diárias que somam 5% de todo o acesso online global. Algumas pessoas que disponibilizam seus vídeos podem chegar a ganhar de 75 mil a 100 mil dólares por mês, fazendo com que haja um enorme deslocamento no estereótipo da ou do *pornstar* em fotos de embalagens de DVDs na locadora (MORRIS, 2013). Com efeito, no Brasil, os DVDs praticamente deixaram de ser produzidos: grandes produtoras que, no seu auge, costumavam lançar cinco filmes por semana (tais como Brasileirinhas, Sexxy, Buttman e PlanetSex) foram obrigadas a se reinventarem na internet e nas plataformas portáteis. Ainda assim, muitas pararam de produzir, enquanto outras passaram a lançar produtos sob demanda na rede, como o *reality show* "A Casa das Brasileirinhas" e a série "O Carnaval das Brasileirinhas", que demonstram tentativas de aproximação do antigo formato mais amplo das produções pornô ao estouro dos vídeos amadores (RODRIGUES, 2004). Esse fenômeno acabou produzindo uma nova categoria de filmes pornográficos, a "pornografia realista".

Pensar a pornografia atual, portanto, parece exigir um olhar para a internet; mas não apenas a internet, como também ao fenômeno do amador. Os modos de produção, circulação e fruição destes materiais pornográficos adquirem dinâmicas

---

<sup>10</sup> Uma *sex tape* é tipicamente um vídeo pornográfico amador envolvendo uma celebridade que foi tornado disponível publicamente de forma intencional ou não. A "*sex tape*" como categoria de pornô confunde-se, muitas vezes, com a categoria "amador".

próprias, estabelecidas a partir das relações entre as possibilidades tecnológicas e, especialmente para este estudo, as transformações relacionadas às sexualidades e às relações de gênero. Ao que os vídeos amadores tornam-se a categoria de filme pornográfico mais acessado no conjunto dos materiais do tipo, chamam a atenção para algumas transformações nas visões sociais sobre o corpo e o sexo e para a flexibilização da dicotomia entre produtor e consumidor.

Este trabalho volta-se a este tema, sem desconsiderar elementos de uma indústria pornográfica transnacional, mas concentrando-se nas práticas e interações próprias da pornografia amadora ao vivo via *webcam* no CAM4, que se distribuem em negociações onde quem disponibiliza vídeos via *webcam* própria e quem os assiste compartilham expectativas, definem limites para as práticas sexuais e tecem afetividades e moralidades em torno dessas atividades. Neste trabalho, interessa analisar o lugar da sexualidade, quais são as noções de erotismo e como é a circulação de atributos de gênero nas interações sexuais e afetivas mediadas pela pornografia *live streaming*. Quais são, afinal, as dinâmicas próprias desse ambiente que produz e circula material pornográfico em um contexto de novas possibilidades tecnológicas e transformações no que se refere às relações de gênero e a sexualidade?

A fim de responder a essa pergunta, busco identificar os mecanismos particulares por intermédio dos quais a pornografia *live streaming* se organiza. Neste eixo, procuro compreender como esses mecanismos se articulam e concorrem na produção da diferença, das tecnologias de gênero e de erotismo e, também, como nublam as fronteiras do normativo e do dissidente. Além disso, busco examinar como diferentes artefatos – tais como o dinheiro, os *sex toys* e os equipamentos tecnológicos – mobilizam formas específicas de obter prazer. Finalmente, procuro verificar como a pornografia *live streaming* pode se distribuir em investimentos políticos no campo das relações de gênero e sexualidade, ainda que não esteja especialmente situada nos movimentos sociais, nas políticas sociais ou mesmo no discurso político.

Para alcançar esses objetivos, fiz uma etnografia do período de novembro de 2015 a julho de 2016 voltada ao uso das mídias digitais – um campo que tem ganhado expressão recentemente (PELÚCIO e CERVI, 2013; MISKOLCI, 2014; PARREIRAS, 2008) – para focalizar o contexto específico das interações na pornografia *live streaming* no CAM4. Os tópicos de análise se concentrarão,

majoritariamente, nas transmissões das pessoas que compartilham vídeos no site, nos significados atribuídos aos *shows* por quem as assiste e no conteúdo “externo” da plataforma, isto é, dados possíveis de acessar fora da interação entre as pessoas na plataforma, como os perfis, as ferramentas disponíveis no *website*, etc.

### **1.1 O tesão é político: justificativa e considerações epistemológicas**

Uma pesquisa sobre pornografia não se faz sem esforço. Para começar, apesar de a sexualidade não ser um objeto desconhecido à tradição disciplinar antropológica (MALINOWSKI, 1983), apenas recentemente tem sido tomada como um campo de investigação autônomo. Distanciando-se do foco às regras que regulam a reprodução em certo grupo, as pesquisas sobre a sexualidade parecem ter incorporado as transformações oriundas da emergência do debate sobre a vida privada e sobre a intimidade como centro da reflexão sobre a construção dos indivíduos na sociedade contemporânea (FOUCAULT, 2014). Apesar disso, o pornô somou-se às reflexões sobre as práticas sexuais de forma tímida, ainda que tenha encontrado um lugar nos tradicionais estudos sobre produção audiovisual (WILLIAMS, 1989; ABREU, 1996)<sup>11</sup>, nas muitas disputas feministas em torno dos mercados do sexo (DWORKIN, 1981; MACKINNON, 1989; BOURCIER, 2014; PRECIADO, 2007; VANCE, 1984; BUTLER, 2004) e também nas reflexões que circunscrevem suas implicações legais a partir de argumentos morais de base higienista, projetos de lei que regulamentam o acesso e o controle ao material pornô na internet, discussões em torno da pornografia infantil, etc.<sup>12</sup> São os valores de ordem moral e as normativas de gênero que perpassam as diversas resistências ao desenvolvimento dos estudos sobre a pornografia, tornando realmente custoso pensá-la como uma expressão do universo do erotismo e dos afetos, bem como uma prática cultural.

Há ainda outro desafio: nas etnografias, bem como no interior do debate teórico da antropologia, é frequente a discussão em torno do lugar do sujeito pesquisador em campo. Apesar do antropólogo ou antropóloga ter tradicionalmente resistido à neutralidade e à objetividade usualmente exigida nas diversas áreas do conhecimento sob o rótulo “certificador” da cientificidade, o “mito do antropólogo neutro” - bem como o questionamento da problemática do poder - só passou a ser

---

<sup>11</sup> Campo que ficou nomeadamente conhecido como *porn studies*.

<sup>12</sup> Parreiras (2015) faz uma boa revisão bibliográfica a respeito.

criticado tardiamente: não tivesse sido assim, a publicação dos diários de campo de Malinowski após a sua morte e por decisão de sua viúva não teriam causado tanto burburinho e espanto. Com efeito, como Geertz (1998, p. 85) comenta, “Um Diário no sentido estrito do termo”, com muitos comentários desagradáveis e intolerantes de Malinowski sobre os nativos que estudava, demoliu “de um golpe” a ficção “do pesquisador de campo semicamaleão, que se adapta perfeitamente ao ambiente exótico que rodeia, um milagre ambulante de empatia, tato, paciência e cosmopolitismo”. Apesar de tal publicação ter invocado muitas discussões de ordem ética para a pesquisa antropológica, Geertz argumenta que se trata fundamentalmente de uma questão epistemológica e muito importante, chamando atenção para a subjetividade como instrumento de trabalho e para o conservadorismo frente às verdades das experiências em campo.

Nesse sentido, DaMatta (1978) comenta como a formação do pesquisador e da pesquisadora, embora prepare para as diferentes fases do estudo, não orienta a pensar as disposições emocionais e físicas durante o trabalho investigativo. Trata-se do medo de sentir o *Anthropological Blues*, que leva o pesquisador ou a pesquisadora a esconder a carga subjetiva da pesquisa e a pressionar-se contra os aspectos mais próprios do relacionamento humano. Quando se trata de uma pesquisa sobre a pornografia, a incorporação das relações se torna mais marginalizada, mas parece não encontrar uma saída clara, ainda que situada nas trilhas dessas críticas. A saudade, a angústia ou o desprezo – elementos frequentemente evocados quando se trata do *Anthropological Blues* – possivelmente tornam-se menos polêmicos frente, por exemplo, ao tédio reprimido ou ao nojo que empalidece. Com efeito, é neste ponto que todos os desafios de um estudo deste tipo se encontram: as poucas (ainda que valiosas e crescentes) pesquisas e teorias sobre o tema e as moralidades em torno da sexualidade e das relações de gênero estão atravessadas – e, em alguma medida, justificadas – pelo medo de que o trato com o desejo (mais precisamente: tratar do desejo ou não tratar) se torne evidente demais em uma cultura científica muito ambígua no que se refere a como o pesquisador ou pesquisadora deve se sentir com relação à pornografia: onde a idealização moral do sujeito que pesquisa deve estar entre, de um lado, a atualização do tema proposto por DaMatta e o sentimento do *Anthropological Blues* ao “falar a verdade” (ainda que tal verdade agrida os “bons costumes”) e, de outro, um conjunto de discursos sobre ética de pesquisa que paira sobre a sexualidade

como quem diz “aproxime-se, mas não tanto”? Há, de certo, uma lacuna sobre a moralidade que incentiva a liberdade entre amar e odiar enquanto, ao mesmo tempo, nega o tesão escancarado e a subjetividade sexual do pesquisador e da pesquisadora na ciência, descortinando a forma como o debate em torno de como fazer uma pesquisa sobre o pornô divide-se em um problema metodológico ao mesmo tempo em que flagra as insistentes dificuldades de lidar com o sexo, tratado ainda como um tabu, nos termos de Kulick e Willson (1996).

Para os autores, apesar do pesquisador ou da pesquisadora se preocupar com a vida sexual dos grupos estudados, tendem a silenciar a realidade de sua própria sexualidade, o que acontece em razão da maneira a partir da qual a antropologia se desenvolveu e encontra-se ainda comprometida no que se refere ao tema do sexo:

Parece haver um determinado tipo de regra não escrita, não falada e, especialmente, não questionada sobre a ética sexual em trabalho de campo, absorvida, de alguma maneira, por todos os estudantes de antropologia durante o processo de graduação. Regra essa que pode ser sintetizada em uma única expressão: NÃO FAÇA. (KULICK; WILLSON, 1996, p. 10)

Assim, quando se trata de pesquisas que envolvem a observação direta de contextos de interação sexual, seja no espaço concreto – tais como os estudos de Díaz-Benítez (2009); Braz (2010) e Silvério (2014) – ou a partir de mídias digitais – tais como os estudos de Leite Jr. (2006), Duarte (2014) e Parreiras (2015) –, não raro os pesquisadores e pesquisadoras são interpelados e interpeladas sobre o que fazem enquanto estão pesquisando: transam? Não transam? Excitam-se? Masturbam-se? Nesses casos, pairam não somente os difíceis paradigmas da antropologia mencionados, como também um estável imaginário que coloca a experiência sexual em um campo que jamais pode vincular-se ao trabalho e à política.

Essa contradição tornou-se muito evidente diante dos questionamentos sobre os motivos a partir dos quais eu havia decidido embarcar em tal tema: o “porquê” frequentemente se desdobrava em uma dicotômica curiosidade sobre se eu gostava ou não de pornografia em paralelo à dúvida sobre se eu queria me divertir *ou* se queria politizar contra a pornografia: se eu gostasse de pornografia, seria recebida com sorrisos maliciosos sobre a “malandragem” de supostamente trabalhar e me satisfazer sexualmente ao mesmo tempo; se não gostasse de pornografia e a

compreendesse invariavelmente como uma violência, seria recebida com a seriedade de quem entende que estou ali para problematizar e politizar – trabalhar *realmente*, pois. Não pude deixar de notar como a possibilidade de politizar *também* a diversão e o prazer pareciam ausentes nos discursos das pessoas amigas e colegas que vinham conversar sobre o estudo. Isso talvez se justifique no fato de a sexualidade ter aparecido nas pesquisas (e também em documentos internacionais), por muito tempo, como algo sempre violento, ultrajante ou santificado pela gravidez ou pelo casamento heterossexual. No campo da garantia de direitos sexuais, a ótica negativa da violência, da saúde e do Estado apenas tardiamente ganhou um deslocamento para um debate positivo sobre o prazer, como explica Buglione (2002).

Faço essas observações para enfatizar a potencialidade política do tesão e para destacar como o envolvimento afetivo-sexual em campo tem implicações teóricas e interpretativas importantes e produtivas para esta pesquisa na medida em que me forçou, durante todo o período do estudo, a me perceber posicionada e parcial, nas trilhas de Haraway (1995). É verdade que, quando se trata de pornografia, o debate em torno de fazer ou não sexo em campo (BOLTON 1995, BRAZ, 2010) não encontra o mesmo eco do que em pesquisas em casas de swing ou em clubes de sexo, por exemplo. Por outro lado, é também verdade que quem pesquisa contextos de produção pornográfica, ainda que não participe das interações sexuais, se torna um *voyeur*. A “subjetividade erótica” (KULICK; WILLSON, 1996) do pesquisador ou da pesquisadora, portanto, nunca se ausenta.

Sempre fui uma mulher que consome pornografia e uma feminista pró-sexo envolvida não somente com as pautas tradicionais da discussão anti-censura e de liberdade sexual, mas também com o debate sobre a regulamentação dos mercados do sexo, que é bem localizada e articulada no Brasil. Quando iniciei esta pesquisa e passei a olhar para a produção científica sobre o tema na condição de cientista social e consumidora crítica de pornô, percebi que os estudos, em geral, não alcançavam a pessoa que assiste a pornografia: analisavam-se os filmes e as empresas de produção, fossem estrategicamente feministas ou não, e o consumo pairava no campo do “subentendido” das subjetividades de quem faz a produtora acontecer ou do pesquisador ou da pesquisadora, deixando a dúvida sobre como se sentiam ou o que queriam realmente as pessoas que viam a pornografia ali produzida ou estudada. Com efeito, estando no lugar de quem assiste pornô – mais

especificadamente, de uma mulher feminista que assiste pornô –, sentia uma constante sensação de deslocamento.

Essa foi a inquietação que me levou ao desejo de estudar a pornografia *live streaming*, um pornô que é negociado com quem o assiste e que torna possível acessar amplamente não somente quem está no enquadramento da câmera ou manipulando-a, mas também quem está vendo as imagens. Assim, embora eu não fosse uma consumidora contumaz de pornografia ao vivo, apesar de acessar outros tipos de vídeos amadores, o *live streaming* apresentou-se como relevante para o ativismo e para a pesquisa nacional desde o que possibilitava diante da pergunta desta pesquisa e de seus desdobramentos.

A partir dessas considerações preliminares de ordem política, dedicarei este item para pensar a pirâmide erótica de Gayle Rubin e para, eventualmente e brevemente, contextualizar a também necessária discussão epistemológica sobre o corpo desde a crítica aos dualismos.

#### 1.1.1 Gayle Rubin e os problemas da pirâmide erótica

Não seria possível discutir uma política do tesão sem a *teoria radical do sexo* tal como definida por Gayle Rubin em *Pensando Sexo: uma teoria que seja capaz de “identificar, descrever, explicar a denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual”* (RUBIN, 1999, p. 11).

Para Rubin (1999), pensar competentemente o sexo exige compreender o sujeito, tornando-o conhecido, ao mesmo tempo em que lança descrições sobre a sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história para que se possa denunciar a perseguição sexual. A antropóloga argumenta que o campo da sexualidade tem uma política interna que compreende desigualdades diversas: como qualquer esfera da experiência, “as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são [...] imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais” (RUBIN, 1999, p. 1). É neste momento que Rubin reconhece que o sexo é sempre político, uma afirmação importante para as trilhas desta pesquisa. Contudo, ela enfatiza como há tempos em que a sexualidade é mais contestada e mais politizada, de forma que tal domínio acabe renegociado. Que tempos são os nossos no que se refere a flexibilidade das negociações em torno da sexualidade?

As falácias em torno do sexo que Gayle Rubin identifica para compreender as dificuldades do desenvolvimento de sua teoria parecem dialogar com as dificuldades práticas que pesquisadores e pesquisadoras enfrentam para pensar a pornografia. Rubin (1999) denuncia a noção de que tudo o que é relacionado ao sexo é ruim e perigoso, bem como a ideia de que as questões sexuais são tratadas com exagero, como se o sexo fosse um “caso especial” que exigiria todo um conjunto de cuidados e protocolos diferentes daqueles que são impostos para outras questões em nossa sociedade. Dessa forma, a legitimidade de certas experiências e preferências operaria regras diferentes.

Rubin (1999) também denuncia a falta de trabalhos que questionem a heterossexualidade como uma medida para a sexualidade: a partir do momento em que práticas heterossexuais são tomadas como um marco zero, passam a ser vistas como naturais e inatas, enquanto outras acabam interpretadas como inferiores, estranhas ou desviadas. Gayle Rubin sugere que, se essa questão última não for superada em nossas pesquisas, todas as demais falácias continuarão atravessando o trabalho científico e a sua “teoria radical do sexo” não poderá entrar em jogo.

Finalmente, a antropóloga critica a valorização hierárquica das práticas sexuais, levando-a a criar uma ferramenta chamada “pirâmide erótica”, que organizaria práticas sexuais de maneira gradual, fazendo com que algumas fossem tomadas como normais – como aquelas praticadas pelos heterossexuais reprodutivos e casados – e outras como perversas – como as pessoas trans, fetichistas e trabalhadoras do sexo, por exemplo. É outra falácia pensar que o comportamento sexual é o fundamento de toda a virtude humana; no entanto, é essa noção que produz o que Rubin chama de “dominó do perigo sexual”, que consiste na crença de que qualquer desvio no plano da sexualidade gerará uma cadeia de efeitos em outros campos da vida social, produzindo o “pânico sexual”.

Os efeitos sociais produtos da pirâmide das práticas sexuais posicionam socialmente as pessoas de maneiras diferentes: os indivíduos que são situados como trans poderão ser mal recebidos pelo sistema de saúde, por exemplo; as pessoas cujas orientações sexuais são discriminadas também enfrentarão dificuldades no campo da saúde e do trabalho. Mesmo a imigração e seus efeitos econômicos têm relação direta com a sexualidade e, eventualmente, os desejos sexuais. Armas (2008), comentando sobre a tendência de se pensar a sexualidade apenas desde a perspectiva dos instrumentos de controle da natalidade e dos

“fatores de risco” para a saúde e para o bem-estar das pessoas, critica a tendência de se tratar a sexualidade como “adicional” aos “temas reais e importantes” como a habitação, o emprego e a educação. O autor argumenta que, para além de se afirmar que um tema supostamente “inútil” como a sexualidade é tão importante quanto os temas em torno da educação, saúde e trabalho, é preciso entender que os direitos sexuais são todos os demais direitos.

É verdade que Armas (2008) propõe uma reflexão sobre o que se tem chamado de “desenvolvimento” sob a ótica do direito, mas sua discussão também pode ser deslocada para a pesquisa. Por seu turno, e especialmente, a breve revisão de *Pensando Sexo* (RUBIN, 1998) evidencia a importância de situar a pornografia no centro de um debate político que vá além daquele que a relaciona aos estudos sobre a violência, a saúde ou o Estado, bem como a caracterização e problematização das falácias que impedem esse exercício.

#### 1.1.2 Corpos importam: as críticas ao dualismo mente/corpo

Tais considerações exigem um deslocamento sobre como se pensa o corpo, um tema em disputa nos estudos ciências sociais. Segundo Lyan e Barbalet (1994), a maior parte desses estudos mais recentes tem procurado pensar o corpo como um terreno de teoria e prática médica (ver, por exemplo, os trabalhos de Foucault (1994; 2014) e, também, Elias (1993)). As concepções do corpo implícitas nessas abordagens convergem no sentido em que ambas o postulam como mais ou menos passivo frente a forças subordinantes. De acordo com elas, o corpo é visto como um resultado de processos sociais diversos: corpos de indivíduos que são subordinados a forças sobre as quais eles não têm controle. O corpo surge como um texto sobre o qual o poder da sociedade é inscrito ou a partir de suas funções, moldadas através de forças sociais historicamente determinadas. Grosz (2000) diz que, na tradição do pensamento feminista, tal abordagem sobre o corpo deu-se no sentido de direcionar lutas políticas para a neutralização dele: nestes casos, os corpos não seriam tanto consequência de intervenções médico-tecnológicas, mas resultado de um programa de equalização através da reorganização social da educação e socialização das crianças. O corpo é, assim, um mero meio de comunicação: a “base natural” sobre a qual uma ideologia agiria, funcionando como um parasita<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Ver feministas envolvidas com a noção de construção social da subjetividade, como Kristeva, 1981; Chodorow, 1990; entre outras feministas psicanalistas e marxistas.

Essas abordagens produziram uma enorme ruptura científica, pois o corpo vinha sendo assumido como uma fonte de interferência e um perigo para as operações da razão, sendo, portanto, ignorado<sup>14</sup>. No entanto, apesar de não o verem como um obstáculo a ser vencido, passando a considerá-lo nas pesquisas, o corpo permaneceu natural, a-histórico, pré-cultural e organicista, enquanto a mente continuou o único objeto social, cultural e histórico. Por trás dessa distinção, produziu-se uma manutenção de dualismos seculares: mente e corpo, frequentemente associados a outros pares de oposição, como pensamento e extensão, razão e paixão, psicologia e biologia. Essa separação do ser não é uma mera bifurcação neutra de um campo descritivo abrangente: “o pensamento dicotômico necessariamente hierarquiza e classifica os dois termos polarizados de modo que um deles se torna o termo privilegiado e o outro sua contrapartida suprimida, subordinada, negativa” (GROSZ, 2000, p. 47).

É possível inserir o estranhamento em torno de uma pesquisa sobre pornografia nesse terreno de discussões sobre a corporeidade e a crítica ao (ou à manutenção do, como vimos) dualismo: o pornográfico, enquanto aquele que fala e se refere ao corpo, precisa constantemente justificar-se a fim de não cair no vulgar, no vazio e no passivo justamente porque ele fala sobre o corpo. Para o pornográfico ser legítimo, ele deve falar à mente antes de falar ao corpo, afastar-se da materialidade das práticas sexuais e aproximar-se do seu simbolismo – quanto menos o sexo falar sobre o sexo e mais falar sobre outra coisa, como a violência ou o trabalho, em uma clara dissociação entre os elementos, maiores serão suas chances de se tornar algo extraordinário, algo complexo e algo ativo.

Criticar o dualismo entre corpo e mente não se trata de negar que o corpo é sujeito ao poder social e que ele está na dimensão da representação e do discurso. No entanto, um estudo sobre pornografia nesses termos exige pensar que o corpo não é *simplesmente* um recipiente passivo dos moldes da sociedade e, portanto, externo a eles. A capacidade humana relacionada à agência para contribuir individualmente e coletivamente ao mundo social vem precisamente de uma experiência vivida de corporeidade (LYAN; BARBALET, 1994). A diferença, a partir

---

<sup>14</sup> Grosz (2000, p. 52) comenta que “no Crátilo, Platão afirma que a palavra corpo (soma) foi trazida pelos sacerdotes órficos, os quais acreditavam que o homem era um ser espiritual ou incorpóreo preso no corpo como numa cela (sema)”. Em sua doutrina das Formas, Platão via a própria matéria como uma versão desqualificada e imperfeita da Ideia. O corpo seria, assim, uma traição da alma, da razão e da mente, e sua prisão.

dessas críticas, é que o corpo deixa de ser apenas um instrumento, corpo significado ou corpo como lugar de inscrição (fazendo referência aqui à metáfora textualista) da cultura, para ser, *também*, um corpo fenomênico, o *corpo vivido*, o *locus* da cultura, um meio de experimentação do “fazer-se humano” em múltiplas possibilidades (CSORDAS, 2008). O corpo é visto, assim, como um objeto político, social e cultural por excelência e não o produto de uma natureza crua, passiva, que é civilizada, superada e polida pela cultura.

Assumir os corpos como agentes em suas próprias construções de mundo em intercomunicação e ação embaralha a dicotomia apriorística da mente e do corpo, provoca pensar nas relações entre elas e força um abandono ao reducionismo de analisar as ações de um termo binário em detrimento do outro, como Butler (2000a), Haraway (2013) e Preciado (2014) explicam. Pensar o pornográfico a partir dessa vertente teórica nublaria as fronteiras entre o corpo e a mente, estimulando uma interpretação não linear sobre as noções. O corpo do pornográfico se deslocaria, assim, da posição do vazio para um lugar de desejo, de significado e de poder, tornando-se um objeto social e político.

De algum modo, essas são questões de ordem epistemológica que se colocam para essa pesquisa em um esforço para que ela se some a outras a fim de contribuir para um campo recente. Trata-se de se afastar da tendência, acusada por Preciado (2008a, p. 32, tradução minha), de pensar a pornografia como um “detrito cultural” ou como “hipótese do masturbador imbecil”, segundo a qual o material pornográfico é visto como “a soma zero da representação”, um código fechado e repetitivo cuja função única é e deveria ser a masturbação acrítica – com a criticidade vista como um obstáculo para o sucesso masturbatório. Ainda nas palavras de Preciado (2008a, p. 33, tradução minha):

Nós ouvimos que a pornografia não merece o mérito da hermenêutica. Mas talvez chegou a hora de formular uma ecologia política geral da cultura que esteja preocupada em reavaliar a produção, definição e a reciclagem de seus detritos culturais, bem como engajar-se em uma possível revolução de objetos sexuais e masturbadores imbecis, que possam se tornar produtores subversivos e usuários críticos da pornografia.

## **1.2 A organização do texto e dos capítulos**

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos principais. No próximo, me dedico a uma breve revisão da literatura. Inicialmente, exploro as dificuldades que circunscrevem a fixação de um conceito para a pornografia para, em seguida,

analisar as diferentes disputas decorrentes do seu inerente caráter movediço. Nesse eixo, destaco as discussões no centro do debate feminista e *queer*, perpassando os argumentos anti-pornografia das feministas radicais, as contribuições feitas em resposta a esse movimento teórico e militante e as propostas da chamada pós-pornografia, problematizando seu frequente uso como um sinônimo para a pornografia feminista. Finalmente, articulo o tema da pornografia com a *scientia sexualis* de Foucault, as tecnologias de gênero de De Lauretis, a sociedade farmacopornográfica de Preciado e o mito do ciborgue de Haraway, tomados como marcos teóricos para este estudo.

No capítulo 3, introduzo o site CAM4 a partir das primeiras incursões de campo, apresentando uma etnografia da plataforma "em si mesma": as condições de uso, o processo de registro como membro da comunidade, a interface e os recursos dos perfis e das transmissões, as estratégias de comunicação com os usuários e usuárias e as lógicas que permeiam a taxonomia do sistema - isto é, as categorias dadas de antemão -, a permissibilidade das *tags* e a circulação de *fichas*. Em seguida, situo o CAM4 em uma discussão sobre o pornô amador a partir de considerações sobre autenticidade e intimidade, propondo um debate preliminar sobre alguns dos deslocamentos colocados por essa modalidade na economia da sexualidade e na noção de pornografia hegemônica ou *mainstream*. Finalmente, encerro o capítulo com algumas precisões metodológicas sobre a etnografia dos usos das mídias digitais. Então, passo a me dedicar exclusivamente aos usos criativos dados à plataforma, organizando os capítulos seguintes por tema.

No capítulo 4, analiso alguns dados etnográficos que me fizeram deparar com o tema do dildo e da pornografia denominada bizarra, destacando as disputas políticas em torno das práticas sexuais no eixo de uma discussão sobre normatividade heterossexual e relações hegemônicas.

No capítulo 5, dou foco às relações entre dinheiro, sexo, afeto e tecnologia no centro de um debate sobre as relações entre dinheiro e intimidade e sobre os diferentes significados investidos nos *tokens* negociados no CAM4.

No capítulo 6, invisto em recortes etnográficos para pensar a forma como a pornografia *live streaming* produz diferenças em um contexto de intensas contradições. Neste sentido, analiso as variadas tensões colocadas para transexuais na plataforma, as interações entre a categoria no marco das desigualdades entre Norte e Sul, a ausência dos homens trans no CAM4, os obstáculos no consumo da

pornografia *live streaming* do CAM4 por mulheres, a produção da diferença racial nessa categoria e as ambivalências da categoria destinada aos homens.

Todos os capítulos possuem um item final de síntese.

## 2 “I KNOW IT WHEN I SEE IT”: MARCOS CONCEITUAIS, DISPUTAS FEMINISTAS E TEORIA PORNÔ

*En la pornografía el cuerpo es vulnerable a la imagen.*

Paul Beatriz Preciado

Em 1964, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidia se o estado de Ohio poderia, coerente com a Primeira Emenda, banir a veiculação do filme de Louis Malle, "Les Amants", acusado de ser obsceno porque suas cenas vinham sendo interpretadas como “pornografia *hardcore*”. Nico Jacobellis, gerente do Teatro de Belas Artes do bairro Coventry Village em Cleveland Heights, fora condenado e multado a pagar 2.500 dólares por um juiz do Tribunal de Pequenas Causas de Cuyahoga por exibir o filme, e sua sentença foi levada à Suprema Corte de Ohio, que a reverteu sob o argumento de que o filme não era obsceno, portanto era protegido constitucionalmente. No entanto, o tribunal não era capaz alcançar uma lógica coerente para a decisão: a maioria somava quatro posições diferentes (LATTMAN, 2007). Entre os distintos posicionamentos, o que se tornou mais famoso foi o de Potter Stewart:

"Hoje eu não devo tentar definir que tipos de material eu entendo estarem sendo abrangidos nesta breve descrição [sobre pornografia *hard-core*]; e talvez eu nunca seja bem sucedido em inteligivelmente fazer tal coisa. Mas **eu sei quando eu vejo**, e o filme cinematográfico envolvido no caso não é [obsceno/pornografia *hard-core*]." (LATTMAN, 2007, tradução minha, grifo meu)

O caso que é hoje chamado de “Jacobellis v. Ohio” tornou-se um exemplo sobre as dificuldades de definir o que é pornográfico e sobre suas associações com o obsceno. A máxima de Stewart, por seu turno, revela não apenas que a pornografia parece carecer de uma significação amparada por parâmetros claros e bem definidos, mas também que, quando assim caracterizada, o é a partir de juízos e valores que se distribuem sobre a sexualidade em determinado contexto. Entendemos a pornografia como tal *quando a vemos*, por isso, aquilo que é pornográfico para uma pessoa pode não o ser para outra. Nesse sentido, Miller (1949, apud MORAES, 2003, p. 129) observa que “não é possível encontrar a obscenidade em qualquer livro, em qualquer quadro, pois ela é tão-somente uma qualidade do espírito daquele que lê, ou daquele que olha”. Para o autor, essa

“qualidade do espírito” está intimamente relacionada à “manifestação de forças profundas e insuspeitas, que encontram expressão, de um período a outro, na agitação e nas ideias perturbadoras.” Tais conflitos conceituais, por seu turno, atravessam disputas políticas em torno da pornografia e colocam intensos desafios para uma teoria sobre o pornô.

Neste capítulo, apresentarei uma síntese das tensões sobre a construção da pornografia como um conceito. Mais tarde, me dedicarei a discutir como os diferentes tipos de pornografia, bem como suas diversas concepções, se distribuíram em disputas políticas no centro da produção feminista em nível teórico e de militância, apresentando os argumentos anti-pornografia das feministas radicais – dando especial ênfase aos trabalhos de Dworkin (1981) e Mackinnon (1989) – e as contribuições das feministas pró-pornografia – destacando os textos de Vance (1984), Butler (2004) e Preciado (2007). Neste item, também busco explorar a chamada pós-pornografia a partir de Bourcier (2014). Depois, apresentarei a *scientia sexualis* de Foucault (2014), as tecnologias de gênero de De Lauretis (1994), a sociedade farmacopornográfica de Preciado (2008b) e o mito do ciborgue de Haraway (2013) como marcos teóricos para este estudo.

## **2.1 Ser ou não ser pornográfico: problemas de definição**

A pornografia como um termo é recente, tendo sido utilizada pela primeira vez da forma como geralmente a entendemos, ainda que com as suas múltiplas variações, no século XVIII. Literalmente, pornografia significa “escritos sobre prostitutas”, em um derivado do *porné* – que, em grego antigo, designa prostituta – e *graphos* – representação que, desde a Antiguidade, parece oscilar entre a escrita e a pintura (HYDE, 1973). Maingueneau (2010) atenta para o fato de que essa referência à prostituição parece ter desaparecido progressivamente: para o linguista, a pornografia passa a surgir, na atualidade, como uma expressão ou sugestão de assuntos obscenos no universo da arte, com o propósito de estimular ou explorar as sexualidades dos indivíduos<sup>15</sup>. O pornográfico se refere, assim, a “uma categoria que

---

<sup>15</sup> Apesar de o termo pornografia ter-se afastado da ideia de prostituição semanticamente, os indivíduos nos chamados “mercados do sexo” parecem transitar cada vez mais entre atividades, tornando difícil um delineamento fixo entre as práticas. Na etnografia de Díaz-Benítez (2009) sobre as redes que conformam o universo de produção pornô brasileira, a pesquisadora verificou que muitos indivíduos trabalham com prostituição enquanto fazem filmes; alguns fazem filmes e trabalham com prostituição posteriormente. Quando se trata do uso de mídias digitais, as ferramentas multimídia atualmente disponíveis tornam ainda mais nebulosas as fronteiras entre uma prática e outra.

permite classificar algumas produções semióticas (livros, filmes, imagens...)”, ao mesmo tempo em que define “um julgamento de valor que desqualifica quem pode aparecer em interações verbais espontâneas ou em textos provenientes de grupos mais ou menos organizados” (p. 14), tornando a pornografia uma apresentação de “coisas obscenas”.

Assim, para Maingueneau (2010), é preciso levar em conta a obscenidade ao circunscrever a pornografia: o obsceno é o método corruptor do libertino por excelência, estabelecendo relação muito estreita com as imagens e textos da pornografia, seu principal veículo de ofensivas ao pudor (MORAES, 2003). Nesse sentido, citando Sotang (1987, p. 61), Abreu (1996, p. 24) escreve que

o obsceno é uma convenção, a ficção imposta sobre a natureza por uma sociedade convicta de que há algo de vil nas funções sexuais e por extensão no prazer sexual (...) o obsceno é uma noção primal do conhecimento humano, algo de muito mais profundo que a repercussão de uma aversão doentia da sociedade ao corpo. (...) Por mais domesticada que possa ser, a sexualidade permanece como uma das forças demoníacas na consciência do homem (sic).

O obsceno denota um universo constituído de práticas enraizadas, principalmente, na oralidade. É a obscenidade que torna possível o entrelaçamento entre a imagem e o texto da pornografia e o prazer sexual; a obscenidade é esse corpo de enunciados situados em uma rede arrevesada de alusões; e alusões não apenas à sexualidade, pois o obsceno pode se referir a diversas ações humanas. O que importa ao obsceno é ferir o pudor, mostrar-se, como bem informa a corruptela *scena* do seu significado literal, “fora de cena”: “Cometer uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar fora dela. É transgredir. Nessa ambiguidade (ou ambivalência?) – fora de cena/dentro de cena – se funda o conceito de obsceno” (ABREU, 1996, p. 18).

Tal entendimento sobre o que é a pornografia dialoga com o que Jorge Leite Júnior (2006) sugere ao atribuir à pornografia a função de excitação sexual e ao associá-la ao obsceno; porém, o autor também acusa o seu potencial de hierarquizar as práticas sexuais, colocando algumas no lugar de saudáveis e normais e outras no lugar de doentes e perversas. Nesse sentido, ele denuncia a própria diferença frequentemente atribuída entre o erótico e o pornográfico como resultado da forma como a caracterização desse tipo de material depende dos juízos de valor sobre o sexo que povoam a mente das pessoas que o apontam: o erotismo é *apreciado*; o pornográfico, *consumido*; quem está para o primeiro é saudável,

limpo, belo e moral; quem está para o segundo é doente, sujo, feio e pervertido. O erotismo vem alimentar a “boa cultura”; o pornográfico, a pobreza de espírito, de dinheiro e de erudição. Raramente ouve-se falar em “poesia pornográfica”, apesar de todos estarem habituados com a expressão “poesia erótica”; diferenciam-se “bares eróticos” de bares frequentemente nomeados de “zona” ou “swing”. O mesmo pode ser pensado para o cinema ou para a fotografia. Há, assim, uma separação sutil, porém persistente, do imaginário, onde habita uma sexualidade que pode ser localizada como erótica *ou* pornográfica. Essa lógica traduz-se bem na máxima de Robbe-Grillet (apud LEITE JR. 2006), “a pornografia é o erotismo dos outros”, que reforça como a caracterização de um material como pornográfico depende amplamente das moralidades de quem a avalia.

Em sua dissertação sobre a pornografia denominada bizarra, Leite Jr. (2006) também chama a atenção para o fato de que o pornô estaria associado ao produto de consumo, ponto para o qual Pátaro (2014, p.26), em uma pesquisa sobre a pornografia feminista de Erika Lust, também atenta ao afirmar que “atualmente a pornografia é feita somente visando o lucro.” Díaz-Benítez (2009), em sua etnografia sobre os bastidores de produtoras brasileiras de filmes pornográficos, também se filia a essa noção, tendo em vista as características de seu campo, bem como as ideologias que o guiam. Apesar da relevância de pensar as relações entre pornografia e mercado, essa conceituação esbarra em alguns dos atravessamentos do pornô amador, como procurarei discutir no próximo capítulo.

Gregori (2003), em uma pesquisa etnográfica sobre a *sex shop Good Vibrations*, que foi fundada por mulheres lésbicas a fim de “construir um mercado alternativo ao convencional” (p. 109), também associa a pornografia ao obsceno – e, portanto, ao transgressivo – quando diz que o material pornô se caracteriza por

**Expressões escritas ou visuais que apresentam, sob forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais.** Essa noção da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores da pornografia, o sentido moderno desse tipo de representação. (p. 94-95, grifo meu)

No entanto, a associação entre o pornô, o obsceno e o subversivo encontra controvérsias: Díaz-Benítez (2009), ao tratar de produtoras de vídeos pornô, sugere cautela ao pensar esses materiais no centro de uma discussão sobre violação de tabus, uma vez que também conjugam uma série de conservadorismos.

Nesse sentido, faz-se necessário articular um debate sobre as diferentes pornografias, potencialmente inserido não somente em uma crítica de mercado, mas também em uma discussão sobre as relações de gênero, tal como articulam os dados já mencionados de Gregori (2009) e de Pátaro (2014), e também os de Parreiras (2014) sobre *altporn* online e os de Duarte (2014) em uma etnografia documental sobre pornografia feminista. Duarte (2014), especialmente a partir da análise de diversos autores e diversas autoras, acusa que “não há dúvidas que a pornografia de grande circulação (também chamada *mainstream*) seja representativa de uma economia do desejo e da sexualidade masculina” (p. 12), o que denuncia uma certa hipocrisia diante do discurso transgressor de libertação sexual, próprio da “Era de Ouro” do cinema pornográfico<sup>16</sup>.

De maneira muito semelhante à organização cultural vigente, **o cinema erótico reproduzia uma noção de “papéis sexuais” rígidos baseados em distinções de gênero que levou alguns comentadores a questionar o autoproclamado poder de subversão de um gênero que parecia, de determinada perspectiva, pouco desafiador em relação às estruturas sociais** – e no caso, não apenas das estruturas de gênero. Gagnon diz (2006, p. 101) que “quase toda a pornografia é, em certa medida, a externalização concreta da visão fantasiosa que os homens tem da sexualidade, compartilhando e resumindo seu conteúdo. [...] Neste sentido, em termos de sua representação das relações sexuais, a pornografia é no plano social e político, profundamente conservadora”. (DUARTE, 2014, p. 11-12, grifo meu)

Da crítica ao conservadorismo desse tipo de pornografia – que, quando não chamada de “*mainstream*”, “de grande circulação”, “industrial” ou “de massa”, é frequentemente referenciada como “moderna”<sup>17</sup> –, sem dúvida, emergem as produções da pornografia feminista ou da chamada pós-pornografia, termos frequentemente tomados como sinônimos (DUARTE, 2014), apesar das controvérsias, como analisarei no próximo item.

Preciado (2008b), cujos trabalhos conjugam parte importante dessa bibliografia, em seu *Testo Yonqui*, chega a dedicar várias páginas para categorizar a pornografia:

**1. A pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório.** A pornografia como indústria pornográfica tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. **O que caracteriza a**

<sup>16</sup> A “Era de Ouro” do cinema pornográfico iniciou em 1970 e se caracterizou pela exposição de filmes sexualmente explícitos em cinemas convencionais (e não apenas em clubes de homens ou cinemas eróticos), pela popularização do gênero e pelo surgimento da “estrela pornô” na indústria erótica, superando o anonimato de produções anteriores

<sup>17</sup> Especialmente pelo movimento pós-pornô, sobre o qual discutirei em breve.

**imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, com independência da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção do prazer (...).** 2. **A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação pública,** onde "pública" implica direta ou indiretamente comerciável (...). **[A pornografia é um] dispositivo de publicação do privado.** Ou, mais ainda, um dispositivo que, ao representar uma porção do âmbito público, o define como privado carregado de um valor masturbatório suplementário. Se trata, por tanto, de uma caracterização política da representação. (...). 3. A pornografia é teletecnomasturbação. A globalização da farmacopornoeconomia através da digitalização audiovisual e sua transmissão ultra rápida sobre uma diversidade de suportes técnicos (...) gera um "efeito mariposa" da gestão global dos ciclos excitação-frustração (...). 4. **A pornografia reúne as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: virtuosismo, possibilidade de reprodução técnica (...).** A única diferença, até agora, é seu estatuto *underground*. (...) 5. Na verdade, a indústria pornográfica é a indústria cultural e do espetáculo assim como a indústria do tráfico de drogas ilegais é a indústria farmacêutica. (...) **O próprio da pornografia como imagem resulta mais de uma questão de cenografia, de teatralização e iluminação do que de conteúdo: basta um corpo (...), um corpo tanto mais desejável quanto inacessível, cujo valor masturbatório é diretamente proporcional a sua capacidade de se comportar como uma espuma fantasia abstrata.** (PRECIADO, 2008, p. 179-181, tradução minha, grifo meu)

Como se faz evidente, a extensão das tensões em torno das distintas concepções de pornô são marcadas não somente pelo peso das moralidades, mas também pela enorme dificuldade em lidar com a crescente diversidade de pornografias, que tem exigido debates sobre a manutenção ou não da noção de pornô para materiais que não se voltam essencialmente ao público masculino e heterossexual e sobre utilizar ou não novos conceitos para debater novos tipos de pornografia.

Considero que a pornografia sobre a qual esta pesquisa trata conjugue, exclua ou até amplie as mais variadas concepções reunidas na revisão da literatura, como pretendo demonstrar a partir da etnografia. De qualquer maneira, neste momento, as discussões conceituais visitadas provocam a pensar em que medida a pornografia *live streaming* se situa nessas disputas. No que se refere a concepções que trazem a pornografia como um produto de consumo cujo maior objetivo é o lucro, também cabem considerações sobre a produção amadora, na qual a modalidade *live streaming* está incluída: qual é o lugar do compartilhamento de materiais declaradamente pornográficos com a finalidade única de alcançar a excitação sexual? Por outro lado, se a pornografia está nos olhos de quem vê, como as pessoas que acessam o CAM4 a percebem a partir de suas interações na plataforma?

## 2.2 Sex wars: disputas feministas em torno da pornografia

A pornografia se tornou um tema de discussão no feminismo a partir das feministas radicais, nomeadamente Mackinnon (1989) e Dworkin (1981). Para as duas, o pornô surge como um modelo explicativo e multiplicador da opressão política e sexual das mulheres e, portanto, como uma forma de promoção da violência e da dominação sobre elas. Na pornografia, as mulheres seriam sempre objetificadas pelos homens – assumidos desde uma identidade única, fixa e essencialista –, de forma que a única estratégia viável frente a ela seria a censura e a abolição. Essa vertente de teorias passou a ser classificada como “anti-pornografia”, “anti-sexo” ou “pró-censura”. Se a pornografia é a produção da desigualdade e da violência de gênero, deve ser proibida.

De acordo com Duarte (2014), esse debate surgiu nos EUA no fim da década de 70, sob o governo bastante conservador de Ronald Reagan. O movimento *Women Against Violence Against Women*, do feminismo radical, lançou uma conferência que acabou evocando o debate sobre pornografia e violência, de forma que, no ano seguinte, surgiu o *Women Against Violence in Pornography and Media* (WAVPM). Em alguns anos, também foi criado o *Women Against Violence*. Esses movimentos promoveram ações diversas até a metade da década de 80; entre elas, não somente ocorreram muitas reuniões de discussão, mas também marchas: em 1987, a WAVPM organizou um protesto que reuniu cerca de 5 mil mulheres pedindo o fim da pornografia. A partir de 1979, surgiram as primeiras obras feministas anti-pornografia, e, em 1983, Dworkin e Mackinnon finalizavam a primeira versão de um projeto de lei municipal que propunha o banimento e proibição de materiais pornográficos. Essa regulamentação foi aprovada em muitas cidades e algumas trabalhavam versões próprias da proposta.

No entanto, as regulamentações jamais passaram. Além de serem invariavelmente declaradas inconstitucionais, esbarravam nas dificuldades de caracterização do pornográfico. Duarte (2014), ainda em sua etnografia documental, faz uma análise minuciosa desses documentos e denuncia os moralismos por trás da pornografia que tais políticas vinham tentando proibir. Não se tratava de *qualquer* pornografia: o que estava em jogo, claramente, eram modalidades particulares de sexo e orientações de desejo. Outro aspecto que Duarte (2014) aponta em seu estudo volta-se para um estranho silêncio com relação a outros materiais midiáticos

que igualmente colocavam as mulheres em lugar de submissão: ao mesmo tempo em que havia uma imensurável preocupação em proibir algumas pornografias, não se via grandes esforços para criticar a publicidade, por exemplo.

Essas moralidades passaram a ser apontadas por diferentes feministas da época: tão logo as ativistas pró-censura iniciaram suas atividades, outras passaram a problematizar seus argumentos. Os primeiros conflitos começaram quando o WAVPM equiparou o sadomasoquismo a outras práticas de violência contra a mulher. Um grupo de lésbicas praticantes de BDSM<sup>18</sup> lançou o movimento SAMOIS em 1978 e, em 1979, quando essa comparação foi feita, a disputa teve seu início. Outras ativistas se juntaram a SAMOIS e, mais tarde, surgiu o FACT (Feminist Anti-censorship Taskforce), com a intenção de impedir essas regulamentações pró-censura através de uma argumentação feminista. Uma das preocupações desses grupos voltava-se para as perigosas alianças políticas que as feministas anti-pornografia vinham fazendo com movimentos ultra-conservadores dos EUA. As feministas favoráveis à pornografia lançaram, assim, diversas conferências e livros de literatura erótica sobre BDSM lésbico.

Novos eventos de crítica às políticas anti-pornografia surgiram, e com eles, novas publicações. Uma das mais populares foi organizada por Carol Vance (1984) e se propôs a debater o binômio prazer e perigo. Esse livro problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, bem como a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em um mapa totalizante da subordinação patriarcal. Para essas feministas – em uma vertente que se consolidou como “pró-sexo” ou “pró-pornografia” – se trata principalmente de pensar alternativas sexuais que implicam o prazer dos parceiros. No interior dessa tradição feminista em favor da liberdade sexual – que reuniu, além do ativismo, teóricas e pesquisadoras de várias origens disciplinares – o erotismo surge no centro do debate.

Em uma discussão densamente teórica em *The force of fantasy: Feminism, Mapplethorpe, and Discursive Excess*, Butler (2004) se dedica a debater as relações entre fantasia, realidade e a lei, também em crítica ao discurso anti-pornografia:

---

<sup>18</sup> BDSM é um acrônimo para a expressão "Bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo". O BDSM tem o intuito de trazer prazer sexual através da troca erótica de poder, que pode ou não envolver dor, submissão, tortura psicológica, cócegas e outros meios. Por padrão, a prática é aplicada por uma pessoa à outra.

Naquelas posições anti-pornografia que são favoráveis à censura, há uma teoria da fantasia implícita [...]. **Essa teoria, a que me refiro como o conjunto dessas pressuposições não teorizadas, se fundamenta em um realismo representacional que confunde o significado de fantasia com o seu (impossível) referente e atribui à “representação” um ato violento e, em termos legais, um ato discriminatório ou efeito “real”.** Esse deslize da representação para uma reivindicação ontológica move-se em duas direções ao mesmo tempo: estabelece um primeiro referente que a representação reflete e representa e, ao mesmo tempo, o assume como efetivamente performado e performativamente efetivado pela representação. **De acordo com essa teoria implícita, o real é posicionado tanto antes quanto depois de sua representação; e a representação se torna um momento de reprodução e consolidação do real.** (BUTLER, 2004, p. 185, tradução minha, grifo meu)

Butler (2004) critica a relação mimética entre o real, a fantasia e a representação subentendida nos discursos das feministas anti-pornografia porque, segundo ela, o real é uma construção variável que é condicionada desde uma relação com seu exterior constitutivo. Dessa forma, as feministas pró-censura acabariam produzindo posições estáticas de gênero:

A razão pela qual as representações não simplesmente saltam da página para bater em nossa cabeça, apesar de às vezes fantasiarmos precisamente isso, é que **mesmo as representações pornográficas como fantasia textualizada não fornecem um único ponto de identificação para seus espectadores, a não ser se forem presumidamente estabilizados em posições-sujeito masculinas ou femininas. De fato, o postulado de um acesso de identificação único para a representação é precisamente aquele que estabiliza a identidade de gênero;** a possibilidade de uma identificação-cruzada produz um tipo de problema de gênero que a análise do discurso anti-pornografia amplamente suprime. (BUTLER, 2004, p. 193, tradução minha, grifo meu)

Assim, para Butler (2004), se a pornografia deve ser entendida como fantasia, como as ativistas anti-pornografia quase invariavelmente insistem, então o efeito da pornografia não é forçar as mulheres a se identificarem com uma posição subordinada, mas fornecer uma oportunidade para que se identifiquem com toda a cena, agentes e receptores, quando e se essas “posições” são claramente discerníveis nas ações e cenários das cenas masturbatórias de triunfo e humilhação. A pornografia não restringiria identificações com qualquer posição. O texto de Dworkin (1981), ao qual Butler (2004) dirige sua crítica, paradoxalmente nos mostra como a interpretação da feminista radical em questão é derivada de uma visão a partir da qual ela limita a si mesma a uma posição de mudez e violação passiva desde seu próprio ponto de vista.

A lógica do determinismo epistemológico que estabiliza “masculino” e “feminino” em um quadro de opressão unilateral produz um impasse: se a

representação pornográfica é a fantasia de alguém, supostamente a fantasia do “homem” – amplamente e ambigualmente construído – e, se a “espectadora mulher” é o objeto violado daquela fantasia que se tornou em ação, então as mulheres, por definição, jamais serão agentes da fantasia pornográfica.

Desde uma mesma perspectiva, mas com outro tom, Paul Beatriz Preciado (2007) também critica a presumida objetificação das mulheres presente no discurso de censura. Para o autor, o discurso pró-censura não faz nada mais do que enfatizar essa mesma objetificação: por um lado, insinua que mulheres não são sujeitos ao que as apresenta como simples receptores dos desejos do homem heterossexual e cisgênero<sup>19</sup>; por outro, perpetua esse poder que os homens cumprem sobre a sexualidade, afastando as mulheres desse exercício. Ao fazer isso, se anula a possibilidade de voltar a pornografia contra si mesma a fim de produzir estruturas de poder alternativas, reapropriando o dispositivo pornográfico e o transformando em um espaço de subversão e reconfiguração de gênero para pensar os corpos e os prazeres como plataformas políticas de resistência. Nesse sentido, a tecnologia da pornografia poderia servir da sua produção ao seu consumo como um lugar de proliferação de corpos, prazeres e formas de intimidade que se recusam a atender o quadro heterocêntrico criticado pelo feminismo. O discurso anti-pornografia, por seu turno, acaba por reforçar a pornografia “tradicional” que critica, sem confrontar as identidades naturalizadas – de homem ou de mulher – e as definições cristalizadas baseadas nas práticas – heterossexuais ou homossexuais –, mantendo, assim, a assimetria social no acesso à sexualidade.

### 2.2.1 *Occupy pornography*: o pós-pornô

A pós-pornografia surge nesse contexto de reivindicação por uma “outra” pornografia e é fruto do incômodo sobre a pornografia moderna, da discordância à defesa à censura do feminismo radical e, também, da influência das *queer theories*<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Isto é, um homem cujo gênero designado ao nascer e cuja identidade de gênero estão “alinhados”.

<sup>20</sup> Na década de 90, sob influência do referencial teórico dos estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler, surgiram as teorias *queer*, oriundas do encontro dos estudos culturais estadunidenses com o pós-estruturalismo francês. Como uma resposta às mencionadas inquietações no debate sobre a categoria gênero, elas afirmaram que não existem quaisquer papéis essencialmente inscritos na natureza humana, de forma que não há tal distinção entre sexo e gênero, pois os corpos também são construídos discursivamente. As teorias *queer* não negaram, com isso, a existência do corpo material, mas afirmaram que só é possível apreender essa materialidade dos corpos através do discurso, de forma a atentar para as maneiras a partir das quais se constrói o gênero. Aqui, o discurso não se refere simplesmente à “fala”, mas nomeadamente às formulações foucaultianas sobre o discurso como grandes grupos de enunciados que conduzem o modo como

e de seu ativismo. Trata-se de propor uma pornografia que seja criada por olhares divergentes, destacando partes do corpo que foram privatizadas ou silenciadas para a manutenção da heteronormatividade, assim como práticas sexuais localizadas como “monstruosas”. Como comenta Coelho (2009, p. 35) sobre as considerações de Preciado (2014), “a pornografia aparece como uma plataforma política de ação e intervenção pública e resistência aos códigos normativos da pornografia tradicional”. Preciado propõe a reapropriação deste espaço e a sua “transformação” em uma estratégia de contra-poder/sexualidade, que será designado por ele como políticas das *multitudes queer* - que são os corpos (ou suas partes) e os desejos que são considerados abjetos por não funcionarem à serviço da heteronormatividade, como as lésbicas, as pessoas trans, o BDSM, a bissexualidade, as travestis, etc. Assim, na pós-pornografia, esses sujeitos outrora considerados monstruosos passam a se tornar lugares de resistência e de denúncia do suposto ponto de vista único e universal da história branca, masculina e heterossexual.

É Bourcier (2005, 2006) quem debaterá o tema da pós-pornografia com profundidade ao explorar práticas sexuais e culturais dos filmes pós-pornô, onde os corpos apresentam a libertação, a reconquista e a ressexualização do espaço público e urbano, mostrando vidas que se organizam em subculturas fora das conjugalidades tradicionais e do amor romântico. De acordo com ela, o objetivo da pós-pornografia é “desconstruir o pensamento e a pornografia *straight*”<sup>21</sup> (BOURCIER, 2014, p. 25). Trata-se, então, de um apelo à desnaturalização do chamado pornô moderno – aquele cujo conservadorismo é marcado por valores heterocentros e sexistas, como referi no item anterior –, criticando a heteronormatividade, a divisão rígida de sexo e gênero e “uma recusa da cartografia corporal e genital que ele fixa” (p. 26). Analisando uma série de produções – tais como o clássico *Virgin Machine* de 1998 ou produções mais recentes como *Mommy is coming* de 2002 – e falando sobre as práticas culturais relacionadas a ela (como o pornoterrorismo e os ateliers, por exemplo), Bourcier (2014) faz uma elaborada caracterização do pós-pornô, ao mesmo tempo em que marca as suas diferenças com a pornografia feminista.

---

falamos e como percebemos um momento histórico específico, a fim de analisar os enunciados como eventos reiteráveis que estão ligados por seus contextos históricos.

<sup>21</sup> *Straight*, aqui, faz referência à heterossexualidade.

Para além dos aspectos já mencionados, Bourcier (2014) diz que as estratégias visuais do pós-pornô são completamente diferentes de uma "ressignificação/apropriação" do "star system":

Estes mantêm poucas ligações com o filme pornô revisto e corrigido, em direção de um nicho de marketing, com difusão comercial fechada. **Os filmes e os ateliês se inscrevem em uma lógica coletiva e DIY<sup>22</sup> (faça você mesmo), anti-capitalista e/ou anarquista, que valoriza mais o anonimato que a personalização, o labor of love mais que o progresso, e cuja maior parte dos protagonistas está em situação de precariedade escolhida ou não. As conversões subjetivas oferecidas por este pós-pornô são muito diferentes e, por outro lado, mais difíceis em nomear como tais. Elas visam explorar a sexualidade corporal e política mais que a ressignificação desestigmatizante de status sociais proibidos aos queers ou às minorias, dos status sociais fixos e reconhecíveis que se prestam facilmente à lógica binária do antes e do depois (progressão biográfica), ou ainda do alto e do baixo (progressão social). Longe de todo modelo empresarial ou de aspiração à função do papel de modelo, o pós-pornô valoriza a força performativa muito específica do "ato sexual" coletivo e político que emana em ações públicas e nos ateliês.** (p. 35-36)

Se o pós-pornô, de acordo com Bourcier (2014), afasta-se das lógicas de mercado ao propor produções coletivas, independentes e anti-capitalistas ao mesmo tempo que busca ultrapassar as identidades fixas em dicotomias, o pós-pornô 2.0 provoca rupturas ainda maiores. De acordo com o sociólogo, o pós-pornô 2.0, como ele chama, caracteriza-se especialmente por uma nova interface, estimulada pela utilização da internet e das mídias digitais. Essa pós-pornografia se diferencia da pornografia feminista, na medida em que a segunda é encontrada em plataformas pagas e protegidas (como a de Erika Lust ou ainda Courtney Trouble), enquanto a primeira é divulgada em "uma lógica viral que vai contra a viralidade do capitalismo e do marketing viral" (BOURCIER, 2014, p. 37), como os vídeos disponibilizados nas plataformas Youtube ou Vimeo. O pós-pornô 2.0 caracteriza-se por captações de práticas que operam "uma replicação performativa do feminismo, de uma repetição/transformação voluntária, e não simplesmente de uma reprodução/repetição deslocada dos códigos pornô" (BOURCIER, 2014, p. 37).

A diferença entre a pós-pornografia e a pornografia feminista, portanto, trata de uma ampla caracterização que vai além do discurso pornográfico, meramente. Nesse sentido, Preciado (2008a, p. 47) afirma que

---

<sup>22</sup> DIY é sigla em inglês para "Do it yourself". Em português, traduz-se para "faça você mesmo".

A pós-pornografia não será somente o nome das diferentes estratégias de crítica e de intervenção na representação que surgiram da reação das revoluções feministas, homossexuais e *queer* [...] diante das técnicas sexopolíticas modernas de controle do corpo e da produção do prazer, da divisão dos espaços privados e públicos e do acesso a visibilidade que esses reivindicam. [...] A noção de pós-pornografia assinala uma ruptura epistemológica e política: outro modo de conhecer e de produzir prazer através do olhar, mas também uma nova definição do espaço público e novos modos de habitar a cidade.

De alguma forma, porém, tanto a pós-pornografia como a pornografia feminista propõem uma alternativa à pornografia moderna (nos termos da discussão aqui resumida) e estimulam pensar a pornografia *live streaming* não apenas para além da reprodução ou deslocamento dos códigos (ou de alguns códigos) tradicionais do pornô, mas também a sua lógica de fabricação e de circulação a partir de alguns dos seus elementos mais marcantes, como a produção independente, potencialmente anônima, a possibilidade de acessar os vídeos e interagir na plataforma gratuitamente, etc. Apesar disso, é também preciso considerar que, mesmo nessas propostas, há a comum presença de uma diversidade de conservadorismos.

### **2.3 Pornoteoria: *sciencia sexualis*, tecnologias de gênero, sociedade farmacoponográfica e ciborgues**

#### **2.3.1 A *sciencia sexualis* de Foucault e a tecnologia de gênero de De Lauretis**

A pornografia representa bem a negação do que Foucault (2014) chamou de *hipótese repressiva*: aquela que assumiria a sexualidade como pairando sobre uma repressão que proibiria e conteria a circulação de discursos sobre a sexualidade. Ao contrário, o pornô é, por excelência, a *incitação* aos discursos sobre o sexo, situados na emergente *scientia sexualis*: um aparato discursivo científico que conta uma *verdade do sexo* ao falar amplamente da sexualidade, inserido em um contexto de construção de saberes específicos a partir do qual surgem vários discursos legitimadores de poder<sup>23</sup>. Em outras palavras, trata-se de um poder que não atua a partir da expulsão do indivíduo da vida social ou do impedimento no exercício de

---

<sup>23</sup> O poder é visto aqui não como uma coisa sobre a qual alguém se apossa, mas como uma relação que sempre se exerce em determinada direção e que implica que as disputas sobre o seu exercício sejam sempre travadas em seu interior. Qualquer luta é sempre uma resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – seu corpo. Daí o poder não ser basicamente contratual nem simplesmente repressivo, como muito se tem tentado pensar a sexualidade: o poder não se define como algo que apenas diz não, que só impõe limites e que só castiga, mas como algo que produz domínios de objetos e rituais de verdade. Esse deslocamento de análise do poder traz o corpo como seu alvo, mas não para mortificá-lo ou mutilá-lo, mas sim para aprimorá-lo e adestrá-lo (FOUCAULT, 2015).

atividades, mas com a gestão da vida dele – neste caso, a gestão da sua vida sexual. Tal gestão engloba o disciplinamento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer e a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar e hierarquizar as práticas sexuais. Assim, ao indivíduo não é negado o sexo, mas sim administrado e controlado a partir do reforço da confissão.

A pornografia e as suas nuances e diversidade - estejam elas alocadas em disputas, ou em diferentes categorias de mercado e produção - se situam na construção discursiva que permeia as experiências com a sexualidade e decorre de relações de poder precisamente porque produz um saber ou uma ciência sobre a sexualidade: a sexualidade saudável ou doente, limpa ou suja, bela ou feia. Através de um *dispositivo da sexualidade* - pois aqui há técnica e instrumento e não um aparelho ou instituição -, o poder se torna *produtivo*. A pornografia *produz* uma verdade particular sobre as práticas sexuais - que poderão ser normais ou perversas, a depender do tipo de pornografia e da forma como será nomeada<sup>24</sup> - e será a confissão do sexo em seu mais alto grau. Não se trata, portanto, de um poder negativo que proíbe, que silencia e que erradica a fim de aumentar a severidade dos códigos; mas de um poder positivo que multiplica, que diferencia e que hierarquiza para controlar e vigiar. Na disputa, alguns materiais serão alvo na caça às sexualidades que são periféricas, serão incorporados às perversões e colocados à margem em um conjunto de estratégias para a manutenção de lugares privilegiados, como destaquei em referência ao trabalho de Rubin (1998) na Introdução deste trabalho.

Para Foucault (2014), assim, é preciso se deslocar da ideia de que a repressão sexual é o único e o principal dispositivo da sexualidade e passar a analisar como se organizam os mecanismos positivos que produzem a sexualidade. Nesse sentido, é preciso recordar que a pornografia surgiu em um contexto de produção e difusão das classificações dos comportamentos humanos, época em que se multiplicaram as publicações detalhadas sobre tipologias, sobre as obscenidades e perversões sexuais, e se irromperam as coleções de conteúdo erótico. Aparecem, nesse período, as primeiras publicações que procuravam decodificar e decifrar a sexualidade das mulheres, usualmente desde a perspectiva do homem

---

<sup>24</sup> Sobre isso, ler Jorge Leite Jr. (2006).

heterossexual e supostamente universal. Como se sabe, na construção da pornografia moderna, a psicologia e a medicina foram essenciais. Se a pornografia é um *discurso* sobre o sexo, e esse discurso é *positivo*, ele se torna uma verdadeira *tecnologia do sexo* que naturaliza determinadas conjugalidades e desejos. Esse aspecto é muito importante, em especial para esta pesquisa: a pornografia não retrata o sexo ou o representa simplesmente. Se trata, na verdade, de uma produção que cria o que procura descrever (PEREIRA, 2008). Assim, para além de pensar que tipo de sexualidades, corpos, relações, etc. a pornografia *live streaming* representa, cabe questionar o que ela produz.

Como um dispositivo, a pornografia também organiza as relações de gênero e, como uma *tecnologia de gênero*, já nos termos de De Lauretis (1994), ao *inventar* o sexo, acaba produzindo identidades. O gênero é, de acordo com a autora, produto de distintas tecnologias sociais, como internet, cinema, televisão ou revistas, e de variadas epistemologias, bem como práticas institucionalizadas e cotidianas. Em diversas outras obras, De Lauretis sugere que gênero não pertence aos corpos nem é algo que existe de antemão, mas um conjunto de efeitos produzidos nos corpos e relações sociais, os quais são também produto dos materiais pornográficos. De acordo com a autora, o discurso como uma tecnologia é preocupação antiga das feministas:

Já algum tempo antes da publicação do volume I da *História da sexualidade* na França (*La volonté de savoir*, 1976), teóricas feministas na área do cinema vinham escrevendo sobre a sexualização das estrelas do cinema em filmes narrativos e analisando as técnicas cinematográficas (iluminação, enquadramento, edição, etc.) e os códigos cinematográficos específicos (por exemplo, a maneira de olhar) que constroem a mulher como imagem, como objeto do olhar voyeurista do espectador; e vinham desenvolvendo não só uma descrição, mas também uma crítica dos discursos psicossocial, estético e filosófico, subjacentes à representação do corpo feminino como *locus* primário da sexualidade e do prazer visual. A compreensão do cinema como uma tecnologia social, como "aparelho cinemático", se desenvolveu na teoria do filme paralela e, mais independentemente, de Foucault; pelo contrário, como sugere a palavra aparelho, essa compreensão foi diretamente influenciada pelo trabalho de Althusser e de Lacan. Não há quase dúvida, de qualquer modo, de que o cinema - o aparelho cinematográfico - é uma tecnologia de gênero, como argumentei em *Alice doesn't*, se não exatamente nestes termos, pelo menos de modo convincente (DE LAURETIS, 1994, p. 221)

Dessa forma, o conceito de *tecnologia de gênero* de De Lauretis aprofunda e aplica a outro contexto o conceito de *tecnologia do sexo* de Foucault. Para ela, a construção do gênero persiste precisamente através de diversas tecnologias de

gênero e discursos institucionais, como o cinema e as teorias, com poder para controlar o campo de significação social e então produzir, promover e "implantar" representações de gênero. Nesse sentido, a pornografia é uma tecnologia emblemática, sobre a qual o amador e o *live streaming* colocam novos paradigmas.

### 2.3.2 A sociedade farmacopornográfica de Preciado e os ciborgues de Haraway

Preciado (2008b), em seu livro *Testo Yonqui*, afirma que é possível analisar a sociedade contemporânea, de um modo geral, desde uma *perspectiva sexopolítica*. Assim, a gestão da política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade tornam-se centrais para compreender todo o complexo social. Preciado argumenta que isso se tornou possível na medida em que o sexo tornou-se o principal objeto de gestão política da vida a partir de novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, que ele chama de "psicotrópico e punk" (p. 32, tradução minha). Esse novo capitalismo caracteriza-se pela articulação de um conjunto de novos dispositivos microprostéticos de controle da subjetividade com novas plataformas técnicas biomoleculares e midiáticas. Trata-se objetivamente da implementação simultânea e interconectada da produção de toneladas de esteroides sintéticos, da difusão global de imagens pornográficas, da elaboração de novas variedades psicotrópicas sintéticas legais e ilegais (como o Lexotan, Special K (quetamina), Viagra, metanfetamina, Prozac, popper, heroína, omeprazol, etc.), de uma arquitetura urbana global e difusa na qual a miséria em megacidades coabita com a alta concentração de capital, do tratamento informático de signos e da transmissão numérica de comunicação.

Esse regime pós-industrial, global e midiático, marcado pelos referidos índices, é chamado por Preciado de "farmacopornográfico" em referência aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, em que a pílula e a Playboy são paradigmáticos. Ele funciona a partir de uma lógica de excitação, gozo e frustração cíclica: os fármacos e a pornografia levam a uma excitação seguida de gozo; porém, o momento do gozo é passageiro, o que produz uma grande frustração nos indivíduos, que voltam a buscar a mesma sensação de prazer nas elaborações semióticas e bioquímicas, culminando em um estressante vício.

As linhas de força dessa nova "economia-mundo" têm raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, a partir do movimento de vigilância médico-

jurídica sobre as práticas perversas (aborto, pedofilia, etc.) e da espetacularização da mídia (em torno de aberrações e anomalias genéticas), mas seus vetores só se fizeram visíveis após da Segunda Guerra Mundial, ocultos pela economia fordista. Durante o século XX, a materialização farmacopornográfica ocorre quando a psicologia, a sexologia e a endocrinologia estabelecem autoridade material, transformando conceitos de psiquismo, de libido, de consciência, de feminilidade e masculinidade e de heterossexualidade e homossexualidade em realidades tangíveis, em substâncias químicas, em moléculas comerciáveis, em corpos, em biotipos humanos e em bens de intercâmbio gestacional pelas multinacionais farmacêuticas. A ciência alcança um lugar hegemônico em nossa cultura como um discurso e como uma prática através dessa autoridade material, uma vez que tem a capacidade de criar, e não simplesmente de descrever a realidade.

Assim, a sociedade farmacopornográfica é distinta da sociedade disciplinar analisada por Foucault ou da sociedade do controle identificada por Deleuze. As verdadeiras matérias primas do processo produtivo atual são a excitação, a ereção, a ejaculação, o prazer e o sentimento de controle onipotente, tornadas possíveis pelas técnicas informáticas e digitais de difusão de informações. Em termos foucaultianos, trata-se de um novo tipo de “governabilidade do ser vivo”, pois o motor do capitalismo torna-se o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, os antibióticos, o álcool, o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, o Viagra e todo o material virtual que pode ajudar a produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, de onipotência e de total controle.

O corpo viciado e sexual, o sexo e todos os seus derivados são hoje o principal recurso do capitalismo pós-fordista. A sociedade contemporânea está, portanto, habitada por subjetividades toxicopornográficas: subjetividades que se definem pela substância que domina seus metabolismos, pelas próteses cibernéticas e por seus desejos farmacopornográficos. Preciado (2008b) ressalta, porém, que a produção farmacopornográfica não se impõe pelo volume com que se produz ou pela presença massiva na vida das pessoas, mas sim porque promove um modelo econômico: da mesma forma que o trabalho industrial não se tornou hegemônico porque foi dominante em termos quantitativos, mas sim porque todo outro trabalho se mobilizou qualitativamente com respeito a uma possível industrialização; a produção farmacopornográfica não se destaca a partir de sua

preponderância quantitativa, mas sim porque qualquer outro tipo de produção aspira uma produção molecular intensificada do desejo corporal semelhante ao da narcoticossexual. Dessa forma, o controle farmacopornográfico infiltra e domina toda forma de produção, desde a biotecnologia agrária a indústria *high-tech* de comunicação, sendo a pornografia o seu alicerce mais paradigmático. A *força de trabalho* da sociedade industrial torna-se a *força orgásmica* na sociedade farmacopornográfica, sendo o corpo o seu substrato. O corpo deixa os limites da pele e passa a ser uma entidade atravessada pela tecnociência.

Se o corpo deve ser compreendido como *tecnocorpo* por Preciado (2008b), será como um *ciborgue* para Haraway (2013), que pensará a relação entre corpo e tecnologia a partir do personagem da ficção científica contemporânea como uma metáfora e como uma realidade corporal a fim de criticar a identidade em favor das diferenças e de reivindicar as possibilidades de uma apropriação politicamente responsável da ciência e da tecnologia. Haraway (2013) argumenta que, no final do século XX, já poderíamos todos ser considerados híbridos de máquina e organismo. Dessa forma, seu ensaio, *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, é um texto que tensiona essas fronteiras, apresentando novas responsabilidades e possibilidades para o feminismo.

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes. (HARAWAY, 2013, p. 42)

Para Haraway, a relação entre as pessoas e a tecnologia tornou-se tão íntima que não é mais possível dizer onde o humano acaba e a máquina começa. Haraway descortina um mundo de ciborgues complexos, híbridos de metal e de carne, que desestabilizam conceitos como “natural” e “artificial”. É possível esse seja o objetivo de Haraway: denunciar a fragilidade das oposições que atravessam o pensamento ocidental, bem como as narrativas teleológicas de unidade e estabilidade da modernidade. Com efeito, quando as pessoas descrevem algo como sendo “natural” ou “essencial”, elas estão dizendo que “seja assim ou faça assado, pois é da sua natureza sê-lo ou fazê-lo!”. Neste ponto, o ataque de Haraway mostra o caráter político da noção do ciborgue, que pode se estender, também, à noção de tecnocorpo de Preciado.

É verdade que Preciado não parece, inicialmente, deixar muita saída para uma humanidade em crise: como geradores de subjetividades de vício e como transporte de substâncias, os corpos tornam-se receptáculos produtores de excitação-frustração sob controle da gestão farmacopornográfica. Como pensar em corpos políticos se o que está em jogo sequer é o prazer, mas sim o controle de um mecanismo cíclico de excitação, gozo e frustração, que é precisamente o motor que serve à manutenção do “farmacopornismo”<sup>25</sup> em uma escala global? Como pode uma cooperação masturbatória entre corpos insaciáveis – que buscam incessantemente hormônios, heroína, ânus, pênis, vaginas – tornar-se política?

Já não se trata de revelar a verdade oculta da natureza: o que podemos e devemos fazer é explicar os processos culturais, técnicos e políticos através dos quais o corpo como um artefato ganha estatuto natural. “A verdade do sexo não é descobrimento, é *sex design*”, afirma Preciado (2008b, p. 33, tradução minha). A verdade do sexo é uma tecnologia plástica e produtiva e, se pode ser utilizada para o controle farmacopornográfico, também pode ser ferramenta de resistência – o que Preciado chama, no fim do seu texto, de “micropolítica de resistência”, dando como exemplo as rigorosas e densas aplicações de testosterona e oficinas performáticas de *drag king* para “bio-mulheres”. Essa é, afinal, a proposta de Haraway em seu manifesto pelos ciborgues: reapropriar ou ocupar a tecnologia – que podem ser os fármacos e a semiótica – para a produção de múltiplas verdades do sexo e do gênero.

## 2.4 Síntese

Neste capítulo, busquei, primeiramente, resgatar algumas discussões em torno das diversas definições dadas à pornografia. Usualmente associada à apresentação de coisas obscenas (MAINGUENAU, 2010; ABREU, 1996), esbarra em muitas dificuldades de conceituação em função da qualidade dos juízos de quem a avalia, pois a caracterização de algo como obsceno depende de valores particulares sobre a sexualidade. O caráter obsceno atribuído ao material pornô também pode apontar para a intenção de violar tabus sociais (GREGORI, 2003; LEITE JR., 2006); neste caso, a pornografia seria sempre transgressora. No entanto, outras análises sugerem cautela ao pensar a pornografia no centro de uma discussão sobre

---

<sup>25</sup> Preciado (2008b) fala em “farmacopornismo” em referência ao “fordismo” para enfatizar o primeiro como uma economia emergente ao segundo.

subversão, pois ela também pode conjugar uma série de conservadorismos, especialmente quando esses materiais se tornam representativos e produtores de uma economia do desejo e da sexualidade masculina heterossexual desde noções de "papéis sexuais" rígidos (DUARTE, 2014; PÁTARO, 2014; DÍAZ-BENÍTEZ, 2009). A pornografia também é pensada como um produto de consumo (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009; LEITE JR., 2006; PÁTARO, 2014); porém, essa conceituação esbarra em algumas das características do pornô amador. Apontei, por fim, o conjunto de discussões que chamam a atenção para a potencialidade de hierarquização das práticas sexuais (e de seus e suas protagonistas) pela pornografia, particularmente no binômio erótico/pornográfico (LEITE JR., 2006).

Em seguida, fiz uma revisão das tensões feministas em torno da pornografia. Apresentei os argumentos anti-pornografia das feministas radicais, segundo as quais o material pornô é um modelo explicativo e multiplicador da opressão política e sexual das mulheres e, assim, promove a violência e a dominação sobre elas, devendo ser censurado e abolido (MACKINNON, 1989; DWORKIN, 1981). No entanto, outros movimentos feministas, chamados de "pró-sexo", começaram a criticar esses argumentos, acusando-os de defenderem apenas a abolição de pornografias que apresentavam determinadas modalidades particulares de sexo e orientações de desejo e ignorando outros materiais midiáticos que amplamente colocavam as mulheres em uma posição de submissão (DUARTE, 2014).

Surge, assim, uma tradição feminista em favor da liberdade sexual, pensando alternativas que implicam o prazer sexual e questionando as posições estáticas de gênero implícitas no discurso do feminismo radical (VANCE, 1984). Críticas com perspectivas *queer* também questionam os argumentos pró-censura, afirmando que pensam as mulheres como simples receptores dos desejos do homem ao mesmo tempo em que perpetuam o poder deles sobre a sexualidade (PRECIADO, 2007; BOURCIER, 2014, BUTLER, 2004). Emergem, assim, propostas contrárias a da censura, que buscam uma reapropriação do pornô para a subversão e a reconfiguração de gênero. Nesse eixo de propostas, o pós-pornô objetiva desconstruir a pornografia heterossexual apresentando corpos e prazeres outrora considerados perversos como plataformas políticas de resistência. A pós-pornografia opera lógicas coletivas, anônimas, anticapitalistas e independentes, características que frequentemente a diferenciam da pornografia feminista, que operaria uma reprodução deslocada dos códigos pornô simplesmente (BOURCIER, 2014).

Por fim, explorei algumas bibliografias tomadas como marcos teóricos para este estudo. Início com Foucault (2014), argumentando que a pornografia é um aparato discursivo que conta uma verdade do sexo ao falar amplamente da sexualidade, inserida em um contexto de construção de saberes que organizam vários discursos legitimadores de poder. Assim, o pornô é um *dispositivo*, que torna o seu poder *produtivo*: ao invés de reprimir a sexualidade, a pornografia operará um tipo de controle da sexualidade separando, comparando e hierarquizando os corpos e as práticas. Uma vez que a pornografia é uma tecnologia, nos termos foucaultianos, ela não apenas retratará o sexo, mas também o produzirá efetivamente. Do mesmo modo, o pornô também será uma tecnologia de gênero, nos termos de De Lauretis (1994): para ela, o gênero não existe de antemão nos corpos, mas é produto de diferentes tecnologias sociais, podendo ser a pornografia uma delas.

Encerrei este último item explorando a sociedade farmacopornográfica de Preciado (2008b), que aponta que essa surge como uma nova economia no século XX através de duas frentes principais: as produções fármaco e bioquímicas e as produções pornográficas. Tanto a bioprodução (fármaco-) quanto a técnica semiótica (porno-) são formas de controle dos corpos e das subjetividades que operam uma lógica cíclica de excitação, gozo e frustração. Apesar dos sujeitos da sociedade farmacopornográfica, uma vez gerenciados, serem insaciáveis e viciados, referencio Haraway (2003) para pensar formas de subversão a partir da noção de ciborgue. Reapropriando-se dos processos técnicos que circunscrevem o *sex design* da sociedade contemporânea, nos termos de Preciado (2008b) é possível fazer micropolíticas de resistência, desnaturalizando o corpo como um artefato sob controle.

Esta revisão da literatura é importante para pensar que tipo de pornografia é a *live streaming*, qual o seu potencial político (de manutenção ou transformação de realidades) e qual o seu lugar na disputa por uma “verdade do sexo”, bem como para analisar de que forma esta tecnologia constrói subjetividades e materialidades corpóreas no que se refere aos seus códigos e as suas formas de produção e circulação. No próximo capítulo, que abre efetivamente a etnografia, procurarei esclarecer algumas dessas questões na medida em que apresento as primeiras impressões de campo, de forma a explorar, também, quais foram os caminhos

metodológicos adotados para esta etnografia sobre os usos de uma mídia digital pornô, o CAM4.

### 3 “MOSTRE SEU LADO EXIBICIONISTA”: A PLATAFORMA CAM4, GIROS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

*Oh! Sejamos pornográficos  
(docemente pornográficos)*

Carlos Drummond de Andrade

“Assista centenas de pessoas reais fazendo sexo ao vivo na *Webcam 24/7*. 100% grátis para assistir, conversar e transmitir. Não precisa se logar nem fazer registro”. É assim que o CAM4 é anunciado no Google quando se busca por seu nome. Em um texto em português, foi o primeiro item de mais de seiscentos mil resultados que apareceram para mim. Ao lado do nome da plataforma, havia a promessa de “*Webcams com sexo grátis ao vivo*”. Os próximos *links* direcionavam a versões do mesmo site em outros países e a milhares de outros que faziam referência a ele.

Para além do reforço à oferta de “sexo grátis” e “ao vivo”, chama a atenção a noção de “pessoas reais” e a possibilidade de não apenas “assistir”, mas também “transmitir” e, além disso (e especialmente), “conversar”. Neste capítulo, que marca o começo da etnografia, me dedicarei a discutir o início da pesquisa e a plataforma de pornografia *live streaming* CAM4. Desde os dados empíricos iniciais e em articulação com o capítulo anterior, procurarei contextualizar a pornografia amadora enquanto um conceito a partir de um debate sobre autenticidade e intimidade, além de propor uma discussão mais ampla sobre a chamada pornografia *mainstream*. Por fim, apresentarei os caminhos metodológicos adotados para o estudo desde essas incursões preliminares.

#### 3.1 “Você agora faz parte da mais íntima e emocionante comunidade de *webcams* online”: conhecendo a plataforma CAM4

##### 3.1.1 Condições de uso: o sexo das crianças, educação sexual e consentimento

Quando se acessa o site CAM4.com, a plataforma não aparece de imediato. Inicialmente, sobre a página principal, um alerta em forma de camada surge, deixando o conteúdo principal nublado. No alerta, lê-se: “Este site fornece acesso a material, informações e conteúdo adulto que pode ser considerado ofensivo em algumas comunidades. Você não deve entrar neste site se fica facilmente chocado

ou se os padrões da sua comunidade não permitem visualizar materiais eróticos de conteúdo adulto!” Logo abaixo, em uma mensagem escrita em caixa alta, há novo aviso:

“ESTE SITE TEM CONTEÚDO SEXUALMENTE EXPLÍCITO. QUALQUER PESSOA QUE ENTRE NESSE SITE TEM QUE SER MAIOR DE IDADE. SE ESTÁ AQUI PROCURANDO PORNOGRAFIA INFANTIL, POR FAVOR VÁ EMBORA. AQUI NÃO EXISTE PORNOGRAFIA INFANTIL. O CAM4 NÃO TOLERA PORNOGRAFIA INFANTIL DE QUALQUER MANEIRA, FORMA OU TIPO E IREMOS DENUNCIAR ÀS AUTORIDADES QUAISQUER TENTATIVAS PARA EXPLORAR OS PEQUENOS E INOCENTES.”

Por fim, a plataforma apresenta “condições” para que possa ser acessada. Entre elas, ser adulto e maior de idade; desejar receber e ver material sexualmente explícito, acreditando que "atos sexuais consensuais entre adultos não são nem ofensivos nem obscenos"; não expor menores ou qualquer pessoa que possa se ofender com esse tipo de material; estar voluntariamente acessando o conteúdo para o próprio uso "e não em nome de qualquer governo"; ter determinado acessar os materiais de forma a não violar os padrões do local de onde os está acessando; não informar a menores a existência do site nem partilhar o conteúdo com menores; reconhecer-se como o único responsável por divulgações falsas ou desdobramentos legais da visualização, leitura ou *download* de qualquer material do site, entendendo que o "o fornecimento de uma declaração falsa sob pena de perjúrio é um crime"; concordar que nem o site nem as filiais são responsáveis por quaisquer implicações jurídicas "decorrentes de qualquer entrada fraudulenta dentro ou no uso deste *website*"; entender que os materiais do site têm "a intenção de serem usados por adultos com consentimento sobre a sexualidade", "para fornecer educação sexual" e "proporcionar entretenimento sexual"; e, finalmente, concordar que tal aviso constitui um acordo legal entre o site e a pessoa que o acessa e que "é regido pelas assinaturas eletrônicas na Lei do Comércio Nacional Global".

Apesar de claro, o alerta contém um texto estranhamente escrito, o que pode ser decorrente do processo de tradução; porém, possivelmente poucos dos seus usuários e de suas usuárias o lerão. De qualquer maneira, os avisos legais são interessantes, pois basicamente eximem a plataforma de quaisquer complicações de ordem jurídica. O alerta para que as pessoas jamais a acessem “em nome de qualquer governo” também é, no mínimo, curioso. No entanto, o que mais me surpreendeu foi a quantidade de avisos relacionados a menores: um avisando que todas as pessoas no site são maiores de idade, que ali não há pornografia infantil;

outros quatro em formato de condições: um dizendo que qualquer usuário ou usuária deve ser maior de idade; outro dizendo que menores não poderiam ser expostos àqueles materiais; outro que os menores não deverão ser informados sobre a "existência da plataforma"; e um último, que parece repetir a mesma informação de outro anterior, de que o conteúdo não deve ser compartilhado com menores. O fato de o site, em determinado momento, se referir às pessoas menores de idade como "pequenos" e "inocentes" também deve ser digno de nota: se não contém ironia, é um miquelino apelo à emoção.

É preciso destacar, ainda, que a atenção às pessoas menores de idade ultrapassa muito a sua aparição nos vídeos. Ela se estende ao alerta de que não saibam sequer que esse tipo de plataforma "existe". Assim, não se trata meramente de um texto de repúdio à pedofilia – como pode parecer, pelo menos à primeira vista, no aviso mais marcante em caixa alta –, mas sim de um texto de rejeição à sexualidade das crianças, que não devem ver aquela pornografia e que não devem saber que aquela pornografia existe. Trata-se de um paradigma da modernidade: a necessidade de regular o sexo por meio de diversos discursos, especialmente o das crianças, a partir do que Foucault (2014) chamou de "Polícia do sexo".

Com efeito, nota-se que não há, no site, o rigor de uma proibição – eventualmente qualquer um pode acessar o CAM4; ainda que existam ferramentas de banimento, elas não são capazes de tal extensão. Não se trata, também, de um silenciamento do sexo das crianças, pois o aviso fala diversas vezes sobre a potencial visita de um menor à plataforma – na realidade, o site fala da maneira *mais prolixa possível* sobre o sexo delas, ainda que o texto aponte para o outro lado. Não tem a ver com um paradoxo: antes disso, são vestígios de uma lógica pornográfica moderna que coloca sobre essas produções semióticas uma função de gestão dos indivíduos. Para além do debate sobre o que se pode falar ou o que não se pode falar, tem a ver com a maneira como se fala, quem é a pessoa interlocutora e como o silêncio (como aquele que não conta às crianças sobre a existência da plataforma) pode ser parte complementar das estratégias que amparam e atravessam essas mesmas falas. Neste caso, assume-se que não é a pornografia que deve falar de sexo com as crianças – para elas, os pontos de implantação, nos termos de Foucault (2014), devem ser distintos, os conteúdos devem ser particularmente codificados e o indivíduo que fala precisa ser outro para que a sexualidade da criança seja bem administrada "para o bem de toda a população". O sexo deve ser

um saber canônico e deve escapar-lhe; no entanto, falemos sempre dele, de como deve ser, e não nos esqueçamos do das crianças.

Apesar de tudo isso, também há um esforço, no texto, em reconhecer que não há nada de mal no sexo consensual e que a pornografia, se colocada nesses termos, fornece, inclusive, “educação sexual” – há dois avisos sobre consensualidade, sendo que, em um deles, o caráter consensual das relações esvazia, inclusive, a *potencialidade* da pornografia de ser “ofensiva” e “obscena”. Uma contradição com relação aos demais avisos, sem dúvidas.

### 3.1.2 Tornando-se membro do CAM4: categorização em crise, lógica farmacopornográfica e exploração financeira do afeto

Após ultrapassar o alerta e entrar na plataforma, é possível acessar o site. A interface é carregada: na extremidade superior, vê-se o logotipo do CAM4, seguido da bandeira do Brasil, indicando a versão nacional do site. É também possível visualizar quantas pessoas estão assistindo as transmissões e quantas estão transmitindo. Os números jamais são medíocres: geralmente apontam mais de quinze mil pessoas online e uma média de mil a dois mil que estão transmitindo. Na barra abaixo, há *links* de acesso geral: podem-se acessar as diferentes categorias de *webcam* em “Webcams”; descobrir como fazer *shows* em “Transmitir”; encontrar as *tags* mais populares, *shows* de destaque, *fã* clubes, etc. em “Explorar”; comprar *fichas* em “Fichas”; informar-se mais sobre como ser *modelo* no site em “Cam4bucks”; e ter “Ajuda” da plataforma.

Em seguida, abaixo, veem-se as diferentes categorias que podem direcionar a transmissões que estejam acontecendo no momento do acesso. São cinco *links* de categorias principais: *Destaques*, que apresenta as *webcams* mais acessadas e mais bem avaliadas pelos usuários e pelas usuárias – e que é, também, a sessão que é acessada automaticamente quando se entra no site –; *Mulheres*, que apresenta apenas as transmissões feitas por mulheres; *Homens*, que apresenta homens somente; *Casais*, que se voltará a práticas entre casais; e *Trans*, que deve se dedicar a pessoas que se declaram, no site, como transgêneras. Há, ainda, outras quatro categorias: “Português”, que apresenta transmissões de pessoas que se comunicam em língua portuguesa apenas; “Brasil”, que mostrará *shows* de brasileiros e brasileiras somente; “Novo”, que são transmissões feitas por pessoas

que recentemente disponibilizam suas imagens no site; e "HD", que são pessoas cujas *webcams* são de alta definição.

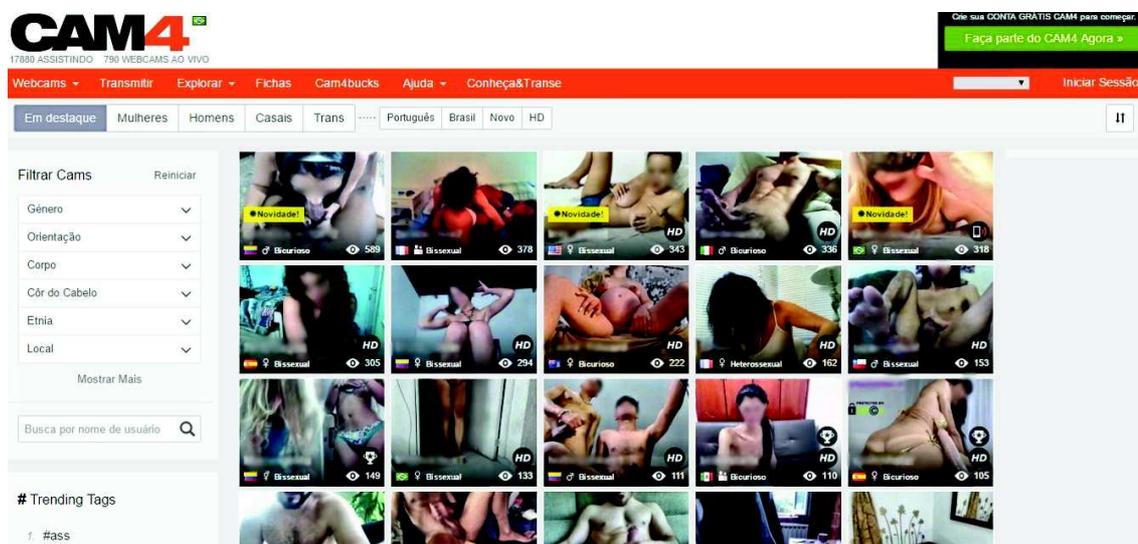


Figura 1: Layout da página inicial do CAM4.

Abaixo, e ocupando a maior parte do espaço de interface, vê-se, então, as primeiras *webcams* da sessão de Destaques: são 60 *webcams* por página. Às vezes, e dependendo da categoria, há mais de vinte páginas com 60 transmissões acessíveis em cada uma delas. Na imagem de acesso de cada *webcam*, é possível ver um recorte da transmissão; porém, ao manter o cursor do mouse sobre a imagem, o site apresenta diversos recortes do *show*, mostra a descrição dada a ele por quem o está transmitindo – frequentemente por meio de *tags* – e também abre uma discreta mensagem: “Converse agora com [nickname] grátis”. No pequeno retângulo, vê-se o *nickname* de quem está transmitindo, a bandeira do país de onde está acessando a plataforma, o gênero e a orientação sexual declarados em perfil, e a quantidade de pessoas acessando o *show*. Por vezes, veem-se ícones que indicam se a *webcam* é de alta definição, se a pessoa fazendo o *show* é nova no site ou se o *show* está sendo transmitido por um celular. Ao lado das diversas *webcams*, é também possível filtrá-las dentro de cada uma das categorias desde nacionalidade, orientação sexual, gênero, corpo, cor do cabelo, local, etnia, etc. Logo abaixo da função de filtros, também há um atalho para as *tags* mais utilizadas.

A categorização dos vídeos pornográficos não é um detalhe, mas um elemento formador de toda a lógica pornográfica moderna, que nasce em um cenário de

criação e propalação das classificações de tudo o que se relaciona ao corpo e ao sexo (FOUCAULT, 2014). Com a emergência da pornografia online, porém, houve alguns deslocamentos muito importantes. Para além do filtro, que surge como uma sofisticação da categorização já existente, o surgimento das *tags* coloca paradigmas que desafiam um marco analítico fundado na sociedade disciplinar foucaultiana.

As *tags* – que significam “etiquetas” em português – são palavras-chave ou termos relacionados a uma informação particular (como uma imagem, um vídeo ou um texto) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave, geralmente acompanhadas pelo sinal #. O que diferencia substancialmente a *tag* de outra categorização qualquer é o fato de que ela é escolhida informalmente e como uma escolha pessoal de quem está criando um conteúdo, isto é, não é parte de um esquema formal de classificação e escapa, portanto, da taxonomia de um sistema. Este recurso se tornou possível com os sites de conteúdo colaborativo – como os blogs e as mídias digitais –, que permitiram que a web pudesse sustentar-se em uma plataforma, e não mais no hipertexto, em função do novo ambiente de interação e participação. Algumas análises chamam essa nova geração online de Web 2.0 (O'REILLY, 2006), embora não haja consenso a respeito do uso do termo (PARREIRAS, 2015). O que é importante enfatizar aqui é que, para além das categorias na extremidade superior da plataforma e dos filtros, há todo um investimento em *tags*.

Se, conforme aponta Bourdieu (1996), o ato de nomear tem, em si mesmo, o efeito de criar, o fato de as *tags* possibilitarem a nomeação de suas práticas de forma autônoma ao invés da possibilidade única de escolher pastas e categorias pré-definidas, as *tags* efetivamente podem deslocar a agência da sexualidade: eu nomeio aquilo que eu faço e quem eu sou. Há, assim, uma reconversão em favor de quem decide compartilhar suas imagens, tornando a pornografia uma criação própria como nunca antes havia sido e um lugar de múltiplas significações para o corpo e para o desejo, muitas vezes contrárias às categorias mais cristalizadas da pornografia moderna. Além disso, considerando que as *tags* surgem majoritariamente como uma forma de organização do conteúdo pornográfico, quem transmite imagens também pode estimular alguns tipos particulares de acesso, uma vez que as transmissões são frequentemente encontradas por meio de uma busca por *tags*. De alguma forma, portanto, as marcações próprias redirecionam, também, a interação.

Outro aspecto que chama atenção, para além das categorias tradicionais e da emergência das *tags*, é o discreto chamado para acessar determinada *webcam* quando o cursor do mouse repousa sobre o *link*: “Converse *agora* com [*nickname* de quem está transmitindo] grátis!”. É uma provocação. O reforço constante no diálogo e na possibilidade de gratuidade não é acidental, e retomarei esses aspectos com mais profundidade mais tarde. Por ora, cabe destacar que tudo pode ser feito *agora*. A preocupação da plataforma em agilizar o acesso das pessoas à pornografia é tamanho que na própria descrição do site no Google há a ênfase de que não é preciso fazer registro nem *logar*. É um discurso muito consoante à análise de Preciado (2008b) sobre a sociedade farmacopornográfica: as técnicas semióticas pornô, ainda que potencialmente deslocadas (tais como o CAM4), acompanham muitas vezes a lógica da ansiedade que atravessa a mecânica da excitação, do gozo e da frustração que levará ao caminho inicial ciclicamente para uma verdadeira gestão da sexualidade e do corpo. A plataforma parece dizer: “Venha cá, aqui há o alívio imediato da excitação e a eterna disponibilidade de retorno”. A ênfase na possibilidade de acesso gratuito também estimula um sentimento de onipotência e de total controle, que são próprias desse regime a partir do qual emergiu uma nova economia.

Apesar de todo o discurso em torno do imediatismo e da possibilidade de acesso sem a exigência de pagamento ou registro, desde a primeira experiência na plataforma fui estimulada pelo site a comprar *fichas* para “conseguir mais das *performers* no CAM4”. Esse é um discurso eufemístico para o fato de as pessoas que transmitem seus vídeos geralmente exigirem pagamento para que executem determinada prática sexual, embora qualquer indivíduo online no site possa ver o *show* (quem não paga anseia que quem o faça financie a transmissão, portanto). Por outro lado, o site incentiva as pessoas que transmitem seus vídeos a motivarem o pagamento em troca das atividades. Para isso, há vários textos disponibilizados pela plataforma ensinando métodos para ganhar as *fichas*.

“*Fichas*” é a forma como o site traduziu “*tokens*” para o português (embora a tradução seja a mesma também para o espanhol), mas, durante todo o período de campo, jamais vi alguém no site – ainda que falante de espanhol ou português – se referindo ao *token* dessa forma – falavam em *tokens*, em *tips*, *tipping* ou, em português, *gorjetas*.

O *token* é usualmente caracterizado como um objeto utilizado ao invés de uma moeda oficial e pode ter valor monetário ou não. No segundo caso, fala-se de *fichas* que são compradas, mas não levam claramente seu valor equivalente na moeda legal corrente, mas sim no produto pro qual servem – como, por exemplo, *fichas* telefônicas, de transporte público, etc. No primeiro caso, ao contrário, o *token* pertence a um grupo corporativo – é o caso, por exemplo, das *fichas* compradas nos cassinos ou das compradas na plataforma deste estudo, o CAM4. Tanto em um espaço quanto em outro, as pessoas trocam os *tokens* por dinheiro, de forma que o pagamento e recebimento de *tokens* sempre significa o pagamento e recebimento de dinheiro. Há, porém, uma razão pela qual o dinheiro é assim chamado.

Trata-se do que Zelizer (1989) chama de *dinheiros especiais*: a noção de que o dinheiro é sempre investido de significados de toda ordem e que jamais opera a cristalina objetividade e racionalidade de teorias tais como a de Simmel (2004). A intenção por trás do uso de um vocabulário especial – *fichas/tokens* –, especialmente considerando a sua afinidade léxica com aquele dos jogos e dos cassinos, é produzir uma atmosfera que se afaste da suposta frieza e controle dos negócios e do profissionalismo e que se aproxime de uma atmosfera de diversão. A noção de *tips*, *tipping* ou *gorjeta* também está nutrida com sentidos semelhantes: trata-se, afinal, de um pagamento supostamente espontâneo dado por um bom serviço, sobre o qual não se tem obrigação de pagar, mas se paga por consideração ou empatia – por isso é *gorjeta*, e não *conta*, por exemplo. Em resumo, há um reforço, desde o início, sobre a gratuidade do acesso à plataforma que é consoante a uma sociedade imediatista e viciada em pornografia; no entanto, assim que se entra no site, ele passa a estimular a compra de *fichas* ao mesmo tempo em que dispersa a lógica capitalista da plataforma com um discurso investido de valores relacionados à brincadeira, ao favor, à gratuidade, à liberdade, etc.

Para poder comprar *tokens*, qualquer pessoa precisa registrar-se no site e, assim, se tornar membro. Foi o que eu fiz logo no início das incursões. No registro, precisei apenas inserir um nome de usuário, meu e-mail e escolher uma senha. Caso eu quisesse complementar meu perfil, eu poderia fazê-lo mais tarde (eu nunca o fiz). O site me mandou um e-mail (em português) para confirmar meu cadastro e a mensagem para a autenticação dizia: “você está quase pronto para começar a *conversar!*” (grifo meu). Quando eu cliquei no *link* de confirmação da minha conta, uma página se abriu para mim com as possibilidades que o site oferecia: havia um

primeiro *link* que dizia: "Se torne uma performer do CAM4: Mostre o seu lado exibicionista e ganhe dinheiro de sua casa no CAM4." O segundo *link*, logo abaixo, dizia: "Complete o seu Perfil: Chame a atenção de outros membros da comunidade atualizando o seu perfil e enviando suas fotos!". Finalmente, havia um terceiro *link* que sugeria "Comprar fichas: Quer ganhar mais atenção de suas modelos de *webcam* ao vivo favoritas? Mostre que você se importa, oferecendo *gorjetas* ou um presente do mercado de presentes".

Dois elementos nas sugestões de boas-vindas do site para mim chamaram mais a minha atenção: em primeiro lugar, há um recorte de gênero feito pela plataforma sobre os usos que se pode fazer dela: no primeiro *link*, quando sou convidada a transmitir, tratam-me como mulher: "Se torne *uma* performer" (grifo meu). No terceiro link, quando sou convidada a comprar *fichas*, a plataforma diz que posso fazê-lo para "ganhar mais atenção" de minhas "modelos *favoritas*" (grifo meu). Nos dois casos, o *website* parece *supor* que quem transmite vídeos são pessoas do gênero feminino, nunca do gênero masculino; um discurso que se contrapõe aos usos mais criativos da mídia digital, como explorarei no decorrer deste trabalho. Nesse sentido, não surpreenderia uma lógica heterocentrada que pensaria que quem compra *fichas* é somente e sempre um homem.

Em segundo lugar, o incentivo para a compra de *fichas* acompanhava o chamado "Mostre que você se importa", com a possibilidade de enviar um *presente* ao invés de enviar *tokens* simplesmente. No CAM4, *presentes* são presentes virtuais que podem ser comprados por membros e enviados para *performers* como uma alternativa de dar *gorjetas*. Cada *presente* está associado a um determinado valor de *fichas* que será adicionado no saldo de quem o recebe – "receber uma mensagem bonita em uma garrafa é o mesmo que receber uma *gorjeta* de 100 fichas, por exemplo", consta no blog da plataforma, que caracteriza a função como "divertida e pessoal". Cabe destacar que os *presentes* são exibidos, juntos com uma etiqueta de exibição de quem os enviou e a data em que foram enviados em um espaço que o site chama de "vitrine virtual", que está localizado em uma seção especial na página de perfil. De acordo com o texto no blog da plataforma, os membros podem ver os *presentes*, ver os *presentes* que eles mandaram, "ou ver o qual presente eles terão que enviar para se destacar dos que você já recebeu!" Há uma infinidade de *presentes* organizados por uma quantidade enorme de categorias, entre elas *Natal*, *Dia dos namorados*, *Romance*, *Acessórios BDSM*, *Comida e*

*bebida, Sex toys, Copa do mundo, etc.* Há até uma seleção de presentes dedicada à conscientização ao câncer de mama, e muitas dedicadas ao orgulho nacional de alguns países. Os presentes são apresentados em imagem com o valor logo abaixo – uma salsicha de tofu, por exemplo, custa 50 *fichas*; um café na cama; 100 *fichas*; uma boneca folclórica mexicana, 100 *fichas*; e assim por diante.

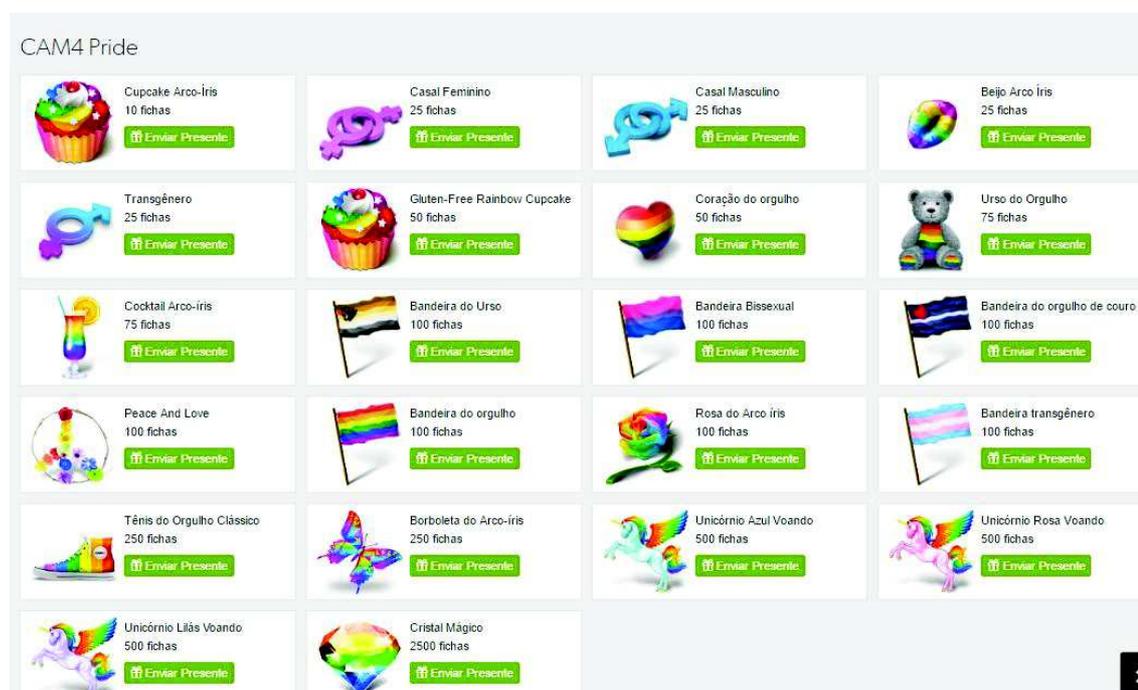


Figura 2: Recorte do mostruário de presentes do CAM4.

Há, pois, todo um investimento da plataforma em se promover como um tipo de espaço em que as pessoas conversam, se conhecem e se relacionam afetivamente. Nesse contexto discursivo, mandar um *presente* para um *modelo* ou uma *modelo* não trataria de pagar por um serviço no mercado do sexo – ou obter mais desse serviço – mas sim “mostrar que se importa” e “se destacar” entre outras pessoas que também enviam presentes em uma lógica de flerte. Novamente, destacam-se os diferentes tipos de dinheiros circulando no site (ZELIZER, 1989); contudo, apesar de os usos criativos da plataforma possivelmente investirem os *tokens* com esse e outros significados especiais (como destacarei no capítulo 5), é preciso analisar os discursos da plataforma de forma mais ou menos independente: quando se trata do CAM4 enquanto uma empresa, essa comunicação tem a ver mais com o que Negri e Hardt (2002) referiram como “produção dos afetos”: as dimensões subjetivas que o

trabalho – e, também, o consumo – passa a adquirir no capitalismo contemporâneo, que nubla as fronteiras entre o universo laboral e a vida pessoal, sem, no entanto, desprender-se dos objetivos organizacionais, que apenas as incorporam como novos elementos ao exercício laborativo. Trata-se do “trabalho da vida”, isto é, das formas de produção centradas no cuidado corporal e na *cooperação* entre os indivíduos – nas relações sociais e na comunicação de saberes e emoções.

O que está em jogo é, portanto, *uma exploração financeira do afeto* que se dissemina não somente na esfera econômica, mas que transforma também a sociedade e o próprio ser humano (HARDT, 2003). Contudo, não há quem se torne membro sem saber que o CAM4, para além de ser uma rede social que possibilita que os indivíduos conversem entre si e mandem *presentes* “para mostrar que se importam”, é um site de pornografia ao vivo. Isso é o que ele é *especialmente*. Dessa forma, talvez seja adequado ampliar a análise a partir da noção de *cooperação* de Negri e Hardt (2002) para a *cooperação masturbatória* de Preciado (2008b).

É possível, ainda, pensar o discurso proferido pela plataforma CAM4 como um filtro higienista (FOUCAULT, 2014). Neste caso, caberia destacar que ele ocorre não apenas na plataforma CAM4, mas em outras que oferecem serviços semelhantes, como o MyFreeCams.com: naquele caso, ao se tornar membro, o e-mail de ativação avisa: “Por favor, curta sua adesão grátis e vitalícia à *melhor comunidade de webcam adulta* da Internet!” (grifo meu). Na etnografia de Díaz-Benítez (2009) sobre os bastidores de produtoras brasileiras de pornografia, a antropóloga comenta como os produtores tendem a chamar seus produtos de “adulto” (ou, ainda, “erótico”) de forma estratégica, e que essas linguagens – ou “eufemismos”, como ela chama no decorrer da tese – são elaboradas com o intuito de se fugir do estigma.

### **3.2 “Assista centenas de pessoas reais”: o CAM4, a pornografia amadora e a busca pela autenticidade nos corpos autopornográficos**

Tornar-se membro muda um pouco a acessibilidade no CAM4. Qualquer pessoa online – não membro – pode acessar um *show* no CAM4. Quando faz isso, pode assistir à transmissão, ler tudo o que é escrito por quem participa e acessar os perfis. Quando se torna membro, pode não apenas comprar *fichas* e transmitir, como também interagir no bate-papo, ter um perfil próprio e fazer buscas independentes da taxonomia do sistema.

Ao acessar uma transmissão, a plataforma oculta as categorias e, logo abaixo do logo do site, se visualiza o *show*. Na extremidade superior, há o *nickname* do *modelo* ou da *modelo*, também chamados de *performers*, uma bandeira indicando a nacionalidade, o símbolo do gênero declarado e avaliação dada pelos usuários (que vai de 1 a 5 *estrelas*). Quem transmite pode legendar o *show*, e essa legenda aparecerá logo abaixo do *nickname*. Nela, *performers* resumem o que fazem em frente a *webcam*, frequentemente em forma de *tags*. É possível ampliar as especificações, usualmente com o preço de cada prática ou objetivo, em outro espaço, que fica logo abaixo da caixa de vídeo, que divide a tela com a caixa de texto. Há muitos espaços para envio de *gorjetas*, e é também possível visualizar o total de *gorjetas* já recebidas, o valor que a *modelo* ou o *modelo* espera receber naquela transmissão para que faça determinada coisa – que é chamada de *objetivo/goal* – e, também, quem mais contribuiu para aquele *show*. Usualmente, *performers* chegam ao valor desejado de *gorjetas* através do pagamento vindo de muitos participantes diferentes, que enviam quantias pequenas. Há quem não envie *gorjeta* nenhuma – por não ter comprado *fichas*, por não querer ou por não ser membro – e há quem transmita sem qualquer desejo de receber *tips*.

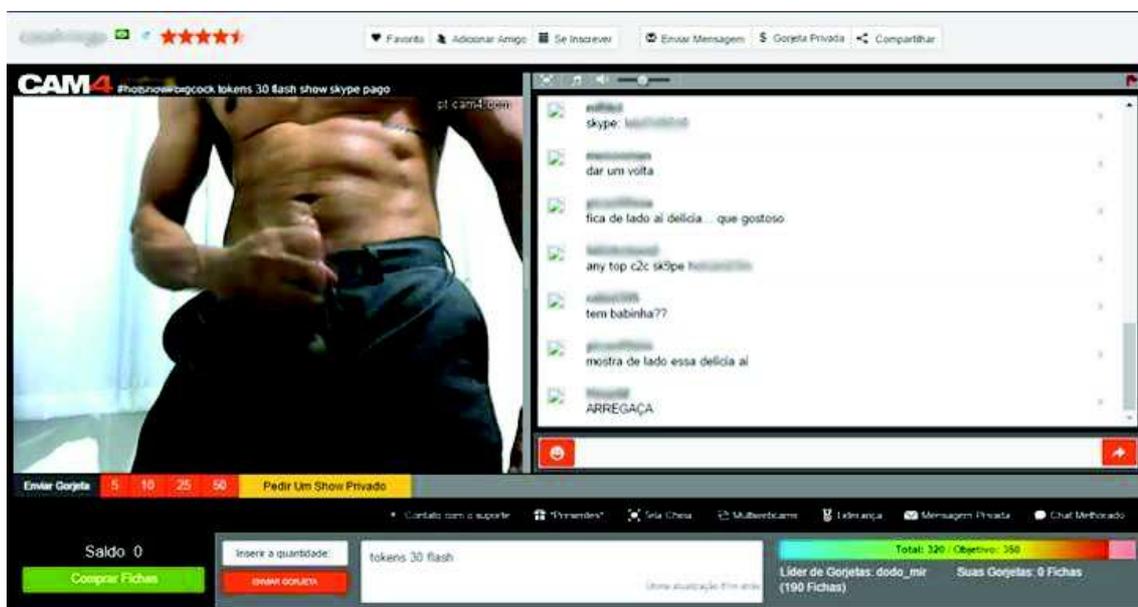


Figura 3: Transmissão no CAM4 acessada da categoria *Destaques*.

Logo abaixo do transmissão, pode-se acessar o perfil de quem está transmitindo. Nesse espaço, a pessoa pode preencher uma “bio” objetiva não

obrigatória – com idade, gênero, nacionalidade, orientação sexual, etc. –; escrever uma descrição sobre si com inúmeras possibilidades de edição de texto e imagem; compartilhar suas restrições, desejos e objetivos; postar fotos diversas (inclusive selecionar imagens de seus *shows* anteriores); responder a um questionário da plataforma sobre como se sente sobre práticas sexuais, escolhas de parceiros ou parceiras ou, ainda, sobre pornografia – o *Questionário de sexo* –; divulgar seus *shows*; vender vídeos; etc.

É também através da transmissão e do perfil que *performers* podem ganhar prêmios concedidos pela plataforma ou ser banidos ou banidas por ela. A premiação é chamada de “Câmera do mês”, é paga em dinheiro com critérios relacionados a acesso e *tipping* e é entregue em seis categorias diferentes: mulheres sozinhas e homens sozinhos na *webcam*, que precisam ter status de solteiras e solteiros no perfil; mulheres com mulheres; homens com homens; homens com mulheres; e transexuais. Há quatro lugares para cada categoria premiada e a premiação pode ser relativamente generosa – os primeiros lugares ganham 2.000 dólares da empresa – ou modesta – os últimos lugares (quarto lugares, portanto), recebem 250 dólares. O banimento, por seu turno, opera através da denúncia e está relacionado majoritariamente ao caráter da plataforma: são banidas as pessoas que negociam com moedas que não sejam as *fichas* do CAM4 (mesmo *performers* que fazem *shows* no Skype, por exemplo, devem finalizar suas negociações no site com *tokens*), as pessoas que não apresentam vídeos em tempo real, as que exercem atividades fraudulentas, as que apresentam vídeos com “bestialidade (sexo com animais) ou qualquer outra forma de atividade ilegal”, ou aquelas menores de idade ou que usam (ou aparentam estar usando) “drogas”.

Uma enorme variedade de nacionalidades e práticas sexuais pode ser encontrada nos usos feitos da plataforma, apesar de a diversidade de gênero e de raça, por exemplo, não ser tão ampla ou igualmente distribuída pelos recursos do site (questões que aprofundarei especialmente no capítulo 6). Das milhares de pessoas que acessam o site apenas para assistir as transmissões e outras tantas que disponibilizam suas imagens, surpreende a potencialidade de qualquer pessoa fazer pornografia.

### 3.2.1 Tecnologia e *netporn*

Em 2008, quando Preciado (2008b) publicou seu *Testo Yonqui*, ele já mencionava o enorme impacto econômico que a pornografia gerava para a economia informática: à época, de acordo com o autor, dos dezesseis bilhões de dólares que a indústria do sexo rendia anualmente, uma boa parte já vinha de portais pornográficos online, ao mesmo tempo em que 350 novos portais abriam suas portas virtuais diariamente para um número também crescente de usuários e usuárias. Hoje, a infinidade de estatísticas relacionadas à pornografia é frequentemente proporcional à dificuldade de acessá-las, de forma que dados oficiais são raros e que os demais, por mais abundantes que tenham se tornado nos últimos anos, não devem ser tomados como definitivos em razão das constantes disputas legais que sempre circunscreveram o pornô, da enorme flutuação dos sites e da associação das pesquisas a instituições religiosas. No entanto, apenas para termos um panorama geral do alcance da pornografia online amadora e de suas transformações mais recentes para pensarmos o pornô *live streaming* do CAM4, é interessante mencionar alguns levantamentos.

Em 2006, estimava-se que 12% do total de *websites* (4,2 milhões) fossem pornográficos<sup>26</sup>. Dados mais recentes, de 2013, apontam que 30% de todos os dados transferidos pela internet o sejam<sup>27</sup>. O acesso é tamanho que sites de pornografia recebem mais visitantes por mês - 450 milhões - do que Netflix, Amazon e Twitter combinados<sup>28</sup>. O papel do online fica claro com um estudo de 2014 que mapeou os equipamentos a partir dos quais as pessoas acessam pornografia: apenas 11% dos homens e 24% das mulheres usavam a televisão para assistir pornô – a maioria (76% dos homens e 41% das mulheres) utilizava o *desktop*, o *tablet* ou o celular<sup>29</sup>. Segundo uma pesquisa encomendada pela empresa de tecnologia Symantec, 55% das pessoas que têm acesso à internet no Brasil visitam páginas com conteúdo pornográfico quando estão online, tornando os brasileiros e as brasileiras aqueles e aquelas que mais acessam sites de pornografia no mundo<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://internet-filter-review.toptenreviews.com/internet-pornography-statistics.html>>. Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/technology-23030090>>. Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2013/05/03/internet-porn-stats\\_n\\_3187682.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/05/03/internet-porn-stats_n_3187682.html)>. Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.netnanny.com/assets/brochures/NetNanny-Infographic-DevicesAndPornography.jpg>. Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL297290-6174,00-BRASILEIROS+SAO+OS+QUE+MAIS+ACESSAM+SITES+PORNOGRAFICOS.html>>

A ascensão da pornografia online, contudo, não necessariamente implica uma transformação na pornografia que vá além dos indicadores de maior acesso. Nesse sentido, Parreiras (2015) faz uma distinção que é útil para essa pesquisa: de acordo com a antropóloga, pode haver, na internet, o que ela chama de *porn-on-the-net* ou *netporn*. O *porn-on-the-net* nada mais é do que uma reciclagem de textos, imagens e vídeos pornô e sua alocação em sites. Não são materiais pornográficos feitos especialmente para a internet nem contam com o aparato tecnológico como transformador de seus modos de produção.

Podem ser facilmente encontrados em plataformas de acesso gratuito, similares ao YouTube [tais como o Xvideos, o RedTude, o YouPorn ou o PornTube], e nos inúmeros sites de produtoras ligadas ao *mainstream*. Associado comumente ao que se chama de indústria pornográfica, traz como marcas distintivas: a estandardização, a separação clara entre produtores e consumidores e uma lógica marcada por um padrão de corpos, desejos e atos sexuais. (PARREIRAS, 2015, p. 137-138)

Por outro lado, o *netporn* se caracteriza por produzir pornografias específicas para as plataformas online. Os maiores exemplos, segundo ela, são os vídeos *altporn* (sobre os quais sua etnografia trata) e os vídeos amadores (alguns dos quais esta pesquisa trata). Parreiras (2015) comenta que tais produções compartilham algumas características muito próprias, como (1) a imprecisão das fronteiras entre produtores e consumidores; (2) o crescimento de manifestações independentes; (3) o esforço em modificar as convenções do pornô tradicional a partir (a) de um referencial *queer* ou contra-hegemônico; (b) do protesto contra práticas consideradas violentas e discriminatórias; e (c) da resistência à comodização. A pornografia amadora é, atualmente, uma categoria muito ampla, que nem sempre carregará tais características, embora tais atributos se façam presentes muito frequentemente. Contudo, é importantíssimo pensar que ela se deve necessariamente às transformações tecnológicas, que efetivamente inauguram uma nova era pornográfica. Hoje em dia, nas palavras de Preciado (2008b, p. 35, tradução minha), "qualquer usuário da internet que tiver um corpo, um computador, uma câmera de vídeo ou uma *webcam*, uma conexão de internet e uma conta bancária pode criar sua própria página pornô e ascender ao mercado da indústria do sexo." Assim, de acordo com o filósofo, se trata da entrada do corpo autopornográfico como nova força da economia do sexo e, como veremos, do afeto.

### 3.2.2 A autenticidade e a pornografia amadora

Por vezes, o pornô amador é caracterizado como um tipo de pornografia que apresenta pessoas que não estão sendo pagas para se exibirem em práticas sexuais ou para as quais aquele trabalho é seu primeiro ou único pago. No entanto, tal definição é insuficiente, especialmente diante de novas realidades relacionadas às transformações econômicas colocadas por uma web mais colaborativa, entre as quais o CAM4 é um exemplo: há quem ganhe muito dinheiro na plataforma – com intenções prévias de alcançar tal objetivo, inclusive –, apesar de muitas pessoas compartilharem suas imagens sem qualquer desejo de retorno financeiro. Por outro lado, também seria impreciso afirmar que quem ganha dinheiro – abundantemente e regularmente – deixa de estar fazendo uma pornografia amadora, particularmente neste site.

Proponho pensar o amador como sendo caracterizado, fundamentalmente, como uma categoria que não é profissional, ainda que apresente a potencialidade de retorno financeiro. Isso ocorre porque a carência de profissionalismo não necessariamente está associada ao dinheiro no imaginário pornô, mas sim, à *falta de controle* profissional que legitimará uma prática sexual como *autêntica*. De acordo com Patterson (2004), essa perda do controle presente no amador contrasta com o controle do profissional: a falta de controle produzirá um *realismo* do sexo, uma expectativa de que a pessoa na pornografia revele algo que não necessariamente queira ou planeje revelar. Essa é, afinal, a característica que marcou o amador como uma categoria e produziu outra, a pornografia realista, que, ainda que seja feita de forma profissional, busca reproduzir os *efeitos* do amador.

O debate sobre o pornô amador é, portanto, um debate sobre o desejo pela autenticidade. No entanto, a construção da sede pelo realismo a partir do qual o autêntico insurge tem menos a ver com um voyeurismo de quem assiste à pornografia e mais com uma transformação profunda na relação entre quem faz a pornografia e quem a assiste (BAUDRILLARD, 1994). Essa nova relação refere-se essencialmente a uma articulação que o pornô passa a fazer entre as pessoas, tornando-as mais próximas. Essa é, afinal, a promessa do amador na internet: aumentar cada vez mais a proximidade entre quem faz a pornografia e quem a assiste. Daí alguns elementos que são tão caros à categoria: valorização dos outrora inconvenientes de gravadoras, como iluminação descuidada, baixos valores de produção, movimentos vacilantes de câmera, recursos financeiros e estéticos

baixos; e a apresentação de pessoas “comuns”, isto é, pessoas que poderiam ser suas vizinhas, chefes, cunhadas, etc. Os próprios perfis, repletos de “cartas pessoais, informação biográfica, diários online e *webcams* (...) são formas de fazer com que a pessoa que assiste a pornografia “se torne mais próxima e íntima” (PATTERSON, 2004, p. 111, tradução minha).

Tudo em torno do pornô amador circunscreve, portanto, uma retórica que busca convencer a pessoa que está assistindo de que ela está ou poderia estar lá – seja registrando as práticas sexuais ao se identificar com a câmera, seja colocando-as em prática ao se identificar, de diversas formas, com as pessoas apresentadas. Os sites são estruturados para virarem um hábito e uma comunidade – “um espaço familiar, até mesmo ‘doméstico’” (PATTERSON, 2004, p. 111, tradução minha). Na análise de Baudrillard (1994), outro tipo de subjetividade é ativada, pois a pornografia deixa efetivamente de ser uma questão sobre assistir e passa a ser uma questão sobre “estar lá”.

Segundo Patterson (2004), a busca pelo realismo acaba com o espetáculo de outrora: busca-se o amador porque ele mostra “corpos reais” experimentando “prazer real”. Esse desejo é apresentado em oposição à suposta artificialidade de uma certa pornografia em que tudo é “falso”. Durante a etnografia, verifiquei isso em diversas ocasiões. Numa delas, um casal transmitia um *show* de um parque na Colômbia e um participante brasileiro, em caixa alta, os acusou de serem um “casal *fake*” em um “parque *fake*”: “não há pessoas ao redor!”, ele argumentou (DC, 04.03.2016). Vê-se que o amador tem a ver majoritariamente com um desejo – “profundo e frustrado” – pelo real, uma ansiedade que se distribui pela sociedade como um todo (HESTER, 2014, p. 130, tradução minha).

Para Bakehorn (2010, p. 55, tradução minha), a autenticidade tem sido estudada em muitos campos diferentes porque está relacionada com uma procura existencial por um “*self* autêntico” e como um ideal “contra as forças homogeneizantes e alienantes da sociedade moderna”. Ela argumenta que originalidade e autenticidade são importantes no mundo moderno porque as pessoas são “inundadas com o falso” e estão procurando avidamente por aquilo que é genuíno. Daí o boom não apenas da pornografia amadora, mas também de outras mídias que visam apresentar a “realidade” e possibilitar a imersão na intimidade alheia, tais como os *reality shows*.

Dessa forma, a autenticidade trata de uma motivação e não de uma “característica essencial” ou uma “verdade” sobre o que se fala – um debate em crise há séculos, sem dúvidas. Em uma discussão sobre turismo sexual, Piscitelli (2002) observa que se trata de uma busca incessante e angustiada por algo real *para experimentar* – algo que esteja nos bastidores da saturação dos múltiplos e exigentes conceitos sobre o que é “verdadeiro”.

Essa busca pelo autêntico pode estar por trás não apenas das expectativas de quem assiste pornografia, mas também de quem a faz. É por isso que leituras feministas estão na tradição da discussão sobre o autêntico na pornografia: a autenticidade vem como forte crítica a forma como os desejos e prazeres de diversas mulheres eram apresentados de maneira desonesta na pornografia moderna (YOUNG, 2014). Essa autenticidade como um movimento político pornô faz insurgir diversas demandas, não apenas das mulheres, mas de outros grupos politicamente minoritários. É nesse sentido que Tanya Bezreh (apud JACOBS, 2004, p. 17, tradução minha) define o amador como “o amor por estar fazendo algo”. A partir de sua definição, Jacobs (2004, p. 17, tradução minha) definirá a categoria como produções e estratégias que se situam *entre* as sessões da pornografia organizada industrialmente – neste sentido, a pornografia amadora tornaria visível aquilo que ninguém vê. O amador é a pornografia “mais divertida” e “significa um pacote não uniforme de cenas de sexo feitas com objetivos divergentes em mente”. De acordo com a autora, os “amadores pornográficos” podem ser mulheres e homens, gays ou hétero, poliamorosos ou monógamos; mas, independentemente disso, suas vidas sexuais registradas correm dentro e fora das indústrias organizadas para produzir novos momentos de prazer sexual.

Quando se trata da pornografia amadora ao vivo, o desejo pelo autêntico e pela intimidade que a caracteriza – como um movimento existencial e político – parece ainda mais claro e opera de forma ainda mais eficiente. Isso ocorre em função, principalmente, de dois aspectos: em primeiro lugar, aquele indivíduo que assiste às imagens é *solicitado* como um participante daquele espaço, de forma que ele se sente *necessário* para quem está se apresentando nas imagens pornográficas: a pessoa na câmera precisa da outra que a está olhando, de tal forma que aquele olhar possibilita, inclusive, seu prazer. Dessa forma, a autopercepção da pessoa que vê a pornografia passa por um deslocamento: se antes se sentia em falta com relação à pornografia, agora vê-se em uma plenitude quase transbordante:

o indivíduo que é *performer existe* por causa de seu olhar, *precisa* do seu olhar, e, na condição da pessoa que o olha, é capaz de satisfazê-lo.

Em segundo lugar, na pornografia amadora ou *live streaming*, o prazer não encontra somente o sexo. Não se trata, por isso, de uma assepsia romântica ou moralista das relações, mas sim do processo de construção de um entendimento de que há ali uma intimidade. Isso deixa claro que a fantasia reside mais no acesso privado a uma pessoa e na identificação subjetiva com ela do que no caráter especial das imagens. Atividades que eram outrora secundárias se tornam primárias, como comprar uma pizza ou arrumar a casa, como verifiquei muitas vezes em campo e procurarei explicitar durante o trabalho.

### 3.2.3 O que o amador muda? Deslocamentos na economia da sexualidade na era *prosumer*

Se, como argumentei anteriormente, os dados sobre a pornografia na internet não necessariamente falam sobre o *netporn* (isto é, pornografias que foram feitas para o online, e não simplesmente a alocação de vídeos na internet), qual é o lugar do amador nesse quadro?

Apesar de muitos portais de filmes pornográficos terem ficado sob domínio de grandes multinacionais diante da emergência do acesso online, as empresas passaram a enfrentar grandes dificuldades. As produtoras estudadas por Díaz-Benítez, cuja tese foi defendida em 2009, já haviam falido em sua quase totalidade quando Parreiras iniciou seu campo, cuja tese foi defendida não muito tempo depois, em 2015. “As que ainda resistiam, vendiam seu material para canais de televisão a cabo ou estavam vinculadas a ramos não convencionais (reconhecidos como pornografia bizarra)” (PARREIRAS, 2015, p. 155).

A crise das produtoras está relacionada, ao mesmo tempo, mas diferentemente, com a emergência do amador e com as transformações do capitalismo *prosumer*, uma noção cunhada por Alvin Toffler (1980). O conceito ganhou atenção com a discussão proposta por Ritzer e Jurgenson (2010), que o defendem para criticar as abordagens analíticas que olham para a produção e para o consumo de forma isolada<sup>31</sup> e para prover ferramentas que possam pensar as

---

<sup>31</sup> Tradicionalmente, a separação entre o consumo e a produção foi sempre insegura; contudo, por muito tempo, os dois foram estudados de forma isolada: do início da Revolução Industrial e por cerca de dois séculos depois, a partir das contribuições de Karl Marx especialmente, atribuiu-se à produção

categorias juntas, algo que se tornou mais necessário com a emergência das plataformas de conteúdo colaborativo, em que todo o conteúdo é produzido por quem também consome o serviço (como acontece no CAM4). Contudo, os sociólogos também defendem a categoria como uma nova forma de capitalismo que não apenas confunde os limites entre produção e consumo, mas que transforma a sua relação a partir de quatro principais fatores.

O primeiro deles se refere à dificuldade que os capitalistas tem de controlar *presumers*, que resistem às tentativas das companhias de cobrarem pelo conteúdo e definirem os interesses de consumo. O segundo aspecto se refere ao fato de que é impossível explorar o *prosumer* da mesma maneira que os produtores e consumidores tradicionalmente o foram, especialmente em razão de que os *prosumers* parecem gostar, inclusive amar, o que estão fazendo, dedicando muitas horas a um trabalho que, por vezes, resulta em nenhum ou em pouco retorno financeiro. Ainda assim, os usuários e usuárias veem sentido no que estão fazendo, seja na possibilidade de se conectarem a outras pessoas, seja em criar uma identidade para si, seja para se expressarem ou seja para vislumbrarem a possibilidade de ganharem dinheiro no futuro.

O terceiro fator se refere à emergência de uma nova economia que coexiste com a tradicional troca de dinheiro por bens e serviços: trata-se de uma dinâmica na qual pouco ou nenhum dinheiro transita entre as mãos do usuários e dos donos dos sites, havendo, de um lado, a disposição, por parte das empresas, de pagar pelo trabalho feito por *presumers*; e, de outro lado, *prosumers* que têm preferido e têm podido pagar pouco ou nada por aquilo que consomem na internet. O quarto e último fator se refere ao fato de que, embora o capitalismo tradicional tenha se constituído sobre a escassez, o capitalismo *prosumer* caracteriza-se por uma crescente e surpreendentemente abundância, que joga para a lata de lixo a eficiência e racionalidade e, por seu turno, valoriza a efetividade.

Além de plataformas de *webcam live streaming* como o CAM4, sites como o Pornhub, o Xvideos ou o YouPorn são também emblemáticos da era *prosumer*. No entanto, os conteúdos não necessariamente precisam ser amadores, pois o usuário

---

todo o formato da economia do ocidente, senão da sociedade ocidental como um todo; da metade do século passado para a atualidade, a partir das análises de Jean Baudrillard principalmente, o consumo passou a ganhar a centralidade no debate econômico-social diante de sua expansão e manutenção, apesar das oscilações da produção.

ou usuária pode carregar vídeos profissionais, como já sugerido neste texto. Apesar disso, a categoria de filmes amadores – que pode, também, estar articulada com outras categorias, tais como “*big tits*”, “*anal*”, “*public*”<sup>32</sup>, etc. – é certamente a mais popular, ainda que haja espaço para o profissional. Como mencionei no início deste trabalho, o vídeo mais acessado de todos os tempos no Pornhub é uma *sextape* (KIM..., 2014) e, enquanto as produtoras parecem estar – sem muito sucesso – tentando aproximar seus conteúdos ao efeito do realismo e do autêntico (como a famosa Brasileirinhas, que vêm sustentando-se com *reality shows* e simulação de festas) (HESTER, 2014; PATTERSON, 2004), outras plataformas simplesmente fecham suas portas para o profissional, mantendo apenas o conteúdo amador enviado diretamente por usuários e usuárias (tais como a comunidade brasileira online Sexlog) (COHEN, 2014). Dessa forma, não é como se o capitalismo *prosumer* fosse o *responsável* pelos deslocamentos envolvendo o amador, pois esses insurgem de complexidades de outra ordem; contudo, ele certamente o possibilitou, conjuntamente com a web 2.0.

Parreiras (2015) critica a noção de que o fato de as pessoas estarem fazendo a própria pornografia, nublando as fronteiras entre o consumo e a produção, democratiza o mercado em si: “grandes corporações continuaram a ser detentoras da maior parte dos recursos da web 2.0. Os usuários passam a ter a possibilidade de produzir – e são constantemente incitados a isso –, mas os lucros reais ou potenciais acabam ficando majoritariamente para as grandes corporações” (PARREIRAS, 2015, p. 25). Durante este capítulo, ao dar visibilidade a essa lógica a partir da etnografia da organização da plataforma CAM4, a crítica de Parreiras (2015) mostrou-se acertada e fundamental para evitar ingenuidades, apesar do fato de que os sites de pornô ao vivo, diferentemente de outros espaços de compartilhamento de conteúdo colaborativo, efetivamente permitem que os usuários e usuárias ganhem dinheiro, o que é também uma previsão das transformações do *prosumer*.

No entanto, não se pode negar que há uma maior democratização no acesso a diferentes experiências com o sexo. De acordo com Preciado (2008b), o corpo autopornográfico – isto é, a possibilidade de qualquer pessoa equipada com as tecnologias necessárias ingressar nos mercados do sexo em que também

---

<sup>32</sup> Em português, “seios grandes”, “anal” e “público”, respectivamente.

consomem – provoca uma ruptura do monopólio de multinacionais pornográficas em sua forma tradicional de organização e uma reconversão de outros sujeitos na agência da economia do sexo. Populações relativamente pobres, bem como indivíduos cujos corpos e desejos são considerados dissidentes, passam a colocar as mãos nos meios técnicos de produção pornô, fazendo com que essas grandes empresas "se aliem progressivamente com companhias publicitárias esperando atrair cibervisitantes através do acesso gratuito a suas páginas" (PRECIADO, 2008b, p. 36, tradução minha).

Dessa forma, estatísticas sobre a pornografia somente estarão verdadeiramente dialogas com essa pesquisa se considerarem as transformações do *netporn*, do regime *prosumer* e, particularmente, do pornô amador. Alguns dos dados mais interessantes que levam em conta tais elementos estão relacionados com o consumo e a produção de pornografia pelas mulheres (ainda que haja uma dificuldade em definir que mulheres são essas, nas trilhas de Butler (1998)): um estudo feito pela revista internacional Marie Claire (2015), apontou que 31% das mulheres assistem pornografia pelo menos uma vez por semana, enquanto 30% afirmam que assistem a materiais do tipo pelo menos algumas vezes por mês, totalizando quase 2 terços dessa população. Dessas, 62% assistem pornografia em seus *smartphones*, sendo que 90% acessam apenas pornografia online, 75% desse total em *websites* gratuitos. Ao discutir dados semelhantes, que apontam que um terço do consumo de pornografia, atualmente, venha das mulheres, Duarte (2014) considera que o anonimato próprio desse tipo de mídia na internet desempenha um papel importante no crescimento desses acessos.

Apesar de concordar que a vergonha, decorrente de uma sociedade machista, acaba motivando as mulheres a acessarem pornografia na internet em função do anonimato que o online possibilita, penso que deva ser importante considerar as mudanças mencionadas pelo *netporn*, pelo *prosumer* e pela ascensão do amador para pensar esses dados. Um exemplo dessa aposta aponta para o fato de que as mulheres compõem, atualmente, a maioria dos *uploads* de vídeos amadores: em 2013, o site Homegrown Video catalogou que 56,9% do conteúdo caseiro são postados por elas (PÁTARO, 2014). Assim, acredito que a possibilidade de poder identificar e produzir os próprios desejos e prazeres na pornografia contribua, também, para o crescente interesse das mulheres, frequentemente subestimado no senso comum.

No final de 2014, o site Pornhub publicou um levantamento estatístico apresentando as maiores procuras por categorias, as palavras-chave mais frequentes em seu mecanismo de busca e as estrelas pornô mais acessadas em sua própria plataforma, organizando os dados por diferenças de gênero (WHAT..., 2014). Há algum tempo, a plataforma vem apresentando dados demográficos complexos sobre o acesso em seu espaço, comparando informações a partir de diversas variáveis. Nos dados referidos, surpreendia, para além da já presumida diferença entre as buscas desde a categoria de gênero, a diversidade de tipos de pornografia que são, atualmente, as favoritas na plataforma e que significativamente contradizem as lógicas frequentemente denominadas *mainstream*<sup>33</sup>.

No levantamento feito pela plataforma Pornhub, entre as quase 90 categorias disponíveis no site, as 10 categorias mais acessadas pelos homens são, em ordem de mais procurada a menos procurada, *Teen*<sup>34</sup>, *MILF*<sup>35</sup>, *Mature*<sup>36</sup>, *Ebony*<sup>37</sup>, *Anal*, *Lesbian*, *Gay (male)*, *Big tits*, *Amateur*<sup>38</sup> e *Squirt*<sup>39</sup>. Em décimo terceiro lugar, está a categoria *BBW*<sup>40</sup>. As mulheres, por seu turno, acessam mais *Lesbian*, *Gay (male)*, *Teen*, *For Women*<sup>41</sup>, *Ebony*, *MILF*, *Squirt*, *Anal*, *Mature*, *Big Dick*<sup>42</sup>.

Não é minha intenção, nesse momento, analisar com profundidade tais dados ou me esmiuçar sobre outros igualmente interessantes oferecidos pela plataforma,

---

<sup>33</sup> Tais como os que se verificam na etnografia de Díaz-Benítez (2009): relações heterossexuais, corpos de magros a atléticos; mulheres loiras, ruivas, asiáticas, de cabelo escuro e pele branca, negras de pele mais clara, mas todas selecionadas desde padrões de branquidade; homens negros e atléticos com mulheres brancas e loiras; pessoas adultas jovens; roteiros que vão do beijo para o sexo oral, particularmente no homem; do sexo oral à penetração vaginal; da penetração vaginal para a anal; com a finalização dada na ejaculação do homem dentro ou sobre a mulher. Há, nesses filmes, um grande foco ao corpo e rosto da mulher, geralmente centrais na imagem em vídeo, e pouca exploração do corpo do homem, cujo rosto muitas vezes sequer aparece.

<sup>34</sup> Em português, traduz-se para “adolescentes”. Essa categoria reúne vídeos com mulheres não necessariamente adolescentes, mas que pareçam muito jovens.

<sup>35</sup> *MILF* é um acrônimo para *Mothers I'd Like to Fuck*. Em português, traduz-se para “Mães que Eu Gostaria de Foder”. Geralmente, são vídeos que apresentam mulheres na faixa dos 40 ou 50 anos de idade.

<sup>36</sup> Em português, *mature* traduz-se para “Mulheres maduras”. Usualmente, são vídeos pornô com mulheres a partir de 50 anos de idade. Às vezes, essa categoria confunde-se com “MILF”, embora possa apresentar mulheres mais velhas (de 60 anos ou mais, por exemplo).

<sup>37</sup> Essa categoria apresenta mulheres e homens negros. O termo em inglês faz referência uma tradicional revista estadunidense voltada a pessoas negras.

<sup>38</sup> Em português, traduz-se para “Amador”.

<sup>39</sup> Em português, traduz-se para “esguicho”. Faz referência à ejaculação das mulheres.

<sup>40</sup> *BBW* é um acrônimo para o termo em inglês *Big Beautiful Woman*. Em português, traduz-se para Mulher Grande e Bonita. É uma categoria de vídeos com mulheres gordas. Chamo atenção, novamente, para o potencial produtivo das categorias pornô: aqui, a beleza é chamada como um elemento diferencial que surge com “grande”.

<sup>41</sup> Em português, traduz-se para “Para mulheres”. São vídeos pornográficos produzidos especialmente para esse público.

<sup>42</sup> Em português, traduz-se para “Pau grande”.

mas apenas apontar como, embora a primeira categoria mais acessada pelos homens seja aquela com mulheres que parecem adolescentes, a segunda e a terceira apresentam mulheres mais velhas, sendo a quarta voltada a vídeos com mulheres negras – antes, por exemplo, da famosa *Interracial*<sup>43</sup>, que sequer surge na lista e que dificilmente apresenta mulheres negras. Na lista, *Squirt* também surge antes, por exemplo, de categorias como *Creampie*<sup>44</sup>, que está no final da lista de 16 categorias, ou *Bukkake*<sup>45</sup> e *Cumshot*<sup>46</sup>, que sequer estão presentes. Quando se trata das *Top Categories* das mulheres que acessam o site, é interessante notar como as duas primeiras categorias mais acessadas sejam com pessoas de mesmo gênero. Ali, vídeos de *Squirt* também surgem em sétimo lugar, bem como vídeos voltados para mulheres, em quarto lugar. Apesar de o levantamento denunciar alguns conservadorismos – tais como o heterocentrismo, a partir do qual os vídeos entre lésbicas e gays surgem como categorias específicas, enquanto as práticas heterossexuais são “subentendidas” nas demais como uma “categoria guarda-chuva”<sup>47</sup> – ou não surpreender em alguns aspectos – quando, por exemplo, apresenta a grande procura por vídeos com mulheres mais novas, seios e pênis grandes ou práticas de sexo anal, que são frequentemente assumidos como marcas da pornografia moderna –, é preciso considerar alguns deslocamentos: em um site

---

<sup>43</sup> Uma categoria de filmes pornográficos que usualmente inclui uma mulher loura com um ou mais homens negros (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009).

<sup>44</sup> Em português, traduz-se para “torta de creme”. É uma categoria de vídeos pornô que faz referência ao ato de ejacular dentro da vagina ou ânus de outra pessoa e o conseqüente escorrimento do sêmen dos mesmos orifícios.

<sup>45</sup> Deduzidas as variações, o *bukkake* consiste em uma pessoa se postando de joelhos e aguardando que vários homens em pé se masturbem e ejaculem sobre o seu rosto. É também chamado de *Facial*, embora o termo *Facial* não seja tão específico, podendo significar apenas o ato de ejacular na face, não necessariamente sexo grupal.

<sup>46</sup> *Cumshot* também é uma categoria que supõe a ejaculação sobre outra pessoa, mas, nesse caso, não necessariamente no rosto e não necessariamente em contexto de sexo grupal.

<sup>47</sup> Apesar disso, na plataforma Pornhub, é possível buscar por categorias dentro de dois grandes grupos: *Hetero* e *Gay*. Chamo atenção para o fato de que, no caso do segundo, só surgem vídeos entre homens, de forma que não há uma grande categoria Lésbica com diferentes tipos de pornografia encontráveis envolvendo esse grupo (e direcionados para ele). Também não há um grande grupo Bissexual. Fica parecendo que o site ainda se organiza fortemente em torno da presunção de um público masculino, apesar de seus próprios dados – publicados e analisados, inclusive – apontarem para o grande acesso das mulheres à pornografia. Nestes casos, os usos de *tags*, já mencionados no decorrer deste capítulo, cumprem um papel muito importante. Por isso, talvez, o levantamento feito pela plataforma também considerou os termos lançados no mecanismo de busca do site. Apesar disso, as categorias são bastante diversificadas – muitas delas estão inseridas no grupo de vídeos considerados bizarros, tais como *Fisting* ou *Pissing*, por exemplo, que apresentam a penetração do punho na vagina ou no ânus ou práticas envolvendo urina, respectivamente.

que não se propõe como um portal de pornô fetichista<sup>48</sup> com um público particular<sup>49</sup>, mas que é um dos maiores portais de pornografia do mundo com acessos distribuídos em todos os continentes, não se pode ignorar o grande interesse dos usuários e das usuárias sobre mulheres gordas, mais velhas ou negras, ou uma maior busca por vídeos de ejaculação feminina em detrimento dos consagrados vídeos centrados na ejaculação masculina.

Dados como esses, acompanhados da falência de grandes produtoras que outrora afirmavam saber o que o “povo não gosta”, ou o que “para o público não vai” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 64), talvez informem mais sobre disputas no campo da sexualidade e das relações de gênero possibilitadas pela tecnologia do que sobre um simples colapso de mercado diante do domínio da internet sobre outros meios de circulação de conteúdo pornô<sup>50</sup>.

### 3.2.4 Na corda bamba: o *mainstream* em disputa

O termo *mainstream* (“corrente principal”, em português) designa o gosto ou uma forma de pensar corrente da maioria da população. É utilizado para caracterizar os vídeos pornográficos, mas também outros produtos relacionados às artes, como a música e a literatura. Usualmente, o *mainstream* define, também, algo que é familiar às massas, disponível ao público geral ou que tem finalidades comerciais. No que se refere ao pornô, o *mainstream* qualifica um produto cujas características são geralmente bem especificadas, ao menos em um imaginário: um vídeo

<sup>48</sup> Na tese de Díaz-Benítez (2009), a antropóloga relata conversas com produtores brasileiros do chamado pornô *mainstream*. Em alguns desses relatos, o fetiche surge como o desejo por gordas, por peludas, por velhas, BDSM, etc., chamado, nesses casos, de *fetiches leves*. Os vídeos com vômito – chamados, na categorização pornô, de *puke* ou de *banho romano* –, com fezes – chamados de *scat* –, etc., são chamados de *fetiches pesados*. De acordo com Jorge Leite Jr. (2005), o pornô fetichista – ou, ainda, o bizarro e o sadomasoquista – são vídeos que apresentam as “perversões sexuais”, nos termos de Foucault (2014).

<sup>49</sup> Ainda na tese de Díaz-Benítez (2009), muitos produtores, comentando sobre a ampla produção de pornografia bizarra ou fetichista no Brasil, diziam que havia mercados específicos para consumo desses produtos, particularmente o europeu. O mercado nacional, para eles, estava relativamente fora desse eixo. Para eles, os produtos que mais vendiam, incluindo o mercado nacional, eram os do tipo *mainstream*.

<sup>50</sup> A decisão da Playboy de deixar de publicar ensaios nu no final de 2015 é emblemática nesse sentido: seus executivos afirmam que a decisão foi tomada em função da ameaça da pornografia online gratuita: por que pagar por algo que se pode ter de graça? Por que pagar por um material explícito se é possível adquirir o mais explícito? Apesar disso, mesmo a sua concorrente mais famosa, a Penthouse, tendo respondido à batalha com a internet com materiais cada vez mais explícitos, jamais conseguiu se recuperar (“PLAYBOY”..., 2015). Por outro lado, não são raros os reclamos em torno do uso de editores de imagens em ambas as revistas, bem como o caráter “artificial” ou “moralista” de seus ensaios. Por isso, Papas (2015) questiona se o pornô industrial voltado ao público masculino é realmente o pornô que os homens querem assistir ou se são as grandes empresas da indústria que tentam moldar o dito *mainstream*.

pornográfico heterossexual, por exemplo, é chamado de *mainstream* quando apresenta corpos magros ou atléticos; mulheres loiras, ruivas ou morenas de pele clara; mulheres negras, mas com pele mais clara e com traços popularmente associados à branquidade; mulheres asiáticas e miúdas; homens negros e atléticos com mulheres brancas e loiras; homens brancos altos e atléticos com pênis grandes; pessoas adultas, mas jovens; pessoas depiladas; roteiros que vão do beijo para o sexo oral, particularmente no homem; do sexo oral à penetração vaginal ou anal; com a finalização dada na ejaculação do homem dentro ou sobre a mulher; enquadramento sobre o rosto e corpo da mulher e pouco foco ao homem, cujo rosto frequentemente não aparece no vídeo.

Contudo, a ascensão do *netporn*, do *prosumer*, dos vídeos amadores e da pornografia *live streaming* (que tende a potencializar o efeito da autenticidade); a decadência de grandes produtoras de pornografia moderna ou a sua reconversão para outros ramos; e os dados mais recentes sobre a distribuição de interesses nos acessos à pornografia disponível online provocam repensar esse comum conteúdo atribuído à pornografia *mainstream*. Será que a pornografia *mainstream* ainda é *mainstream*? O que é o *mainstream* atualmente?

Nas trilhas dessa discussão, talvez seja necessário colocar o termo “sob rasura”, nos termos de Derrida (1991): pensar o conceito de forma distinta do original, não reconstruído, afastando-o de um caráter pré-dado, pré-linguístico e auto-idêntico. Nesse sentido, na falta de um termo melhor, não se trataria de abandonar a noção por completo, mas de pensá-la de forma desconstruída, afastada do paradigma que a gerou originalmente. O que os deslocamentos apresentados colocam para uma ideia de pornô *mainstream*? Como pensar a categoria “no limite” ou “no intervalo”?

O chamado pela discussão sobre a construção da pornografia *mainstream* é, na verdade, um chamado pela problematização das relações hegemônicas – do processo de universalização e das práticas sexuais e corpos que são declarados hegemônicos. Quando o *mainstream* ou o hegemônico são tomados como categorias cristalizadas no espaço e no tempo, as reflexões sobre a pornografia se tornam um lugar onde a produção dos corpos e da excitação sexual correm para apenas uma direção: aquela em que o mapa totalizante da “subordinação patriarcal” coloca mulheres em invariável lugar de objetificação pelos homens heterossexuais – assumidos desde uma identidade única, fixa e essencialista – ao mesmo tempo em

que mantem determinados corpos e práticas rotulados como “perversos”, “anormais” ou “dissidentes” de forma perigosamente naturalizada.

Quando Laclau e Butler discutem a ideia gramsciana de hegemonia a partir do texto de Mouffe e Laclau, *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1998), fica claro que o que caracteriza a relação hegemônica é precisamente o contrário da rigidez que frequentemente visita a ideia da pornografia *mainstream* e coloca sobre ela um caráter estável e unitário. A influência predominante da hegemonia não trata de uma questão de subordinação simplesmente calcada no fechamento e na fixação de sentido, mas sim do caráter aberto e incompleto do social, que é precondição de qualquer prática hegemônica. Laclau (2000) argumenta que a hegemonia não se coloca apenas como uma categoria útil para descrever tensões políticas, mas define também o próprio terreno em que uma relação política se constitui verdadeiramente.

Se, como apresentei em uma revisita aos escritos de Rubin (1998), o sexo pode ser visto como um campo político, ele também se organizará mediante exclusões que retornam para frequentar aqueles arranjos pregados sobre a ausência dessas exclusões. Essa frequentação será politicamente efetiva justamente na medida em que o retorno do excluído força uma expansão e uma articulação nas premissas básicas de uma sociedade livre nos termos da democracia. Segundo Butler (2000b), o momento “normativo e otimista” da hegemonia consiste na expansão das possibilidades democráticas para os termos do liberalismo, tornando-os mais inclusivos, mais dinâmicos e mais concretos. Assim, ao contrário de uma visão que coloca a operação de poder no campo político unicamente nos termos de blocos separados que competem entre si pelo controle de questões políticas, a hegemonia coloca a ênfase para as maneiras em que o poder opera para formar a nossa compreensão cotidiana das relações sociais e para organizar as maneiras em que consentimos e reproduzimos essas relações tácitas e dissimuladas do poder.

O poder não é estável ou estático, mas sim construído em conjunturas dentro da vida cotidiana: a transformação social não ocorre simplesmente a partir de uma concentração massiva a favor de um causa, mas sim através das formas a partir das quais as relações do dia-a-dia são rearticuladas e novos horizontes conceituais são abertos por práticas consideradas subversivas. Assim, as relações hegemônicas são sempre contingentes – e tal contingência é a brecha a partir da qual o amador entra em campo em efetiva rivalidade. O amador não resiste simplesmente, e é difícil

precisar em que momento ele deixou de ser uma entre tantas formas de fazer uma “micropolítica hedonista”, nos termos de Preciado (2008b), e em que circunstâncias ele ainda assim se mantém. O que esses tensionamentos ensinam, de qualquer maneira, é que a pornografia é mais um campo de disputa hegemônica do que a disputa em si, daí a dificuldade de encontrar um conteúdo fixo como referente último que a defina (apesar de sempre sabermos quando estamos em seu território) e que defina estaticamente o *mainstream*, cujo sentido deve ser constantemente renegociado.

### 3.3 Etnografar o CAM4: Precisoões metodológicas

Os caminhos metodológicos para dar conta não apenas das particularidades de uma plataforma online de pornô amador ao vivo, mas especialmente dos seus usos, não foi tarefa fácil. Em primeiro lugar, como venho descrevendo, trata-se de um espaço que envolve o papel de novas tecnologias e de interesses de mercado, mas, sobretudo, que conjuga diferentes disputas da ordem das relações de gênero e da sexualidade que sempre se interseccionam com outros marcadores e com diversos artefatos. Essas disputas no CAM4 se colocam, especialmente, na interação e nas negociações entre as pessoas que nele estão e nos usos criativos das tecnologias disponíveis no site, como pretendo discutir nos próximos capítulos. Fazer uma pesquisa desse tipo é, portanto, fazer uma pesquisa sobre política, de forma que a metodologia não pode escapar-se dessas considerações.

Assim, ao mesmo tempo em procuro trazer o tema deste estudo para o centro de uma discussão tradicionalmente feminista e *queer* nas ciências sociais, ele também está situado em uma perspectiva particular sobre a ciência. Dessa forma, no decorrer da pesquisa, procuro adotar uma abordagem epistemológica também feminista e *queer*.

Trata-se de uma pesquisa feminista na medida em que localiza o saber, isto é, destaca o lugar de onde se fala em um posicionamento político explícito não somente desde a noção de reflexividade (RABINOW, 2007), mas também desde um posicionamento político explícito (HARAWAY, 1995), como discuti no início desta dissertação. Não tomo o conhecimento como um processo racional e objetivo para atingir uma verdade universal e neutra, pois, estando a teoria sempre implicada no poder, os ideais de universalidade e de neutralidade estão carregados de valores

particularistas e excludentes, usualmente masculinistas, heterocentrados e racistas (OLESEN, 1998).

Nesse sentido, considerando que se trata de um trabalho sobre pornografia, minhas “subjetividades eróticas” (KULICK; WILLSON, 1996) também não são ignoradas. Nesse sentido, concordo com Bolton (1995) quando diz que a decisão de explorar ou não práticas sexuais próprias em campo é uma decisão individual do pesquisador ou pesquisadora, entendendo que o desejo é um importante norte para a localização e parcialidade do saber e que pode ser produtivo para o desenvolvimento da pesquisa em campo. No entanto, embora as transmissões e interações despertassem em mim todo o tipo de emoções, sendo a excitação uma delas, a intensa e peculiar atenção que o campo exigia – eu precisava estar atenta às imagens e ao texto ao mesmo tempo que fazia registros dos dados e anotações no Diário de Campo, como retomarei em seguida – não permitia que a consumação dos meus desejos não viesse sem prejuízos. Entendo, contudo, que essa é uma particularidade do campo com o qual decidi trabalhar e reconheço que o desenvolvimento de outra pesquisa – tal como as saunas gays de Bolton (1995) – possa, ao contrário, se qualificar com a abertura para experiências sexuais.

Esta dissertação é também *queer* porque ela supõe quadros de pesquisa não-normativos com sujeitos mais fluidos e instáveis em contraposição à rigidez e às certezas no que tange aos processos identitários de gênero, frequentemente cristalizados em dicotomias naturalizadas. Trata-se, como Browne e Nash (2010) argumentam, de interseccionar - e não isolar - a abordagem epistemológica da pesquisa - conjuntamente à metodologia e aos métodos - com seus dados.

Desde essa perspectiva, proponho uma etnografia do uso das mídias digitais. Sigo a definição de mídias digitais como a proposta por Miskolci (2011): meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede (à conexão e ao seu suporte material). Há, certamente, formas muito diversas de se conectar em rede; este trabalho, ao voltar-se para a pornografia *live streaming*, olha para indivíduos conectados por computadores de mesa, *smartphones* ou *tablets* principalmente.

Procurei, no decorrer deste capítulo, discutir brevemente a plataforma em estudo – o CAM4 –, descrevendo sua interface, funções e formas de comunicação com quem acessa e se torna membro do site (elementos que, com certeza, descortinam muitos dos interesses de seus criadores e comercializadores). Fiz isso

por duas razões principais: a primeira delas, porque somente pude definir como fazer a pesquisa após algumas incursões, de forma que a definição de alguns conceitos importantes, bem como as considerações metodológicas – tais como a abordagem epistemológica, a metodologia e o método – se tornariam mais claros após a exposição cuidadosa do universo empírico; a segunda, porque os próximos capítulos devem se dedicar aos dados etnográficos em torno dos usos criativos do site, que, em alguma medida, subvertem a fixidez da organização da plataforma e retomam os conceitos empíricos preliminares de campo. Dessa forma, para essa pesquisa, interessam principalmente as dinâmicas de socialização – as interações e negociações – e as demandas individuais – e, talvez, coletivas – a que a plataforma possa atender através de seus recursos, bem como as formas a partir das quais seus recursos podem afetar essas dinâmicas.

Essa articulação entre os usos da tecnologia e a própria tecnologia justifica-se na constatação – já verificada em outras etnografias dos usos das mídias sociais inseridas no campo dos estudos de gênero e da sexualidade, como a de Pelúcio e Cervi (2013), Miskolci (2014) e Parreiras (2008) – de que a tecnologia, por mais nova que seja, não funciona autonomamente, mas está inserida em uma realidade cultural previamente existente, na qual passa a intervir, mas que também transforma. É por isso que é preciso entender a articulação entre online e off-line em um contínuo no qual tanto a pesquisadora como os sujeitos de pesquisa estão inseridos, não sendo adequada a oposição real e virtual que coloca as mídias digitais em um universo à parte, como Lévy (1996) sugeriu a partir da noção de ciberespaço. Atualmente, teóricas como Hine (2001) sugerem pensar a internet não como um lugar, mas sim como um “contexto cultural”: a comunicação mediada não é um espaço, mas “uma ferramenta extra que os indivíduos usam para se conectar, uma que apenas pode ser compreendida como profundamente embebida e influenciada pelas realidades diárias a vida corporificada” (BAYAM, 2010; apud MISKOLCI, 2011).

Dessa forma, a geografia não deve mais ser o enquadramento exclusivo da cultura em um trabalho etnográfico, pois as pessoas são parte de muitas culturas. A etnografia do uso das mídias digitais proposta aqui surge desse desdobramento, tal como analisado por Clifford (1997). Para o antropólogo, o contexto de mobilidade mundial – e o uso das mídias digitais certamente é produto dele – produz uma transformação na escrita das etnografias e mesmo no encontro com os sujeitos de

pesquisa. Sugerindo possibilidades para além da permanência própria de etnografias em terras longínquas ou mesmo exóticas como as de Malinowski (1984), Clifford (1997) propõe pensar o trabalho de campo como *travel encounters* a partir da noção de movimento e de viagem. Para o antropólogo, o conceito de cultura só pode ser pensado com foco na representação etnográfica, que é formada pela interação e pela ideia de processo. Assim, os *travel encounters* podem ser tomados como traduções localizadas no tempo e no espaço e, portanto, contingenciais e parciais. Clifford fala, então, em *traveling cultures* ou culturas em trânsito, isto é, culturas em constante movimento. Dessa forma, critica-se o campo como dependente das relações de permanência, em que o “campo” simboliza um ideal metodológico e um lugar concreto e material.

Tendo esses deslocamentos teóricos, políticos e metodológicos no horizonte, meu interesse voltou-se para as dinâmicas próprias da pornografia no CAM4 e o que os usos de suas ferramentas informam sobre a sexualidade e as relações de gênero, particularmente no que se refere a sua potencialidade produtiva. Nesse sentido, também são importantes as maneiras através das quais outras categorias ali se interseccionam.

Concentrei os tópicos de análise nas transmissões, nos significados atribuídos a elas por quem as assiste, nas interações em tempo real entre membros nesses *shows* e no conteúdo “externo” da plataforma, isto é, dados possíveis de acessar fora da interação entre as pessoas na plataforma, especialmente os perfis.

Foi difícil definir como acessaria os *shows* e as interações que nele ocorriam, uma vez que não seria possível dar conta das milhares de transmissões sempre disponíveis na plataforma. Por outro lado, a escolha meramente randômica acabaria paradoxalmente pouco aleatória diante dos meus interesses e curiosidades pessoais. Dessa forma, restou sistematizar o acesso a partir das próprias categorias colocadas pela plataforma, dos filtros disponíveis no site ou das *tags* mais populares em uso. No entanto, as *tags* são também muito numerosas e de difícil metodização. Assim, após realizar um campo exploratório, decidi distribuir as incursões pelas categorias, pois elas não somente facilitariam a organização da prática etnográfica, como possibilitariam acessar as transmissões mais movimentadas no que se refere às interações e negociações, bem como acessar as menos populares, o que informaria desigualdades nas gramáticas postas pelo filtro.

Inicialmente, planejei distribuir o acesso por todas as categorias, incluindo a dedicada ao Brasil e as transmissões em língua portuguesa, de forma a dar à nacionalidade brasileira um recorte particular. Contudo, considerando que teria, em cada categoria, de acessar muitas transmissões em diferentes turnos e de forma relativamente equânime, acabaria não cumprindo a proposta da pesquisa no tempo disponível. Assim, por razões de logística e de relevância ao objeto de pesquisa, organizei os acessos, majoritariamente, nos *shows* das categorias *Destaques*, *Homens*, *Mulheres* e *Trans*.

Primeiramente, organizei as incursões em uma rotina de cinco turnos distintos de três horas cada<sup>51</sup> em função do caráter transnacional dos acessos e das diferenças de fuso horário decorrentes: caso o trabalho de campo se concentrasse apenas nas manhãs, tardes e noites do horário de Brasília, por exemplo, eu deixaria de acessar as *webcams* cujos fusos não usualmente transmitiriam àquela hora. Durante o período da etnografia, busquei cumprir dois turnos diários de campo que exigiam a observação simultânea dos vídeos e das interações. Procurei, com uma agenda, acessar pelo menos quatro dos cinco turnos em cada uma das categorias selecionadas, acessando as primeiras *webcams* da primeira página da categoria a qual a incursão se dedicaria para, depois, acessar transmissões na segunda ou terceira página.

Os turnos de campo tendiam a fazer recortes regionais especialmente (mas não somente) em função do fuso horário. Quando eu acessava a plataforma das 9h às 12h do horário de Brasília, por exemplo, surpreendia a quantidade de transmissões da Itália. Durante a madrugada, havia uma quantidade maior de pessoas das Filipinas. No vespertino, havia mais colombianos e colombianas. As transmissões do Brasil tendiam a se concentrar, majoritariamente, à noite. Porém, em função da delimitação do estudo e do limite de tempo, não foi possível explorar a nacionalidade como um marcador social, embora o campo ofertasse essa interessante possibilidade.

Por vezes, muito pouco acontecia em uma transmissão – havia muitas mal sucedidas, com *performers* lançando *objetivos* que não se cumpriam e *shows* que iam esvaziando aos poucos –, então eu acompanhava mais de uma *webcam* ao mesmo tempo. Para isso, precisava utilizar dois navegadores diferentes, pois a

---

<sup>51</sup> Primeiro turno das 9h às 12h; segundo, das 14h às 17h; terceiro, das 19h às 22h; quarto, da 00h às 03h; quinto, das 05h às 08h.

plataforma só permitia o acesso simultâneo aos *shows* a membros que comprassem uma determinada quantidade de *tokens* e eu dispunha de poucos recursos financeiros. Em alguns casos, menos frequentes, acompanhei mais de duas transmissões. Nessas incursões, para não sobrecarregar o computador com muitos navegadores diferentes em conjunto com o consumo da plataforma e dos softwares de Diário de Campo e de registro de dados, abria duas abas em cada *browser*, sendo uma *logada* e outra como usuária visitante. Os programas que utilizei para o Diário de Campo e registro de dados foram, majoritariamente, programas leves de edição de textos.

Em geral, cada turno de campo exigia outros dois para a organização e análise dos dados, que se distribuíam não somente no Diário de Campo, mas também no registro dos diálogos e das imagens. Nesse momento, eu também acessava os perfis e demais conteúdos externos. Mais tarde, fui acompanhando *shows* específicos de alguns e algumas *modelos* cujas transmissões serviam mais aos interesses da pesquisa. O trabalho etnográfico mais intensivo se estendeu de novembro de 2015 a julho de 2016, após a realização de um campo exploratório para a delimitação do objeto de pesquisa, que durou cerca de 1 ano.

Decidi, a partir de extenso debate no evento de qualificação do projeto desta dissertação, não fazer entrevistas nesta pesquisa. A etnografia exige a vinculação a escolhas teóricas, o que implica não poder ser destacada como conjunto de técnicas empregadas independentemente de uma discussão conceitual, sendo a entrevista uma delas (MAGNANI, 2009). Contudo, a etnografia como método em um sentido mais amplo exige a construção de estratégias de contato e inserção no campo. Nesse sentido, as entrevistas não se mostravam adequadas às dinâmicas de intensa interação – sexual, especialmente – do universo empírico escolhido, no qual a caixa de texto presente nas transmissões serve ao proveito das pessoas que participam dos *shows* e daquelas que disponibilizam suas imagens. Esse proveito, por sua vez, era importante para os interesses deste trabalho e as entrevistas, naquele espaço, poderiam obstruí-lo. Por outro lado, a busca por fazer entrevistas em outras plataformas – tais como o Skype, por exemplo, ou mesmo o espaço concreto na ausência de impedimentos geográficos –, multisituando a pesquisa a partir do pré-agendamento dessas conversações, não se justificava no objeto do estudo nem funcionava para a concretização dos objetivos.

Por razões éticas, decidi modificar todos os nomes dos membros mencionados nesta dissertação, ainda que seus perfis e interações sejam acessíveis a qualquer pessoa online, por entender que a presença em um espaço tomado como público não necessariamente implica uma disponibilidade para quaisquer outros fins que não sejam os individuais. No entanto, busquei manter certas similaridades entre o *nickname* fictício e o real por compreender que a escolha de um apelido online envolve a atribuição de significados pertinentes ao contexto pesquisado (MISKOLCI, 2013), o que também influenciou a escolha do meu próprio *nickname* ao que me tornei membro do site para ampliar minhas possibilidades de acesso. Uma vez que havia decidido não incluir as entrevistas no rol de técnicas de coletas de dados etnográficos, busquei por um apelido que não sugerisse muitos interesses, ainda que estivesse ciente de que isso não seria plenamente possível: os nomes são sempre investidos de sentidos, inclusive etários. Dessa forma, optei por mariiii27 – meu apelido e minha idade no maior período da pesquisa. Os montes de “i’s” justificam-se no fato de que já havia alguém usando o *nickname* mari27 e marii27. Dessa forma, fui acrescentando a vogal até que o sistema encontrasse uma possibilidade disponível, isto é, uma que não estivesse em uso por outro usuário ou outra usuária.

Em função do caráter desta pesquisa e da quantidade enorme de perfis e transmissões acessados, seria impossível fazer encaminhamentos de quaisquer documentos de cunho autorizativo. Portanto, por razões éticas e legais<sup>52</sup>, bem como em razão do estilo deste texto etnográfico, evitei divulgar imagens das transmissões. Uma vez que a pesquisa atravessou diálogos em diversos idiomas – espanhol, inglês, francês e português, majoritariamente –, todos os trechos transcritos neste texto são traduzidos por mim para o português.

### 3.4 Síntese

Durante este capítulo, procurei apresentar o site CAM4 ao mesmo tempo em que debati conceitos importantes para esta pesquisa, voltados, principalmente, para a noção de pornografia amadora.

Na análise da plataforma CAM4, especificadamente da organização do site e das mensagens enviadas ao público e membros, percebi um discurso centrado no

---

<sup>52</sup> Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital.

imediatismo, voltado a não necessidade de registro para o acesso de vídeos e a evocação constante do advérbio "agora", bem como na repetição do caráter gratuito dos acessos. Esses são elementos próprios de uma gestão farmacopornográfica voltada à ansiedade do vício e ao estímulo de um sentimento de onipotência e de controle total (PRECIADO, 2008b). Foi possível reconhecer, também, elementos que visavam associar o portal a um ideal romântico de comunidade, onde as *gorjetas* são dadas para mostrar que "se importa" com quem transmite vídeos, as pessoas entram para "conversar" e onde é possível enviar *fichas* em forma de "presentes virtuais" diversos. Esses discursos estão associados a uma exploração financeira do afeto, a partir das quais as dimensões subjetivas do trabalho e do consumo passam a operar no capitalismo contemporâneo, nublando as fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal, mas sem se deslocar dos objetivos organizacionais (NEGRI; HARDT, 2002).

Apesar da organização conservadora do site e da categorização dos vídeos, que é um dos elementos mais importantes na pornografia moderna, a grande presença das *tags* no site conforma um deslocamento: sendo uma escolha pessoal de caracterização do que o usuário ou usuária faz ou é, afasta-se de um sistema de classificação dado de antemão pelo site. Na medida em que nomear algo é também um processo de criação (BOURDIEU, 1996), as *tags* produzem uma reconversão pelo usuário ou usuária na economia da sexualidade.

As transmissões e os perfis feitos por membros da plataforma inauguram os usos criativos que as pessoas podem fazer das tecnologias disponíveis e constituem-se em um tipo de pornografia online caracterizada como *netporn* (PARREIRAS, 2015). O *netporn* caracteriza-se por ser um conteúdo pornô feito especialmente para a internet com características muito próprias, tais como a flexibilização entre produtores e consumidores, a ascensão de produções independentes e um esforço em modificar certos conservadorismos. No caso do CAM4, por se tratar de vídeos amadores especificadamente, é preciso levar em conta o necessário caráter não profissional dos vídeos. Isso não se dá em função da ausência de pagamento ou técnica, mas sim pela suposta ausência do *controle profissional* que geralmente é exigido no contexto do trabalho. A impressão de falta de controle é importante porque é ela que dará ao vídeo o efeito de autenticidade e realismo (PATTERSON, 2004). Esses elementos são, muito antes de "características essenciais" de determinada pessoa ou coisa, um anseio ou uma

busca por parte de uma sociedade preocupada em combater as forças homogeneizantes e alienantes da sociedade moderna (HESTER, 2014, PISCITELLI, 2002). O desejo por algo que não seja "falso", como um movimento político e existencial, por seu turno, ativará outro tipo de subjetividade, a partir da qual a pornografia deixa de ser algo somente para se assistir e passa a ser uma relação: as pessoas precisam sentir que estão lá ou que poderiam estar (BAUDRILLARD, 1994). Daí surgem outras características próprias à categoria amadora, tais como o uso de equipamentos e técnicas de baixo custo, a aparição de pessoas "comuns", etc. Esses elementos, por seu turno, acabam destacados no pornô ao vivo, uma vez que o indivíduo se vê *solicitado* como participante e *necessário* a sua produção, bem como para a construção do prazer e do sexo que ali são apresentados. No pornô ao vivo, o efeito autêntico é potencializado em função do encontro não somente com o sexo, mas com a vida de quem transmite: sua casa, aquilo que faz, sua história, sua rotina, seu perfil. Dessa forma, a autenticidade acompanha sempre, pelo menos em alguma medida, um sentimento de intimidade (PATTERSON, 2004).

Assim, apresento diferentes dados sobre a ascensão do *netporn* e do amador e sobre a crise que vem se distribuindo sobre as produtoras, que tem estimulado outro tipo de regime de mercado, o *prosumer*. (RITZER; JURGENSON, 2010), do qual as plataformas colaborativas são os melhores exemplos. Atualmente, muitas empresas voltadas ao negócio pornô tentam atrair visitantes e estimulá-los a produzir seu próprio material enquanto se aliam a companhias publicitárias. Assim, apesar de o pornô *live streaming* também possibilitar que o usuário ou usuária ganhe dinheiro, a maior parte dos recursos da web colaborativa continua nas mãos de grandes corporações (PARREIRAS, 2015). Não obstante, a ascensão do corpo autopornográfico provoca rupturas importantes na economia do sexo, não somente na medida em que quebra com os monopólios das produtoras e da sua forma de organização, mas também porque democratiza as diferentes possibilidades na pornografia, onde corpos e práticas outrora considerados marginais ou anormais passam a poder competir na pornografia, se destacar nas maiores plataformas e serem ainda mais acessados do que aqueles outrora consagrados pela indústria moderna (PRECIADO, 2008b).

Essas transformações provocam repensar o usual caráter fixo e cristalizado atribuído à categoria *mainstream*, lembrando que a pornografia toca a discussão sobre a hegemonia e que é caracterizada, por isso, pela contingência e pela

flexibilização de sentido (BUTLER; LACLAU, 2000). Dessa forma, a reação contra uma pornografia moderna nem sempre surge na resistência das micropolíticas, mas, muitas vezes, participa efetivamente na disputa hegemônica, lançando mão, inclusive, de suas tecnologias.

Finalmente, conclui o capítulo com algumas considerações sobre a metodologia, situando a abordagem epistemológica do estudo nas pesquisas feminista e *queer* (HARAWAY, 1995; BROWNE; NASH; 2010). A partir da proposta de uma etnografia do uso das mídias digitais (MISKOLCI, 2011), situei as transmissões, as interações e o "conteúdo externo" da plataforma CAM4 como tópicos de análise, demonstrando, com base na literatura nacional (PELÚCIO; CERI, 2013; MISKOLCI, 2014; PARREIRAS, 2008) e estrangeira (HINE, 2001), como é importante não destacar a tecnologia do espaço concreto como se fosse um universo à parte, mas entendê-la como um contínuo. Na teoria antropológica, os *travel encounters* de Clifford (1997) ganham destaque nesse sentido, na medida em que criticam o campo como dependente das relações de residência e de permanência e que dão foco à representação etnográfica centrada na interação, na ideia de processo e de movimento.

Nos próximos capítulos, me dedicarei a explorar predominantemente os usos criativos da plataforma, concentrando-me, no próximo, sobre alguns dados etnográficos voltadas ao tema do dildo, das práticas sexuais consideradas bizarras e das conseqüentes disputas políticas que emergem em torno delas.

#### 4 ROSAS, BEIJOS E DILDOS: PORNÔ “BIZARRO” E DISPUTAS POLÍTICAS NA PORNOGRAFIA LIVE STREAMING

*Abre tu culo y se abrirá tu mente.*

Saéz e Carrascosa

“Alguém, em um mundo sexual futuro, irá lembrar dos anos noventa como os anos do Dildo”, escreveu Preciado (2014) em meados dos anos 2000 em seu popular *Manifeste Contra-Sexuel*. Mais de uma década e meia depois, talvez seja possível afirmar que os anos do dildo não apenas perduram, como se ampliam diante de novos horizontes para as práticas sexuais, promovidos não apenas por transformações da ordem das relações de gênero, mas também da tecnologia: não deve ter havido um dia durante o trabalho etnográfico na plataforma CAM4 em que o dildo não tenha surgido nas suas mais variadas formas. A sua presença, conjuntamente com práticas sexuais tradicionalmente categorizadas na literatura como bizarras, indicam a plasticidade sexual do corpo e desterritorializam o sexo, aterrorizando uma economia da sexualidade centrada na heterossexualidade e no pênis.

Este capítulo se dedicará a algumas incursões ao site que me fizeram deparar com o tema do dildo e de três práticas sexuais comumente interpretadas como “bizarras” – o *fisting*, o prolapso e o *gape* –, bem como com as disputas políticas que emergiram em torno delas. Dessa forma, explorarei os *shows* de duas *modelos* em particular, Raysawet e Kitty\_26, que foram objeto de muita admiração e de muitas tentativas de sabotagem por diferentes participantes.

##### 4.1 As rosas de Raysawet: *shows* de prolapso, *fisting* e *squirting* de uma *modelo 5 estrelas*

No perfil de Raysawet, constava que ela era membro do CAM4 desde 10 de junho de 2015 e que ela era uma *modelo 5 estrelas* (maior avaliação possível na plataforma segundo votação de quem acessa os *shows*). Em um resumo de seu perfil, organizado em uma lista, ela se declarava caucasiana/branca, bissexual e solteira. Sua ocupação: *Web model*. Ela afirmava ter 29 anos e morar na Rússia, sendo capaz de se comunicar tanto em russo quanto em inglês. Na página do perfil, havia também a venda de vídeos diversos: era preciso enviar determinada quantia

de *tokens*, destacadas sobre cada um dos vídeos, e enviar uma mensagem privada para ela com o título do vídeo. Então, a *modelo* encaminharia o material antes ou depois do *show*. Havia muitas fotos dela: as imagens eróticas eram amadoras e tiradas em casa.

Quando acessei a sua *webcam* a primeira vez, havia muito movimento na caixa de bate-papo – tanto em comentários quanto em *gorjetas* – e ela estava sobre um sofá marrom com alguns ursos de pelúcia ao redor. Abaixo da sua *webcam*, havia o preço de cada uma das práticas sexuais: 30 *tokens* para *fistpussy* – ato de penetrar o punho na vagina –, 50 *tokens* para *doublefistpussy* – ato de penetrar dois punhos na vagina – e 60 *tokens* para *fistass* – ato de penetrar o punho no ânus. Ela já havia alcançado o *objetivo* de 800 *tokens* aquela noite, então performava as práticas livremente.

O cabelo era médio tingido de superloiro, quase cinza, e a pele era branca e bronzeada. A modelo era muito magra, mas atlética, e tinha um sorriso grande e olhos castanhos. Uma música eletrônica tocava ao fundo. Ela sorria o tempo inteiro, mas não aparentava artificialidade. Quando acessei a sua página, ela estava se masturbando sobre o sofá nua, parcialmente deitada com a barriga virada para cima e as pernas abertas e erguidas. O enquadramento da câmera contemplava quase o corpo inteiro, com visibilidade maior dada à vulva, ao ânus e ao rosto, já que as pernas escondiam um pouco a barriga e os pequenos seios e os pés escapavam à câmera. De repente, os dedos que realizavam a masturbação penetraram mais fundo no canal vaginal, até que a mão de Raysawet estivesse inteiramente dentro da vagina. Então, parte do antebraço também entrou e ela penetrou a segunda mão, ficando com as duas mãos e parte dos dois braços penetrados. Quando ela os tirou, ejaculou um jato forte e mirado – prática denominada *squirting*. A sequência se repetiu por vários minutos: ela se lubrificava constantemente com um tubo de lubrificante e fumava em alguns momentos. Ela sorria e ria, parava por poucos segundos, falava e gemia pouco – uma das poucas frases que esmiuçou foi “muito obrigada” a alguns *tippers* – nome das pessoas que dão *gorjetas*. Ouvia-se muito mais o barulho da penetração lubrificada e da música ao fundo do que da sua voz.

Em determinado momento, ela penetrou o punho no ânus, quando iniciou uma sequência de atos intercalados de *pussyfisting* e *assfisting*, e apenas aí ela fez o prolapso, uma prática que eu não até então não conhecia e pela qual não esperava, uma vez que não surgia nos *objetivos* do *show*. Quando ela retirou o

punho da vagina, seus órgãos pélvicos se projetaram para fora e rapidamente foram sugados para dentro do corpo novamente. Levei um susto!

Mais tarde, quando ela retirou o punho do ânus, a abertura se projetou para fora e as camadas do reto ficaram expostas por alguns instantes, ao que ela contraiu o orifício e o canal retal deixou de ser visível. Seus seguidores foram a loucura: “Ela é incrível!”, “Quão fundo você consegue ir? Mais fundo!”, “Prolapso, por favor!”, “Dou mais 40 *tokens* para ver você colocar as duas mãos”, “Que buceta incrível!”, “Gente, dêem *gorjetas* para essa mulher!” Muitos entravam e saíam da sala, cumprimentando-a e despedindo-se dela carinhosamente.

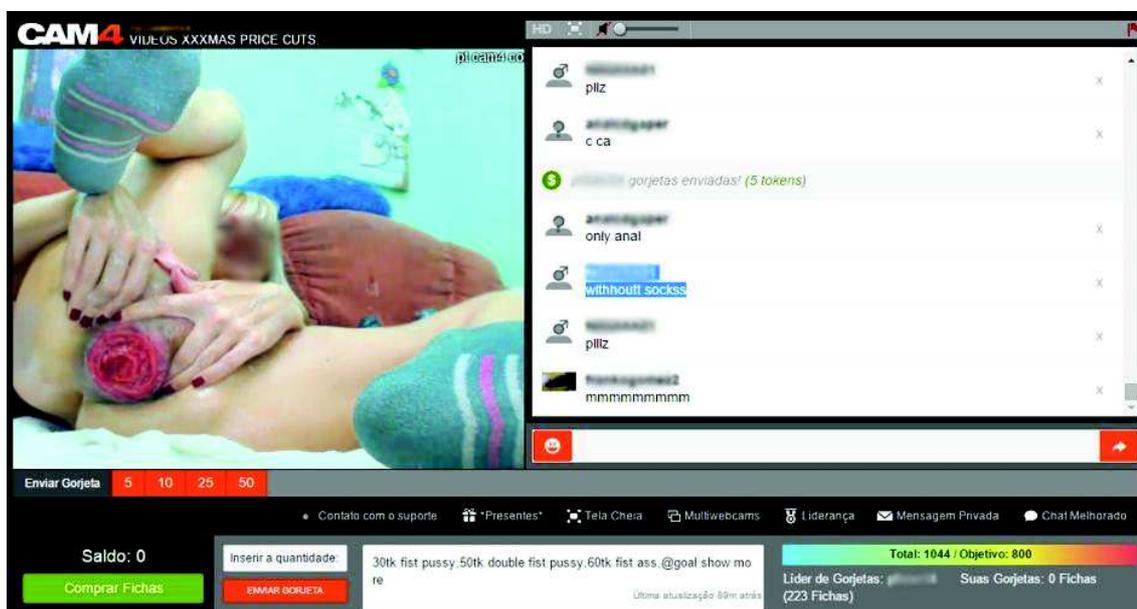


Figura 4: Show de prolapso.

Ao mesmo tempo em que Raysawet ocupava-se integralmente com as práticas que chamavam a ampla maioria de seus seguidores e *tippers*, ela negociava atividades extras. O *tipper* de maior visibilidade era o Hander\_29, que iniciou um jogo envolvendo um par de meias azul. Ela pegou o par, o vestiu e então iniciou uma série de atos em atenção à peça. Primeiro, colocou o pé e parte do tornozelo, com a meia, dentro da vagina. Quando ela o tirou, ejaculou sobre os pés e meias. Ela tirou as meias, colocou as duas dentro da vagina, as empurrou para fora. Depois, as colocou na vagina novamente, junto com chantilly. As empurrou para fora. Depois, colocou meio litro de óleo de cozinha dentro da vagina, com a meia e com o chantilly, forçando tudo para fora e ejaculando em seguida. Mais tarde, focou

a *webcam* sobre seus pés com as meias cobertas do líquido de sua ejaculação e do óleo de cozinha. Cada etapa percorrida da brincadeira envolvendo o par de meias era negociada com Hander\_29, que fazia sugestões e dava *gorjetas* a ela assim que ela as concretizava. (DC, 21.12.2015)

O esforço de Raysawet em torno de jogos sexuais como o que colocou em prática com Hander\_29 esteve presente em todos os *shows* assistidos por mim. Em outra ocasião, ela desejava acumular 700 *tokens* em troca de *fistpussy* - 25 *tokens* -, *double fistpussy* - 45 *tokens* - e *fistass* com *cum show* (outra denominação, mas menos comum, para o *squirting*) - 55 *tokens*. Achei curioso como Raysawet nunca apresentava o prolapso na descrição de suas atividades, embora a prática tivesse alguma centralidade no seu *show*. Naquela transmissão, ela penetrava o punho todo na vagina com elementos diferentes do *show* anterior: ela ejaculava em um copo – enchendo-o até a metade – e bebia o líquido. Mais tarde, ela penetrava o que parecia ser um cigarro eletrônico, empurrando a fumaça para fora enquanto abria o canal para quem a assistia. Fez o mesmo com o ânus.

Uma das propostas diferentes de Raysawet, daquela vez, era beber a própria urina por 20 *tokens* – o que não aconteceu. Um dos participantes, MasteMark, comentou: “você deve estar com sede, pois isso não é muito [*tokens*]”. “Espero que você ame o gosto, uma vez que é um grande copo cheio.” Muitos participantes faziam diferentes pedidos: “Você consegue cuspir nos seus pés?”; “Pode colocar o dedo no cervix?”; “Posso ver dentro da sua buceta, por favor?”; “Peitos!”; “Calcinhas sujas?”; “Pés!”; “Caga!”. À exceção do último, que era brasileiro e escreveu em português, todos se comunicavam com a *modelo* em inglês e eram todos homens, apesar de alguns perfis não declararem gênero. Muitos desejos e elogios eram também comunicados à *modelo*, vindos de participantes de diferentes nacionalidades – havia gente da Tunísia e da Nova Zelândia, por exemplo, mas todos declarados homens ou sem declaração de gênero: MasterMark disse que ela seria uma escrava perfeita e que amaria treiná-la. Kazador7 ficou impressionado com “como fuma essa buceta”; isamlove32 elogiou os jogos propostos por Raysawet.

Participantes pediam que ela mostrasse os pés, ela os mostrava. Passou algum tempo deitada com a barriga para cima em frente a câmera apenas sorrindo e conversando com os participantes. Mais tarde, fez *assfisting* com a mesma sequência envolvendo o *squirting* e o copo. Então, ela fez o prolapso anal. Um dos

participantes, Bigdinggy78, disse: “nascem rosas do cu!”. Mais tarde, ele perguntou: “Você rega essas rosas?” Ela deu sequência ao *show* com um enorme dildo, que tinha o mesmo comprimento e grossura da coxa da *modelo*, que ela penetrava no ânus enquanto se masturbava e fazia *pussyfisting*. (DC, 04.03.2016)

#### **4.2 Beijos e rosas em evidência: Kitty\_26 e o destaque ao ânus em shows de prolapso e gape**

A associação entre o prolapso anal e a *rosa* foi comum nas incursões que envolveram esse tipo de *show*, e possivelmente tem relação com a semelhança estética entre as camadas do reto – quando projetadas para fora – e a flor. Nos *shows* de outra *modelo* que faz prolapso, Kitty\_26, por exemplo, alguns participantes, como o Lets\_ride333, elogiavam o seu prolapso dizendo que se tratava de uma “linda rosa cor-de-rosa”. Viana (2014), em sua pesquisa sobre pornografia bizarra e relações sexuais entre mulheres, também aponta os atos de prolapso em associação com a flor, denominando-os como “sair a rosa”.

Kitty\_26, diferentemente de Raysawet, chamava atenção para as práticas na negociação de *tokens*. Suas transmissões também sempre estavam na primeira página de *Destaques*, e, exatamente como Raysawet, ela acumulava prêmios concedidos pela plataforma pela quantidade de acessos e *tokens* ganhos.

Em uma das incursões, a *webcam* de Kitty\_26 era apresentada no site com o recorte de um prolapso: na pequena imagem, via-se a parte da trás das coxas, a vulva e as camadas do reto projetadas para fora do ânus. Ao acessar o *show*, a legenda da transmissão informava que ela amava anal e apresentava, também, o valor de cada uma das práticas: 25 *tokens* para *gape anal* – ato de manter as paredes do reto expandidas após a penetração de um dildo – 20 *tokens* por *gape pussy* – ato de manter as paredes da vagina abertas após a penetração com um dildo – 70 *tokens* pelo uso de um grande dildo no ânus, 40 *tokens* por prolapso e 80 *tokens* em troca de penetrar quatro bolas no ânus. Kitty\_26 já tinha 635 *tokens* do objetivo de 450 quando acessei sua *webcam*. Durante a etnografia, notei que ela mantinha transmissões por longos períodos, como outros e outras *modelos*, mudando as condições de negociação e atualizando os objetivos de *tokens*.

Kitty\_26 estava sobre uma cama bastante semelhante a uma maca de massagem coberta por uma manta azul clara. Não era possível ver o computador dela, mas um teclado ficava sempre ao seu lado. Ela tinha pele branca, cabelos

castanhos presos, usava óculos e vestia uma blusa de comprimento e mangas curtas e decote discreto, que ela nunca tirava, apesar dos pedidos. O rosto dela aparecia muito pouco, também, embora os participantes também solicitassem vê-la melhor. Via-se, principalmente, as coxas, os genitais e o ânus da *modelo* também branca.

Havia quase 400 pessoas participando daquela transmissão, e o *show* era calmo e organizado. Kitty\_26 tinha sempre uma toalha ao seu lado e chamava atenção pela limpeza e organização com que mantinha o espaço e o corpo – com efeito, os participantes chegavam a comentar. Além disso, era notável como constantemente tentavam estabelecer um diálogo com ela: memoo666 perguntou se ela se ela lembrava da primeira vez que fez sexo anal; Bratlov, se ela gostava de sexo oral. Contudo, ela não os respondia. Kitty\_26, na verdade, só fazia qualquer coisa se os *tokens* viessem. As negociações eram muito diretas: o participante (pois só vi homens negociando com a *modelo*) pagava o valor da prática e ela a realizava. Somente nesses casos ela escrevia na caixa de texto: dizia quanto cobrava para fazer tal coisa, o participante pagava, ela agradecia, por vezes pedia que ele aguardasse por alguns instantes, e então a concretizava. Caso os participantes não pagassem as *gorjetas*, ela os ignorava – e muitos o faziam, pedindo que ela fizesse penetração dupla, que penetrasse os dildos na vagina, que mostrasse os pés, o rosto, etc. Os participantes também a elogiavam muito: FKPO escreveu “sempre linda!”; leynad85, que “seus pés e buracos” eram lindos. Muitos comentavam positivamente sobre sua vulva e ânus – um participante disse que seus “buracos” eram “apertados”; bruce669 e barth36, por seu turno, que eram “enormes”; mas, em geral, não havia menção ao tamanho dos seus órgãos, apenas associações positivas com o uso de adjetivos como “linda”, “maravilhosa”, etc. Master\_2013 escreveu que adorava “*prolapsers*”<sup>53</sup>; yeahslim, que seu prolapso era incrível, e alguns outros participantes chegavam a ser bastante românticos, dizendo que ela era a mulher dos seus sonhos, que era perfeita, que estavam apaixonados.

Surpreendia a quantidade de *toys* que a *modelo* dispunha. Músicas pop tocavam ao fundo e ela iniciava posicionando um enorme dildo bege sobre a cama, segurando-o com os pés e masturbando-o. Mais tarde, virava de bruços e segurava o dildo com grande habilidade entre os pés, como se fosse penetrá-lo daquela

---

<sup>53</sup> *Prolapsers* são pessoas que fazem prolapso.

forma, mas eventualmente o segurou com as mãos para então inseri-lo no ânus. O objetivo era fazer o *gape*: quando ela tirou o dildo, seu ânus ficou aberto por alguns momentos; as paredes da abertura contraíam e relaxavam, abrindo e fechando o escuro túnel. Ela fez a sequência muitas vezes com diversos dildos diferentes: dois eram em formato de cone, coloridos, um maior e outro menor; outro era fino, longo e transparente; outro era grosso, longo e preto; ela também tinha dois vibradores da cor prata. Por vezes, masturbava-se no ritmo da música e, dependendo das negociações, fazia o prolapso com grande quantidade de lubrificante em seguida – as camadas do reto projetavam-se para fora, tão vermelhas quanto brancas. Ao fim de cada ato, limpava-se de tal forma que parecia que nada havia ocorrido, sempre esforçando-se para deixar os pés à mostra. O *gape* era muito elogiado e central no *show*: uma brasileira de 29 anos, com muitas fotos e grande interatividade no perfil, estava participando da transmissão e questionou como a *modelo* fazia tal coisa, pois queria aprender. Um português respondeu a ela, estimulando-a a fazer tal coisa. (DC, 31.03.2016)

Como se vê, as transmissões de Kitty\_26 eram diferentes das de Raysawet: a primeira não se preocupava em interagir muito com os participantes, ainda que olhasse constantemente para o computador, nem permitia que seu rosto estivesse sempre à mostra, de maneira que não era possível ver suas expressões. De um modo geral, a vulva estava constantemente visível, mas a *modelo* não se dedicava a ela, de forma que os pés, por exemplo, cumprissem papel de maior ênfase do que o genital. Porém, o grande destaque era, sem dúvidas, o ânus.

Em sua dissertação, Jorge Leite Jr. (2006) já havia atentado para a importância que o ânus havia assumido na pornografia desde a década de 90. Com o advento da internet no início dos anos 2000, as práticas sexuais anais conquistaram ainda mais espaço. Em uma reflexão sobre a exposição do interior do corpo – como em imagens da garganta, do interior da vagina e do ânus –, o autor (2015) lança uma análise sobre o rosto e sobre o ânus, que servem para pensar as transmissões de Kitty\_26.

Revisando os escritos de Foucault, segundo o qual a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental, Leite Jr. (2015) mostra como o rosto se torna a síntese do corpo e da alma: o platonismo, por exemplo, interpreta o rosto a partir da associação entre a beleza e o bem: quanto mais bonito (para os padrões de um período histórico) for um rosto, mais ele

expressará as virtudes e a bondade encontrada no mundo das ideias. Por seu turno, tanto a filosofia, a religião como a medicina passam a percebê-lo como um local privilegiado de conhecimento; o Humanismo, por sua vez, também contribui para a construção do rosto como representativo do próprio ser humano, exprimindo a completude da individualidade, bem como a identidade pessoal, ao mesmo tempo em que revela fisicamente a maior promessa da modernidade: a autocriação, o controle e o desenvolvimento do “eu”.

O ânus, ao contrário do rosto, torna-se, nas trilhas dessas epistemologias, sinônimo de imundície, desumanização, alvo de injúrias e condenações - a parte do corpo mais abjeta, a verdadeira face do Mal, historicamente associado a um portal de pecado e doenças, como Leite Jr. (2015) comenta em referência a diversos teóricos, entre os quais Preciado (2009) e Saéz e Carrascosa (2011).

O que significa, então, uma pornografia em que o rosto é praticamente invisível diante do seu ânus, como a de Kitty\_26?

A partir de uma estética do grotesco (LEITE JR., 2011), Kitty\_26 materializa o excesso e a proximidade; mas, sobretudo, o que há nas transmissões dessa *modelo* é uma verdadeira inversão de hierarquias. Se a identidade contemporânea não deve ser percebida como fixa e estável (HALL 2012), então o *locus* corporal também não será constante, sendo capaz de se deslocar a qualquer parte – neste caso, aquela tradicionalmente associada à injúria e à abjeção. Kitty\_26 não *esconde* o rosto em uma tentativa de não ser reconhecida, ela simplesmente não o torna um destaque em suas transmissões, fazendo de seus *shows* um lugar de transgressão e devassidão.

Se o prolapso é a *rosa* para aqueles que o apreciam, as contrações musculares do *gape* são *beijos* – “beijos mandados pelo cu”, disse um participante em um dos *shows* de Kitty\_26. Para entender a noção de *beijo* que chama essa prática, é importante atentarmos para o fato de que o próprio termo *gape*, em inglês, traduz-se no português para “embasbacar”, “escancarar” ou “ficar boquiaberto”. A relação entre rosto e ânus, tal como proposta por Leite Jr. (2015), alcança seu ápice: a cara é como a bunda, os lábios são como o ânus. A inversão entre um e outro, nomeadamente através do *gape* ou do *beijo*, transforma o ânus no rosto oculto, aquele que é incapaz de verdadeiramente levar a sério as representações da pureza e da toda bondade.

No entanto, a transgressão também parece brincar com o caráter grotesco que a atravessa e define. Nos *shows* de Raysawet e Kitty\_26, há um deslocamento de nomenclatura que não se pode ignorar: o prolapso é um termo tradicional da medicina e está para a Classificação Internacional de Doenças como um problema de saúde; o *gape*, por seu turno, desde sua já mencionada tradução, refere-se a aquele que fica de boca aberta diante daquilo que é inacreditável ou chocante. No entanto, durante os *shows* das *modelos*, esses títulos foram frequentemente trocados pelas *rosas* e pelos *beijos*, como destaquei. Há um aparente giro que corre da disfunção (prolapso) e do choque (*gape*) para a beleza e para a sutileza: as pétalas de rosas ou o encontro dos lábios fazem um movimento que, se não é romântico, é altamente satírico.

#### **4.3 Os *shows* de Raysawet e de Kitty\_26 a partir das lógicas do dildo**

A revisão do caráter criativo da excitação e do corpo sexuado surge não somente nos atos de prolapso e *gape*, frequentemente associados ao *fisting*, mas também nos próprios usos dos dildos.

Preciado (2014) propõe que o gênero não é simplesmente discursivo, mas é também prostético, ou seja, se dá na materialidade dos corpos: "É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico" (p. 29). O gênero se torna, assim, uma tecnologia heteronormativa de produção de corpos sexuais: os órgãos ditos sexuais, por exemplo, não existem em si, mas são o produto de uma tecnologia sofisticada que ordena o contexto em que assumem significação (relações sexuais) de acordo com sua "natureza" (relações heterossexuais). "Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política. É ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas" (p. 31). Preciado aponta que a mesma gestão opera no corpo quando produz certas relações entre gêneros e sexos e quando designa certas partes do corpo como não sexuais, tentando naturalizar as práticas que são reconhecidas como sexuais e ocultar seu caráter criativo.

Nesses termos, o *fisting* e o prolapso são subversivos, no sentido em que visariam desestabilizar a tecnologia social heteronormativa: a penetração do punho, do braço ou do pé se torna uma prática erótica para Raysawet e é assimilada como "bizarra" na medida em que se coloca além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual – todos têm um orifício onde podem penetrar o punho, o braço, o

pé ou qualquer outra coisa – e constitui uma reelaboração do corpo sexual, uma vez que não se dedica nem a reprodução, nem ao romance, nem a heterossexualidade. O punho, os braços e os pés de Raysawet são dildos, bem como os cones de plástico de Kitty\_26, mas dildos de um tipo diferente, pois, dadas as discrepâncias anatômicas, não servem sequer à expectativa da reprodução mimética de um pênis que se poderia pensar estar substituindo. No entanto, mesmo quando anatomicamente semelhante ao órgão vivo, Gregory (2003) defende que é preciso fazer uma análise pouco linear dos *sex toys*. Em sua etnografia sobre *sex shops* politicamente corretas, ela fala sobre a ênfase na genitalidade colocada pelos dildos e vibradores e discute o potencial político da fragmentação dos corpos desde os *sex toys*:

De um lado, há visivelmente uma neutralização das inscrições que posicionam as corporalidades segundo sexo, raça, idade, etc. Não se trata apenas de um procedimento que apaga ou põe entre parêntesis as posições sociais ocupadas pelos sujeitos que portam os genitais. Antes, **trata-se de uma espécie de apagamento das inscrições de uma corporalidade em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos.** De certo modo, focalizar nos genitais as possibilidades de fruição tende a obliterar a diferença. De outro lado, é preciso considerar que, a exemplo da diversidade dos dildos e dos vibradores, **essa nova erótica permite pensar outra qualidade de diferenças, expandindo ou mesmo explodindo a relação entre um tipo de corpo (com um sexo, uma cor, uma idade, etc.) e sua correspondente preferência de exercício sexual. Este é o lado para o qual essas alternativas criam novos horizontes para a reflexão teórica: não há correspondência entre a posição do sujeito em termos sociológicos, de gênero, racial e um tipo modelar de comportamento ou preferência sexual.** O campo se alarga, ainda que ao preço de uma fragmentação. Antes: a própria fragmentação é empregada como algo positivo, como uma resignificação que visa a expansão dos prazeres possíveis e a implosão de modelos ou da modelagem convencional do comportamento sexual. (GREGORY, 2003, p. 116)

É nesse sentido que Preciado (2014) entenderá o dildo: trata-se, antes de tudo, de uma deslocalização do suposto centro de produção do prazer e, no limite, mostrará os mecanismos a partir dos quais se constrói o pênis como um significante sexual “autêntico”. No princípio, havia o dildo, e não o pênis. Tudo é, portanto, dildo. Isso se estende às meias e a todos os objetos que Raysawet usa para se penetrar, bem como a enorme diversidade de *toys* de Kitty\_26: estrangeiros do corpo que chegam gritando que o prazer não surge de um órgão que se possui. Práticas subversivas na medida em que flagram o prazer como um produto da tecnologia, que não pode representar a natureza sem correr o risco de transformá-la. Como o

mito do ciborgue de Haraway (2013), o corpo se torna um híbrido de máquina e organismo, uma criatura com realidade social e uma criatura de ficção em que a fronteira que as separa é uma ilusão. Os corpos se expandem e se transformam – no caso de Raysawet e de Kitty\_26, os objetos móveis invertem até mesmo a posição de seus órgãos, materializando o prolapso e o *gape* – ou a *rosa* e os *beijos* – e nublando os limites do que deve estar dentro e do que deve estar fora, do que é órgão natural e do que é máquina.

#### **4.4 Do *fisting* e do prolapso para o pênis e o parto: a economia heterocentrada e as lógicas de equivalência nas tentativas de sabotar os *shows* de Raysawet**

Como expus no capítulo 3, a hegemonia está para a pornografia como o que se conhece por *mainstream*; porém, a pluralidade dos materiais atualmente disponíveis e os enormes deslocamentos da produção e do acesso às diferentes pornografias, particularmente as amadoras, colocaram dificuldades para a manutenção do que se supunha definir como pornô hegemônico ou *mainstream*. Os *shows* de Raysawet e de Kitty\_26 provocam esse debate, no sentido de apresentarem práticas sexuais comumente denominadas dissidentes em lugar de grande destaque e em efetiva disputa com atividades presumidamente mais acessadas e lucrativas: as *modelos* recebiam acessos e *gorjetas* em quantidade maior ou equivalente a outras em um local que agraga uma grande diversidade de pornografias. Kitty\_26 e Raysawet, eventualmente, confirmam o caráter aberto e incompleto das relações hegemônicas ao mesmo tempo em que evidenciam o apelo sempre político da pornografia – seja no sentido de manutenção de determinadas forças de poder ou de sua transformação.

Laclau (2000) destaca que a disputa hegemônica depende da contestação vinda de universalidades que são levadas a entrar em um conflito constitutivo e que são, por definição, insolúveis entre si. Porém, não se trata da universalidade tal como a que se usa para estender certas compreensões colonialistas e racistas do “homem” civilizado e para excluir certas populações do domínio do humano. “A universalidade pertence a uma luta hegemônica de final aberto” (BUTLER, 2000b, p. 45, tradução minha).

Não basta o particular para que as práticas sexuais e corpos que são declarados hegemônicos entrem em crise: “Nenhuma particularidade pode se tornar política se não se converter em um *locus* de efeitos universalizantes.” (BUTLER,

2000b, p. 61, tradução minha). Butler (2000b) sugere que a universalização, por seu turno, depende de um processo de tradução cultural – não se trata, portanto, de pensar uma cultura única que se torna universal, mas de uma cultura de intercâmbio e uma tarefa de tradução. Para ela, sem tradução, a própria noção de universalidade não consegue atravessar as fronteiras linguísticas que, em princípio, defende ser capaz de atravessar. Em outras palavras, sem tradução, o único modo em que a afirmação da universalidade pode atravessar uma fronteira é através de uma lógica colonial e expansionista.

Laclau (2000) argumenta que o particular só se torna politicamente construído por meio da equivalência de uma pluralidade de demandas. Como resultado, as particularidades se quebram: “Através de sua equivalência, elas não permanecem simplesmente como tais, mas constituem uma área de efeitos universalizantes” (p. 61, tradução minha). De acordo com Laclau, a lógica constitutiva do social é dividida em duas classes de operações: a lógica da diferença, que estabelece localizações particulares dentro do espectro social, e a lógica da equivalência, que universaliza uma certa particularidade desde que essa possa ser substituída por um número indefinido de outras particularidades.

A tradução de Butler se assemelha muito com a equivalência de Laclau: ambos significam, afinal, desterritorializar um certo conteúdo mediante um agregado que, ao estar fora do contexto original de enunciação, se universaliza e multiplica as posições de enunciação a partir das quais esse conteúdo deriva o seu significado. Não tem a ver com identidade, mas sim com uma relação na qual o caráter diferencial dos termos equivalentes continua operando e isso dá à equivalência rasgos específicos, diferentes daqueles de uma mera “equação”. Quando a equivalência está presente de todas as formas, tem-se a universalidade; por outro lado, o único modo de se chegar a universalidade é a partir de uma operação de equivalência, a partir do qual o “universal” nunca é uma entidade independente, mas sim um conjunto de “nomes” que correspondem a uma relação sempre finita e reversível de particularidades.

Como, então, pensar a situação concreta e particular de Raysawet e de Kitty\_26 no contexto de universalidades contestatórias? Como se dá a relação dessas *modelos* com os processos de universalização das formas de se fazer gênero e de se produzir corpos sexuados? Como essas dinâmicas conflitam com o que se define como corpos e práticas sexuais hegemônicas?

Em um dos *shows* de Raysawet, verifiquei uma ampla maioria de participantes falando inglês e uma e outra frase em outros idiomas – mas nenhum outro germânico. As únicas línguas itálicas que vi foi o espanhol – com menos frequência – e o português brasileiro – com mais frequência. Nesse contexto de considerável diversidade transnacional, um grupo de brasileiros chamou a atenção: ele não estava interessado em se comunicar com a *modelo* (que não se comunica em português, apenas em inglês e russo), pois escreviam apenas em português para que apenas entendessem uns aos outros. Os comentários versavam sobre o caráter das práticas ali expostas e comentários sobre Raysawet. Havia 12 brasileiros, onze homens e uma mulher. A mulher, de nickname carenaduba, era *modelo* no CAM4 também, e alguns dos homens do grupo também tinham perfis com transmissões já feitas, conforme pude observar durante o trabalho de campo na plataforma.

Em um primeiro momento, o grupo demonstrava choque e reprovação às práticas ali compartilhadas. Escreviam coisas como “estou com medo”, “sabe quando é escroto e tu não consegue parar de olhar?”, “credo”, “que louco”, “mulher louca”, “bizarro”, “que nojo”. Alguém pediu para carenaduba abrir a sua própria *webcam* para que vissem algo “menos bizarro”. dudacarinhosa, participante do bate-papo, também de nacionalidade aparentemente brasileira, entrevistou quando carenaduba disse que estava chocada e perguntou o porquê ela se sentia assim. carenaduba respondeu que se chocava “porque isso é horrível!”, ao que dudacarinhosa respondeu que não era horrível e que havia mais de mil expectadores ali. Dois dos brasileiros até assumiram que “pelo menos, ela está ganhando muitos *tokens*” e que “olha só, já está com 900”. O grupo, porém, continuou com a prática de zombaria: “Os caras estão pagando para rir? Porque eu estou rachando aqui”, e também faziam comentários sobre a insaciabilidade da *modelo*: “haja pica”, um disse. “O que satisfaz essa mulher?”, outro falou.

Mais tarde, começaram a questionar se ela tinha prazer com as atividades, especialmente depois de alguém chama-la de coitada. dudacarinhosa a defendeu novamente: “Não parece uma coitada, acabou de gozar”. “Será que ela sente prazer com isso?”, um perguntou; “preocupante se não sentir”, outro respondeu. Então, iniciaram uma longa série de comentários sobre o tamanho dos genitais da *modelo*, mas de caráter muito distinto daqueles que eu havia visto em *shows* de Kitty\_26: “Pode colocar umas dez picas juntas”, “o pau precisa de uma mapa pra entrar e

conseguir sair daí”, “cabe uma balada toda ali”, “o cara mete, mas o pau não encosta em nada”, “tem de enfiar o pé pra ela sentir alguma coisa”, “taco de baseball faz cócegas”, “arrombada pra caralho”, “o pau de neguinho dança uma valsa ali dentro”. Chamo atenção para esse último comentário, que destaca como gramáticas raciais também operam fortemente nesse contexto a partir da hiperssexualização do negro desde o pênis grande. Houve, também, muita ironia: “acho que ela ainda é virgem”, muitos disseram, de diferentes formas. “Super apertadinha”, um escreveu. Outro avisou a carenaduba para jamais fazer tal coisa quando ela brincou que o faria, pois “o negócio é ter xana apertadinha”.

Vi, também, insultos contra mulheres que estavam apreciando o *show* de Raysawet: emilia, por exemplo, era uma *modelo cinco estrelas* que morava na Argentina, embora seu último *show* tivesse ocorrido mais de um ano antes do período da etnografia. Ela era membro do CAM4 desde maio de 2012 e dizia ter 22 anos, ser bissexual e solteira. Em seu perfil, ela contava que havia nascido no Uruguai, que gostava de dar e receber felicidade e de conhecer novos amigos. Dizia, também, que era muito mente aberta e que não julgava as pessoas por qualquer razão – que jamais ficava braba e dizia palavrões. “Sendo sincera, quanto mais estranho e extremo, melhor fica”. Ela relatava que trabalha como uma garçonete em um hotel, que era um trabalho humilde, mas que a deixava feliz. Apesar das dificuldades econômicas do país, sobre as quais ela se queixava, dizia que amava compartilhar e dar *gorjetas* – inclusive, “se eu dou *gorjetas*, por favor note que é difícil ter dinheiro para isso. Então, por favor, valorize.” emilia respondeu o *Questionário de sexo*, tinha algumas fotos publicadas, amigos e amigas na plataforma e muitos comentários publicados em sua página. Durante o *show* de Raysawet, emilia celebrava as meias molhadas: “úmidas com seu próprio líquido”, ela escreveu em inglês. No entanto, um dos brasileiros não demorou a se comunicar com ela: “emilia, sua vaca, quero meter no cu e você fazer mu”. Além disso, alguns comentários associavam as práticas de *fisting* e prolapso com o parto natural: um disse que “se quiser colocar o filho de volta é possível”, outro comentou que “o nascimento de uma criança não faz nem cócegas”. (DC, 31.03.2016)

Se as transmissões de Raysawet em si, como situação concreta, não descortinam diretamente a forma como seus *shows* ecoam politicamente sobre a pornografia hegemônica, os comentários feitos por aqueles que detestam suas práticas ajudam a compreender como o *fisting* e o prolapso tornam-se, em realidade,

rastros de particular que reverberam em uma lógica de equivalências ou em uma tradução (LACLAU, 2000; BUTLER, 2000b). Tal operação, por seu turno, se distribui em diferentes modos de contestação – dos quais Raysawet e Kitty\_26 são um exemplo – a uma economia heterocentrada do sexo e se tornam, então, “o inimigo comum” do grupo que se percebe dominante nas relações hegemônicas e que se propõe a defender seu lugar nos jogos de poder.

De algum modo, as dinâmicas de conflito que se dão no CAM4 não são muito diferentes das relatadas por Díaz-Benítez (2009) em sua etnografia dos bastidores da pornografia industrial brasileira: de acordo com a antropóloga, se as produtoras descobrissem que atores e atrizes pornô já haviam participado de filmes com práticas sexuais consideradas “bizarras”, seriam sistematicamente afastados do autodeclarado universo *mainstream*. O CAM4 é um espaço que conjuga diferentes formas de fazer pornografia, potencialmente mais movediças do que os dados sobre as produtoras trazidos por Díaz-Benítez (2009); no entanto, na plataforma online em foco também há limites atravessados por moralidades heteronormativas: a maioria dos discursos que visavam desqualificar Raysawet o faziam pensando as práticas da *modelo* a partir do lugar que o pênis deveria assumir entre elas: quantos pênis caberiam na vagina de Raysawet, como o pênis se encontraria nela, o que o pênis sentiria nela. Mesmo quando questionavam sobre os prazeres de Raysawet, logo o deslocavam para uma suposta centralidade peniana: Raysawet é “insaciável” porque encontra desejo na produção de dildos que nada se assemelham anatomicamente ao pênis, logo, *nada* a satisfaz. O cerne da crise hegemônica não está especialmente no *fisting* e no prolapso, mas no fato de que essas práticas, como outras, mostram que as sexualidades e o gênero estão sujeitos às tecnologias sociais e políticas de construção e controle. O pênis é constantemente comparado aos dildos e às disposições corporais de Raysawet porque anular o pênis da equação seria o mesmo que assumir que o falo não lhe pertence e que o suposto sexo fálico não é sempre heterossexual. A comparação do pênis com os dildos de Raysawet evidenciam que o que aqueles homens possuem é um pênis e não um falo, daí a constante necessidade de demonstrações de virilidade que jamais alcança o ideal, como Butler (2000a) argumenta.

A dinâmica das lógicas de equivalência ou de tradução refletida nos discursos norteados por noções heterocentradas parece encontrar o seu ápice quando os participantes comparam o *fisting* ao parto natural: se, por um lado, parece haver uma

tentativa de condicionar a superexpansão do canal vaginal ao parto para que o prazer sexual seja refém de práticas heterossexuais envolvendo homens com pênis, por outro, como um efeito colateral, horrorifica o parto com a dor, a destruição e o desprazer, colocando-os como regra e tensionando as fronteiras entre o prazer sexual e a maternidade.

#### 4.5 Síntese

A partir das transmissões de Raysawet e Kitty\_26, duas *modelos* da sessão de *Destaques* do CAM4, procurei explorar não apenas o tema do dildo, mas também três práticas sexuais localizadas como bizarras: o *fisting* - que consiste em penetrar o punho na vagina ou no ânus -, o *prolapso* - que se refere ao ato de deslocar os órgãos pélvicos ou retais para a parte externa do corpo - e o *gape* - que descreve a permanência das paredes do ânus abertas após a penetração. As duas últimas práticas são respectivamente denominadas *rosa* - dada a semelhança das paredes do reto, quando projetadas para a fora, e a flor - e *beijo* - especialmente quando o *modelo* ou a *modelo* contrai e estende as paredes do ânus continuamente.

Destaquei o fato de uma das *modelos*, Kitty\_26, dar grande evidência ao ânus em seus *shows*, ao mesmo tempo em que o seu rosto quase não aparecia. Analisei esses dados à luz das considerações de Leite Jr. (2015), segundo o qual a analogia desempenhou um papel importante na construção do saber moderno ocidental: neste contexto, o rosto surge como a síntese da bondade, da beleza e das ideias do ser humano, enquanto ao ânus fica relegado à equivalência com a imundície, a desumanização e a ofensa. A partir de uma estética do grotesco, mostro que Kitty\_26 não somente apresenta o excesso e a proximidade, como também inverte as hierarquias, fazendo do ânus o rosto oculto da humanidade - o *beijo* transgressor por excelência.

A partir da lógica do dildo de Preciado (2014), argumentei que os *sex toys*, amplamente utilizados pelas *modelos* em seus diversos formatos, bem como o *fisting* e o prolapso, desterritorializam o sexo e desnaturalizam o sistema heterossexual e os binômios de gênero e sexualidade. Além disso, busquei problematizar os discursos de um grupo de participantes que tentou desqualificar os *shows* de Raysawet e quem a apreciava, analisando como essas práticas sexuais reverberam politicamente: a maioria desses comentários tendiam a pensar as práticas de *fisting* e de prolapso desde uma centralidade no pênis – não somente em

termos de sua anatomia, mas também em termos do prazer que aquele que possui o órgão pode extrair das práticas e do prazer de Raysawet a partir do pênis como um suposto núcleo de produção sexual. Tais comentários ajudam a compreender como o *fisting* e o prolapso são, em realidade, rastros de particular que ecoam em uma lógica de equivalências, tal como analisada por Laclau (2000), que se distribui em diferentes modos de contestação a uma economia heterocentrada do sexo e se torna o “inimigo comum” de quem defende seu lugar nas disputas pela hegemonia das práticas sexuais.

No próximo capítulo, explorarei as relações entre dinheiro, sexo, afeto e tecnologia na pornografia *live streaming* do CAM4 a partir dos diferentes significados atribuídos aos *tokens* que circulam nas negociações da plataforma.

## 5 “TOKENS, TOKENS, TOKENS!” RELAÇÕES ENTRE DINHEIRO, SEXO, AFETO E TECNOLOGIA NO CAM4

*Nem todos os dólares são iguais.*

Viviana Zelizer

A plataforma CAM4, como outras assemelhadas, é um site de conteúdo colaborativo, isto é, dá ao usuário e à usuária a possibilidade de participar, gerando e frequentemente organizando o conteúdo. Com efeito, toda a pornografia encontrada no CAM4 é produzida por quem também consome o serviço, nublando as fronteiras entre a produção e o consumo. Apesar da comunicação da empresa com seus membros (ou com membros potenciais) e alguns aspectos de suas funções ou interface denotarem lógicas capitalistas modernas, seria sem dúvidas insuficiente encerrar uma discussão sobre mercado e sobre dinheiro desconsiderando o papel que os usuários e as usuárias cumprem sobre esses temas em suas interações e em seus usos mais criativos da plataforma, especialmente considerando que essa esteja situada na emergente web 2.0 (O'REILLY, 2006) e em um contexto *prosumer* (RITZER; JURGENSON, 2010).

Neste capítulo, me dedicarei a destacar dados etnográficos que desestabilizam uma abordagem utilitarista do dinheiro que ignora seus diversos significados, bem como as dicotomias que frequentemente atravessam as análises do capitalismo contemporâneo. Para além do dinheiro objetificante último que homogeneiza todas as distinções qualitativas resumindo-as em uma quantidade abstrata, a pornografia *live streaming* do CAM4 descortina os limites do dinheiro moderno ao apresentar uma infinidade de *dinheiros especiais* em articulação com o sexo e com o corpo.

### 5.1 mysexysecrett e fun4you24: *tokens* e *squirt* de mãos dadas

mysexysecrett é uma mulher de 28 anos que mora nos Estados Unidos. No perfil, não há muito: ela apenas fornece suas informações pessoais mais básicas, dizendo que é heterossexual, solteira, que só fala inglês e que bebe socialmente. Na única foto disponível, vê-se suas madeixas loiras e lisas cobrindo metade do rosto fino e pálido; o olho castanho descoberto olha burlesco para a câmera e os lábios formam um beicinho. A *modelo* tem quase *cinco estrelas* na avaliação dada pelos

usuários e usuárias, um prêmio concedido pela plataforma e uma verdadeira coleção de presentes virtuais.

Em uma das suas transmissões, ela estava deitada sobre uma cama com lençóis brancos. O quarto tinha uma iluminação dourada branda, agradável aos olhos, e mysexysecret se masturbava com um dildo da cor bege em formato de pênis. Suas pernas estavam abertas para a *webcam* e, bem ao centro da imagem, via-se o dildo e os dedos sobre a vagina. No fundo, podia-se ver os seios pequenos, o rosto e os cabelos espalhados pelos ombros, braços e travesseiro. Aquela noite, mysexysecret não usava maquiagem e o cabelo outrora liso revelava ondas. A pele parecia mais bronzeada e as maçãs do rosto estavam coradas; a expressão era de desejo e de concentração. Escondido, estava um lubrificante que ela usava muito discretamente.

O seu *objetivo* era ganhar 999 *tokens*. Na descrição do *show*, ela divulgava a venda de 6 vídeos por 100 *tokens* e dizia para os participantes darem “1000 *tokens* se você me ama”. Mais abaixo, a promessa era de um *squirt* assim que alcançasse o *objetivo*.

Entre os quase 1.000 participantes, estava fun4you24, um homem belga, branco e magro de 34 anos. Em seu perfil, ele disponibilizava várias informações a seu respeito: dizia que era bicurioso<sup>54</sup>, que falava inglês, francês e holandês, que fumava e que bebia socialmente. fun4you24 também respondeu ao *Questionário de sexo* do CAM4 em inglês, falando que gostava de sexo virtual; que usava brinquedos sexuais, embora não sempre; que gostava de sexo oral, de sexo anal, de pornografia, de práticas com múltiplos parceiros. Dizia que não gostava de BDSM e, quando questionado sobre quais “outros tipos de sexo” o interessavam, considerou a pergunta “pessoal demais” para ser respondida naquele espaço. Quando respondia perguntas sobre suas fantasias, declarou que sonhava estar no meio da vegetação e “ser puxado por um ou mais caras” que iriam tirar suas roupas “e se aproveitar de mim... Minha nossa...”. Além disso, quando se tratava de alguém com quem se relacionar, fun4you24 dizia que se importava com a aparência e com a disposição de fazê-lo se sentir um “*slutty lil' bitch*” (em português, “putinha”), mas com “um respeito saudável sobre decisões mútuas em torno de limites.” fun4you24 tinha

---

<sup>54</sup> Bicurioso é um termo utilizado para se referir a alguém que não se identifica como bissexual nem homossexual, mas que sente interesse em ter algum tipo de atividade sexual com alguém do mesmo gênero.

muitas imagens em seu perfil: na principal, ele estava sentado virado de frente, inteiramente nu e depilado, enquanto penetrava uma lata de bebida no ânus. As demais imagens eram de *cross-dressing*<sup>55</sup>: ele aparecia com *lingeries* diversas – que iam de conjuntos de calcinha e sutiã a camisolas e meias-arrastão – sempre de costas e destacando as nádegas. Seu rosto nunca estava à mostra.

No entanto, fun4you24 não era um participante qualquer no *show* de mysexysecret: ao lado de seu *nickname*, havia uma coroa: ele era o *rei* das *gorjetas* na sala, o que significava que, de todos, era o que mais havia enviado *tokens* durante o *show*. Enquanto enviava muitas *fichas* para mysexysecret, ele também mandava mensagens: "Oh, querida, que vista... Quero deixar você totalmente molhada." fun4you24 fazia muitos pedidos: pedia que ela aproximasse mais a câmera, e assim ela fazia. Outros mandavam mensagens, também. Alguns falavam sobre ejacular sobre ela, pediam que ela fizesse mais sons e penetrasse o dildo mais forte e mais fundo, diziam estar imaginando que beijavam seus seios. Havia muitos homens na sala e eles a elogiavam com frequência: diziam que era linda, que era tão sexy...

mysexysecret pede mais *gorjetas*: "gente, o trabalho é em equipe! Eu quero gozar!" fun4you24 manda mais *tokens* e avisa mysexysecret: "Não se preocupe com nada, querida, e se divirta. Nós todos faremos você chegar lá!". Após novo envio de *tokens*, ele diz: "Eu prometo que farei você gozar!" Ele pede, então, para ela aumentar o volume do microfone: "É hora de todos nós ouvirmos toda a diversão que você está tendo!" Então, ele dá mais uma *gorjeta* de 5 *tokens*. Algumas pessoas pedem o mesmo. "Oh, é tão bom ouvir você!", fun4you24 exclama. Mais tarde, pede que ela penetre o dildo o mais rápido que conseguir por alguns segundos e que ela ligue o vibrador no máximo. Com as duas mãos ocupadas, ela continua seu *show*, transmitindo prazer e energia. "Mostre quão putinha você consegue ser!", fun4you24 provoca. Quando a *modelo* chega a 943 *tokens*, um dos participantes comenta que ela está "quase lá". Ela abandona o dildo e, apenas com o vibrador sobre o clitóris,

---

<sup>55</sup> Cross-dressing é uma expressão de gênero que designa o ato de seguir estereótipos de um gênero que não seja o seu, na forma de roupas, acessórios, etc. As formas mais comuns de cross-dressing são mulheres que utilizam roupas ditas masculinas e homens que utilizam roupas ditas femininas (como joias, perucas, perfumes, maquiagens) por qualquer uma de muitas razões, desde vivenciar uma faceta feminina (para os homens), masculina (para as mulheres), motivos profissionais, para obter gratificação sexual, ou outras. O cross-dressing não está relacionado com a orientação sexual, então um crossdresser pode ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual. O cross-dressing também não está relacionado com a transexualidade. Durante o trabalho de campo no CAM4, vi muitos homens com perfis tais como o fun4you23.

penetra os dedos na vagina. Com expressões faciais cada vez mais intensas, mysexysecret se prepara para ejacular para a câmera: um jato com seus líquidos é, então, certo e denso.

Ela sorri, toca o próprio corpo e começa a conversar com os participantes, que dão muitas *gorjetas*. Nos segundos antes do orgasmo, ela havia chegado ao *objetivo* final de *tokens*. Ela começa, assim, a conversar com fun4you24: ele digita, ela fala para a *webcam*. Ele pede por seus vídeos, ela explica como ele pode acessá-los. Então, ele comenta, de forma muito educada, como um *doggy*<sup>56</sup> era a única coisa que falta em seu *show*. Ela explica que precisaria de uma bunda de silicone, e que queria muito, mas que essa custava 200 dólares. Ele diz que a compreende: "bem, você deve fazer esse investimento assim que puder, querida!". Ela encerra a transmissão mostrando-se para a câmera com 1004 *tokens*. (DC, 23.12.2015)

Entre milhares de participantes no *show* encerrado, a relação que mysexysecret estabelece com fun4you24 destaca-se, especialmente na medida em que o pagamento de *tokens* feito por ele articula-se com a aproximação e alcance do *squirt* dela: ele lança as *gorjetas* para que ela chegue ao orgasmo.

Uma possível análise dessa relação prontamente duvidaria da *autenticidade* do prazer de mysexysecret – pelo menos na medida em que se relaciona efetivamente às *gorjetas* – ou acusaria a tolice de fun4you24 de acreditar que seus *tokens* são verdadeiramente responsáveis pelo orgasmo da *modelo* – crível, talvez, somente na medida da estética do *squirt*. Desde esse ponto de vista, *tokens* jamais poderiam participar do sexo. Esse tipo de entendimento, sem dúvidas muito comum, é teorizado por Zelizer (2009) a partir de duas categorias: *esferas separadas* e *mundos hostis*. Ambas supõem, de acordo com a socióloga, *mal-entendidos* sobre a associação entre transações econômicas e laços íntimos. Assim, nas trilhas dessa teoria, tal entendimento sobre a relação entre mysexysecret e fun4you24 se categorizaria como *esferas separadas* na medida em que aponta dois domínios diferentes da vida social que operam princípios essencialmente distintos: coloca, de um lado, a racionalidade, a eficiência e o planejamento – relacionado ao dinheiro e materializado no *token* –; e, de outro lado, a solidariedade, o sentimento e o impulso

---

<sup>56</sup> Em português, pode ser traduzido para "cachorrinho" ou, neste contexto, "de quatro". Se refere a uma posição sexual em que uma pessoa fica sobre os joelhos e cotovelos e inclina o traseiro para cima para atividade sexual.

– relacionado à intimidade e materializado no prazer do *squirt*. Seria, também, *mundos hostis* na medida em que compreende que, uma vez que esses campos distintos entram em contato – o dinheiro/*token* e a intimidade/*squirt* –, eles contaminam um ao outro, corrompendo ambos: a invasão do mundo do afeto e do erotismo pela racionalidade do mercado diminui a potencialidade de serem autênticos (logo, o prazer de *mysexyscrett* é falso), enquanto a intromissão do sentimento em transações racionais, tais como as financeiras do CAM4, produzirá uma ineficiência ou ingenuidade no uso do dinheiro (logo, *fun4you24* é um tolo – ou, talvez, goste de enganar a si, pois excita-se com o suposto prazer de *mysexyscrett*...).

Esses *mal-entendidos* justificam-se, antes de mais nada, em uma forma especial de entender o dinheiro, chamado por muitos estudiosos e estudiosas, particularmente do campo da antropologia (MAURER, 2006), de *dinheiro moderno*. Essa abordagem tem raízes nas interpretações clássicas sobre o desenvolvimento do mundo moderno, nas quais o dinheiro ocupa um lugar central. Nessa tradição, um dos marcos é *A filosofia do dinheiro*, obra essencial de Simmel (2004). Nele, o sociólogo argumenta, o dinheiro é um elemento fundamental na racionalização da vida social, pois, na condição de elemento mais abstrato e impessoal, se tornou o meio mais perfeito de circulação econômica. O dinheiro transformou o mundo em um problema aritmético: seu poder fundamental e revolucionário vem da sua completa indiferença a valores. Há, assim, uma redução da qualidade para a quantidade, uma vez que o dinheiro é a completa negação da primeira.

Assim, de acordo com Simmel (2004), com o dinheiro perguntamos *quanto*, e não *o que* ou *como*. Essa objetividade descompromissada fez com que o dinheiro se tornasse o meio tecnicamente perfeito para trocas econômicas modernas. Livre de restrições subjetivas, indiferente a interesses particulares, origens ou relações, a liquidez e divisibilidade do dinheiro se torna infinita, fazendo-o absolutamente "trocável". O dinheiro, assim, se tornou um intermediário neutro de um mercado impessoal e racional, expressando as relações entre objetos em termos quantitativos e abstratos, mas sem que ele mesmo entrasse nas relações. No limite, essa quantificação da qualidade se torna moralmente perigosa, corrompendo a vida, e por isso o dinheiro jamais deve tocar as relações afetivas, bem como a intimidade jamais deve afetar as questões monetárias.

Pelúcio (2011), em sua pesquisa sobre as relações entre travestis brasileiras e seus clientes espanhóis, relata um debate online sobre uma travesti que recentemente havia casado: será que ela se manteria na prostituição? Quando um participante, no debate, diz que acha que a travesti não deixará de se prostituir, mas que isso fará de seu marido um “corno”, outra argumenta que não o seria, uma vez que ela estaria cobrando pelos serviços e “*business are business*” – assim mesmo, “no idioma do capital, o papel neutralizador do dinheiro” (PELÚCIO, 2011, p. 196). A resposta a essa participante, por seu turno, acusa que, caso um homem permita que sua esposa se prostitua, ele automaticamente se torna um cafetão. Aqui, segundo Pelúcio (2011), o dinheiro possui claramente um caráter contaminador e corruptor das relações afetivas, que seriam supostamente conduzidas por sentimentos mais nobres e desinteressados do que aqueles que orientam os vínculos comerciais e profissionais. Trata-se, enfim, de um bom exemplo dos *mal-entendidos* de Zelizer (2009) a partir de uma noção de *dinheiro moderno*.

Zelizer (1989) lança, então, outra forma de pensar o dinheiro, que abre uma segunda possibilidade de análise para a relação de intimidade e dinheiro de *mysexyscrett* e *fun4you24*. Em crítica ao dinheiro moderno, a socióloga afirma que, ainda que o dinheiro, com toda a sua impessoalidade e racionalidade, possa transformar produtos, relações e até mesmo emoções em um equivalente numérico objetivo e abstrato, ele jamais será neutro culturalmente. Ele pode muito bem “corromper” valores em números, mas valores e sentimentos reciprocamente corrompem o dinheiro, investindo-o com significados de ordem moral, social ou até religiosa. Dessa forma, a socióloga propõe o conceito de *dinheiro especial* para explorar as qualidades do dinheiro ao mesmo tempo que evidencia a forma como, na verdade, o dinheiro pode tornar as pessoas mais íntimas. Não se trata de negar as diferenças quantitativas de certos valores monetários, muito menos de rejeitar o caráter do dinheiro na formação da sociedade moderna e de suas racionalização, mas sim de entendê-lo, também, fora da esfera do mercado. Zelizer (1989, p. 351, tradução minha) dá alguns exemplos para compreender o dinheiro especial:

Como nós distinguimos um suborno de um tributo ou uma doação, ou um salário de um honorário, ou uma mesada de um salário? Como nós identificamos uma compensação, bônus, gorjetas, indenização ou prêmios? De fato, há diferenças quantitativas entre esses vários pagamentos; mas, com certeza, o vocabulário especial interfere bem mais do que essas quantias diferentes. Alheio às suas diferenças qualitativas, o dinheiro se torna indecifrável.

Assim, Zelizer (1989) sugere um *modelo* de *dinheiros especiais*, que abre caminho para pensar os *tokens* de fun4you24 e o *squirt* de mysexysecrett fora da caixa dos *mal-entendidos*: como, para além da função utilitarista objetificadora de corpos e afetos – a partir da qual mysexysecrett recebe as *fichas* em troca do trabalho sexual, as saca em dólares e paga as suas contas –, a *gorjeta* é, por seu turno, transformada pelo erotismo? O que o desejo de mysexysecrett está informando sobre os *tokens* de fun4you24?

mysexysecrett afirma que quer gozar, de forma que todos, em um “trabalho em equipe”, devem mandar *gorjetas* para isso. fun4you24, em retorno, envia as *gorjetas* em uma verdadeira dinâmica de atos sexuais: pede que ela fique tranquila, pois todos a farão gozar, diz que ela conseguirá chegar lá. Cada mensagem acompanha uma quantia de *tokens*, e todas giram em torno da satisfação de mysexysecrett – “divirta-se”, ele diz, “quero ouvir a sua diversão”.

Como discuti no capítulo 3, no encontro da pornografia amadora, particularmente a interativa ao vivo, uma porção substancial da excitação sexual parece ser o sentimento, por parte do indivíduo que assiste, de que ele é *necessário* a pessoa do outro lado da câmara, de tal forma que torna possível o seu prazer sexual (PATTERSON, 2004). No caso de fun4you24 e mysexysecrett, essa projeção chega até as *gorjetas*: as *fichas* são a forma a partir da qual o prazer tomará conta da *modelo* até que ela chegue ao orgasmo. Assim, os *tips* deixam de ser uma moeda impessoal de troca por sexo e se tornam o sexo em si – o lugar onde desejo inicia e onde ele também se esgota.

## **5.2 Token corporificado: OhMiBod, dinheiro e sexo**

Os *tips* como parte integrante do sexo – e não somente como um meio de transação de acesso ao sexo – se tornam ainda mais claros com o surgimento do OhMiBod.

O OhMiBod é um vibrador que foi criado para utilizar música para funcionar. Ele possui um microchip que vibra de acordo com a música que está sendo ouvida, cujo ritmo e volume altera a intensidade das vibrações. Apesar de ter sido projetado para ser usado conjuntamente com o som de músicas, o aparelho responde a qualquer som audível. Uma vez que, cada vez que participantes mandam *tips*, a plataforma avisa *modelos* com um som de moedas caindo, o OhMiBod se tornou um

aparelho muito popular em sites como o CAM4: as *modelos* ou *performers* usam o vibrador para que ele vibre a cada vez que as *gorjetas* entram na conta.

Durante o trabalho de campo, vi algumas mulheres fazendo uso do aparelho. Uma delas era a Sexy\_Schooky. Seu perfil era pragmático: só havia uma foto, a de perfil, em que ela aparecia deitada de lado com calcinha e sutiã vermelhos, segurando os seios desnudos para fora da peça. Na imagem, via-se o rosto da *modelo*, que, olhando para a câmera, mandava um beijo. No resumo, ela declarava-se alemã e bissexual, dizia que fumava e informava que tinha 20 anos de idade. No resumo de perfil, ela estimulava os usuários e usuárias a comprarem o número de WhatsApp dela por 5.500 *tokens*: “Lá nós poderemos conversar. Somente nós dois! Eu também enviarei vídeos e imagens gostosas.”

*Modelo cinco estrelas* e popular no CAM4, Sexy\_Schooky também costumava ter uma média de mil participantes em suas transmissões bem-sucedidas, tendo já ganhado dois prêmios do CAM4. Apesar disso, seus *shows* não tinham tanto investimento quanto outras e outros *performers*: sua transmissão não tinha legenda, nem um *objetivo* de *gorjetas* – por essa razão, também não era possível saber quantos *tips* ela havia ganhado durante a transmissão. Em um *show*, a única descrição disponível informava que ela estava com o OhMiBod ligado e que esse vibrava com o som dos *tips*.

Ela usava uma maquiagem discreta: a pele parecia uma porcelana branca e havia um risco feito de delineador no estilo gatinho sobre as pálpebras. Ela tinha traços suaves: nariz e boca pequenos e um rosto miúdo. O comprimento do cabelo castanho e liso não chegava até os ombros, onde via-se a renda de uma blusa branca simples que ela estava usando e que, naquele momento, estava para cima, deixando os seios de fora. Sexy\_Schooky era uma mulher magra, com cintura bem definida e seios médios.

Os participantes a elogiavam muito, mas também faziam muitos pedidos: queriam ver seus pés, pediam que ela se masturbasse com as mãos, perguntavam se ela fazia *pee*<sup>57</sup> ou *farting*<sup>58</sup>, se ela faria um *squirt* aquele dia. Um deles perguntou se ela vendia suas calcinhas, outros se ela estava depilada. Sexy\_Schooky não fazia coisa alguma além de manter o aparelho na vagina e mostrar os seios: ela

---

<sup>57</sup> *Pee* (ou, em português, “xixi”), descreve uma prática sexual que envolva o ato de urinar.

<sup>58</sup> *Farting* (ou, em português, “peidar”) descreve qualquer prática sexual que envolva a erotização da flatulência.

apenas ficava em frente da *webcam*, agradecia os *tokens* e, quando eles não vinham, ela seguia com sua vida: em determinado momento, por exemplo, decidi preparar um macarrão e comê-lo durante a transmissão. Em outro momento do *show*, quando os *tokens* vinham com frequência, ela deitou-se eroticamente, tirando o shorts preto que usava com expressões de intenso prazer. Ela manteve a calcinha com estampa de oncinha durante toda a transmissão, e eu só pude ver o vibrador escondido quando ela estimulava-se também com a mão por debaixo da peça. Do meu computador, eu conseguia ouvir o som dos *tips*.

Um aspecto interessante de toda essa dinâmica de interações reside no fato de que Sexy\_Schooky recebia *tokens* o tempo todo, todos em pequena quantia, mas de muitos participantes diferentes. Os participantes que enviavam *gorjetas* a ela quase não falavam na caixa de texto. pharaun38, por exemplo, enviou 37 *gorjetas* de 1 *token* cada sem jamais se pronunciar com mensagens. Sinterss enviou algumas *gorjetas*, mas, embora tenha pedido que ela ficasse sem calcinha, a *modelo* não concedeu seu desejo – ainda assim, ele continuou mandando *tokens*: “É claro que te darei *gorjetas*”, ele disse. Sexy\_Schooky recebia *fichas*, inclusive, de um participante anônimo, algo pouco comum. (DC, 07.04.2016)

No CAM4, é possível que *performers* tenham moderadores ou moderadoras. Essas pessoas precisam ser membros, estarem participando da transmissão e serem designadas como tal por quem está transmitindo. Quem modera uma transmissão pode ajudar quem disponibiliza suas imagens a “espalhar” as “regras da casa”, bem como bloquear participantes *spammers*<sup>59</sup> ou ofensivos, mas não recebem parte dos ganhos em *gorjetas* do ou da *performer* – logo, o moderador ou a moderadora pode ser “ser seu parceiro, um amigo, ou alguém que você conheceu e acha que é uma pessoa agradável e prestativa”, como a plataforma sugere. Os moderadores ou as moderadoras jamais o são permanentemente – tem esse papel atribuído somente durante um *show*. Durante a pesquisa, vi especialmente mulheres tendo moderadores, e todos eram declaradamente homens (apenas uma única vez vi um brasileiro sozinho em transmissão com uma moderadora) e a impressão que tinha é que, em geral, eram apenas grandes fãs das *modelos*.

mysexysecret, por exemplo, tinha um moderador em sua sala que constantemente pedia que os participantes a avaliassem com 5 *estrelas*, enviassem

---

<sup>59</sup> *Spammer* é um participante que envia publicidade em massa.

*gorjetas* a ela e seguissem-na no Twitter. Ele usava o *nickname* killenkpg, sempre apresentava a *modelo* pelo nome Anny e, por vezes, lembrava que aquela era “a sala de Anny e que todas as atenções devem estar sobre ela”. O moderador de mysexysecrett era disparadamente o mais participativo de todos, e sempre lembrava qual era o *objetivo* ali; que as mensagens só deveriam ser em inglês, pois era a língua que Anny entendia; que os pedidos acompanhassem as *gorjetas*, pois isso “não apenas é regra dela, mas é uma questão de educação.” Alguns participantes se irritavam com o moderador, pois, na condição de um participante como qualquer outro, também poderia enviar *gorjetas*: h3ii078, por exemplo, escreveu que ele falava “como alguém que já deu *gorjetas*”, e então pediu que ele mesmo desse as *gorjetas* antes de começar “a encher os outros”. O moderador killenkpg avisou, com ironia, que já havia dado mais *gorjetas* nos últimos 3 anos, mas que havia anotado o recado. A intenção, aparentemente, havia sido deixar claro que ele não era “qualquer um ali”, mas alguém que estava ao lado de mysexysecrett há anos, embora eu não soubesse definir se como um participante de seus *shows* ou como um parceiro em outro tipo de relação. (DC, 23.12.2015)

Sexy\_Schooky, por outro lado, não havia atribuído moderação a ninguém, mas tinha uma legião de homens “cuidando” de sua sala. fresher2, o mais proeminente, agradecia as *gorjetas*, solicitava que essas fossem enviadas, pedia que os participantes fizessem a gentileza de não fazerem pedidos, avisava que as mensagens só poderiam ser em inglês ou alemão, que o texto não poderia ser escrito em caixa alta, que Sexy\_Schooky não aceitava mensagens privadas nem *shows* no Skype, e assim por diante. Outro, nuckel86, avisava que ninguém poderia pedir nada a Sexy\_Schooky e pedia, também, que não implorassem. Todos os moderadores que vi em ação durante a pesquisa eram sempre muito educados e pareciam preocupados em fazer da transmissão um sucesso. (DC, 07.04.2016)

Se as atividades de moderação parecem ser mais um elemento do grande mosaico da fantasia de ser necessário e quisto à pessoa que apresenta a pornografia, buscando, com ela, um vínculo de intimidade que transforme o pornô em uma relação que transcenda o sexo (PATTERSON, 2004), o *token* percorre caminhos cada vez mais ousados para a construção e manutenção desse deslocamento: se ele se torna o sexo na interação entre mysexysecrett e fun4you24; quando se trata de Sexy\_Schooky e as *gorjetas* que vibram no aparelho instalado

em sua vagina, o *token* se torna o próprio corpo – dela e de quem os manda, simultaneamente.

Trinta e sete *tokens* mandados em uma única *gorjeta* são diferentes de 37 *tokens* mandados em *gorjetas* de 1 *token* cada. Uma *gorjeta* mandada para estimular a *modelo* a chegar ao orgasmo com um *squirt* é diferente de uma *gorjeta* mandada para que um pequeno vibrador vibre no corpo da *performer*. Diferentes dinheiros, portanto, nos termos de Zelizer (1989).

O OhMiBod provoca pensar não somente as relações entre o dinheiro e a tecnologia de um estimulador sexual, como também força a revisar as relações entre a tecnologia de um vibrador e o corpo, produzindo uma ponte entre esses elementos que nubla suas complexas fronteiras: o vibrador de Sexy\_Schooky é uma extensão de seu corpo<sup>60</sup> não apenas num sentido imaginativo, mas como uma realidade corporal – do ciborgue não somente como uma metáfora, mas também como uma reconhecível incorporação da tecnologia pela *modelo*, nas trilhas de Haraway (2013). Por outro lado, o computador dos participantes também é uma continuação do corpo deles – não apenas desde as suas representações, mas também na maneira como são capazes de se anexarem ao corpo de cada um dos *tippers* de Sexy\_Schooky. Os *tokens*, por sua vez, são o encontro do computador-corpo dos participantes com o vibrador-corpo da *performer*, fazendo com que se encontrem diretamente. Estão em rede, pois: “redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que [...] não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam.” (KUNZRU, 2013).

Essa dinâmica desestabiliza, é claro, grandes oposições, tais como natureza e cultura, biologia e sociedade ou mente e corpo. Por outro lado, também mostra que não há pureza nem essencialidade no sexo, mas uma criativa e complexa tecnologia. Sexy\_Schooky, seu OhMiBod e os *tokens* de seus participantes descortinam a impossibilidade de olhar as relações somente para os corpos ou somente para as mediações, e exibem o caráter produtivo do sexo, do corpo sexuado e também da pornografia *live streaming* no que se refere a sua potencialidade de fazer a sexualidade e de construir relações.

Se, como Latour (1994) propõe, jamais fomos modernos, pois a modernidade fundada pela racionalização da sociedade e pela purificação dessas zonas

---

<sup>60</sup> Ver sobre a *lógica do dildo* (PRECIADO, 2014) no capítulo 4.

ontológicas opostas jamais se iniciou e sempre produziu os híbridos que tentou ignorar, certamente nunca estivemos tão confrontados com a evidência de sua fantasia e tão sedentos por aquilo que se esconde atrás de suas expectativas de homogeneização e objetificação: o prazer e o sexo *autênticos* e *íntimos*, materializados na visualidade atestatória do *squirt*, na participação de controle do OhMiBod e, é claro, na discricção do uso do lubrificante...

### 5.3 Dinheiros violentos: as negociações de Sexylang

É verdade que há muitos tipos de dinheiros especiais circulando no CAM4 que colocam em questionamento a exclusividade das lógicas objetivas e dicotômicas do mercado moderno. Esses dinheiros confundem as fronteiras entre sexo, dinheiro, afeto e corpo e fazem esses elementos realmente coexistirem em o que Zelizer (2009) chama de *boas combinações*, isto é, relações em que o dinheiro e a intimidade coexistem e funcionam bem, ainda que tais relações sejam limitadas e por um período curto de tempo<sup>61</sup>: não se pode negar, por exemplo, a centralidade do prazer das mulheres nas considerações anteriores desse capítulo, bem como o valor de uma excitação projetada sobre ele em um contexto de produção pornográfica tradicionalmente masculinista: se, antes, a pornografia organizava-se somente em torno do *money shot*<sup>62</sup> (WILLIAMS, 1989), agora há uma considerável quantidade de produções voltadas ao *squirt*. Ainda que, por vezes, o dinheiro pareça operar efetivamente como um instrumento de troca (como, por exemplo, se pode reconhecer em algumas negociações exploradas no capítulo anterior, ainda que o destaque não fosse esse), ele está sempre investido de algum significado e opera, dessa forma, politicamente, seja em um sentido transformador, seja em um sentido conservador. Os sentidos dos *tokens* jamais se esgotam e um dos *shows* de Sexylang, uma *modelo* trans, ilustra bem outros de seus caminhos criativos.

Durante a pesquisa, Sexylang era uma *modelo* trans popular no CAM4. Em uma das minhas incursões, o seu *show* era o primeiro da sua categoria. O perfil dela era indeterminado quando se tratava de onde ela fazia sua transmissão: dizia que

<sup>61</sup> Zelizer (2009) define quatro possibilidades para *boas combinações*: limitada ou ampla, durável ou passageira.

<sup>62</sup> *Money shot* é outra forma de referir o *cum shot*. Os termos designam a ejaculação masculina. No caso do primeiro, *money* se deve ao fato de que, tradicionalmente, os atores de filmes pornográficos recebiam um cachê extra para ejacular. De acordo com Williams (1989), o *money shot* se tornou imprescindível na pornografia moderna porque provava que o sexo era “real”... pelo menos para os homens.

ela era de Hong Kong Macau, duas cidades diferentes na China, mas que falava do país das Filipinas. Também no perfil, ela declarava ser bissexual, solteira, ter 27 anos e falar inglês. A *modelo* dizia que fumava e bebia apenas ocasionalmente e que sua ocupação era "*Victoria Secret Model*".

Sexylang tinha um dos perfis mais robustos que vi durante a pesquisa e, também, um dos mais cheios de advertências: o texto, escrito em inglês, começava falando sobre sua política de privacidade, avisando que o uso do perfil, dos vídeos ou das fotos, tanto online quanto offline, não era permitido sem seu consentimento escrito e explícito, e que essa violação estava sujeita a ações legais, "então não mexa comigo". Em seguida, ela dava boas-vindas ao seu espaço. Na próxima linha, porém, em fontes garrafais e entre parênteses, ela dizia que estava com problemas financeiros ("PROBLEMAS" em caixa alta) e que precisava de mais *gorjetas*, pois o débito não a abandonava nunca. Adiante, ela escreveu (em letras azuis em itálico): "Trate-me como uma Rainha e eu lhe tratarei como Rei; trate-me como um jogo e eu o ensinarei a jogar!". Por fim, ela falava sobre seus *shows*: "Uma supermodelo dominante e gostosa [...] Posso dar a maior parte do sexo que você deseja [...], fodo bem enquanto beijo suas costas e seguro suas mãos contra mim. [...] Se você quer algo humilhante ou está disposto a ser submisso, bem, é hora de você entregar seus prazeres para mim! Umas palavras quentes enquanto eu faço um carinho no seu pau, *fisting*<sup>63</sup>, BDSM, *play role*<sup>64</sup> e *milking*<sup>65</sup> [...] Vamos gozar juntos!". Em seguida, ela avisou: "Não vou perder meu tempo com nada. Não sou uma ladra. Se você acha que eu vou correr atrás do seu dinheiro, bem, eu não vou implorar por ele. Sem forçar a barra: pegue ou saia! Eu estou fazendo isso porque eu quero ganhar meu próprio dinheiro e pagar todos os meus débitos. Tudo o que nós precisamos é nos ajudar! [...] Conhecimento é aprender algo todos os dias; sabedoria é deixar algo para lá todos os dias."

Em seu perfil, também havia muitas fotos da *modelo*: em vários acessos a sua página, a foto principal era sempre diferente, mas todas tinham em comum o uso de *lingerie* e o corpo inteiro. Nas demais fotos, havia uma grande diversidade de

---

<sup>63</sup> Ato de penetrar o punho na vagina ou no ânus.

<sup>64</sup> *Sexual roleplay* ou *role playing* é um jogo erótico em que duas ou mais pessoas interpretam determinados papéis em uma fantasia sexual.

<sup>65</sup> *Milking*, neste caso, descreve uma prática de masturbação na qual o pênis fica disposto acima da pessoa que o estimula, semelhante ao ato de ordenha manual. No entanto, também pode fazer referência a um gênero de pornografia que apresenta uma mulher lactante tirando leite sobre si ou sobre outras pessoas.

contextos: restaurantes, pontos turísticos, bares, quartos de hotel, apartamentos. Ela também usava uma grande variedade de roupas. O CAM4 também anunciava que Sexylang era vencedora de um prêmio de sua categoria em março de 2015.

Via-se o sol entrando pela janela do cômodo em que Sexylang fazia o *show*. Ela estava deitada na cama com o computador ao seu lado e vestia um vestido muito curto azul turquesa feito de croché, fino e cheio de furos que permitiam ver a pele sob a roupa. Ela tinha cabelos longos, lisos e castanhos, era magra, tinha a pele bem bronzeada e grandes próteses de silicone nas mamas. O rosto era fino e tinha traços leves e aparentemente cirurgiados. Sexylang possuía um sorriso bonito e olhos puxados. O *objetivo* daquela noite – ou, no fuso da *modelo*, daquela manhã – era alcançar 500 *tokens* sob a promessa de beber o próprio esperma e a própria urina: “uma enorme anaconda, uma enorme gozada para você!”

Para a minha surpresa, porém, os primeiros minutos foram tomados por um conflito: na cama deitada ao lado do computador, ela aguardava *gorjetas* para começar qualquer ato, quando um participante, roger57, escreveu uma mensagem a ela pedindo que fosse aos EUA e casasse com ele. Ela, então, respondeu com uma mensagem inteiramente escrita em caixa alta também em inglês: “CALE A BOCA. DÊ GORJETAS ANTES DE PEDIR QUE EU VÁ PARA SEU PAÍS!”. Então, um outro participante, DomeCome22, pediu que outros participantes dessem *gorjetas* para aquela “rainha”: “Por mais que eu goste de dar gorjetas, não dou gorjetas por bundas”, ele disse. Sexylang, irritadíssima, o chamou de mendigo, dizendo que, embora ela estivesse ali há bastante tempo, ele nunca havia dado *gorjetas* a ela, de forma que ele deveria parar de pechinchar práticas. Ele, então, respondeu: “seu inglês é muito ruim, então eu não entendo o que você diz, mas você é linda.” Apesar da acusação do participante e das dificuldades da *modelo* com o idioma, eu conseguia entender tudo o que ela escrevia. Ela explicou impaciente: “Eu apenas não gosto da forma como você me envia mensagens em privado pedindo por performances. Nem mesmo uma quantia pequena de gorjetas você dá.”

Apesar da justificção da *modelo*, DomeCome22 a ignorou, rindo quando um outro participante, lloveit8, escreveu que “definitivamente o seu inglês não é o seu forte”. Sexylang ficava cada vez mais irritada: “Você quer ser banido?” Ironicamente, DomeCome22 questionou porque isso aconteceria. Ela respondeu, então, que ele a estava incomodando com as mensagens privadas e que, por essa razão, ela

decidira bani-lo: “Vejam: banido. Hahahaha” – e DomeCome22 some de sua transmissão.

Segundos depois, um outro participante, ffxd\_69, mandou uma *gorjeta* de 5 *tokens*. Sexylang agradeceu e perguntou como poderia ajudá-lo com um belo sorriso no rosto e um humor transformado em instantes. Ele pediu que ela levantasse o vestido. A *modelo*, então, iniciou um verdadeiro *show* que logo a levou a mais de 50 *tokens*. Com o vestido erguido, ela mostrava o grande pênis já ereto, masturbando-se na cama, espichando-se, tocando os próprios mamilos, curvando-se com as pernas sobre a cabeça enquanto simulava beber seu esperma e urina (o *objetivo* da transmissão). Ela mudava de posição em frente a câmera inúmeras vezes.

O *show*, porém, não acabou bem para Sexylang: de repente, os *tokens* deixaram de entrar e ela ficou cabisbaixa novamente. Os participantes foram saindo da sua sala. Horas se passam. Sexylang ficava ao celular esperando por uma *gorjeta* para fazer algo a mais, mas a sala ficava cada vez mais vazia. O *objetivo*, então, mudou: dos 500 *tokens* iniciais, ela passou a querer alcançar apenas 100. Na descrição do *show*, dizia que exigia 20 *tokens* por pedido. No fim das contas, sua *webcam* passou da primeira na primeira página da sessão *Trans* para a última da última página, até ela finalmente ficar off-line. (DC, 01.02.2016)

Para além do fato de que os *shows* das mulheres trans e das travestis visassem usualmente um valor menor de *tokens* em comparação aos *shows* das mulheres cisgêneras<sup>66</sup>, um aspecto importante que retomarei mais tarde, chama a atenção o tensionamento da negociação entre Sexylang e DomeCome22: ao que tudo indica, DomeCome22 não apenas pedia que outros participantes dessem *gorjetas* para a *modelo*, como ele a importunava com pedidos em mensagens privadas sem desembolsar um *token* sequer. Aparentemente, para piorar, aquela não era a primeira vez. No entanto, o que surpreende é ele ter se justificado com o fato de que não dava *gorjetas* “por bundas”, o que significa que ele dava *tips* eventualmente – com certeza, para pessoas que também tinham as bundas pelas quais ele supostamente não paga: Preciado (2014) comenta que uma das características fundamentais do ânus é justamente o fato de “ser um centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual” (p.

---

<sup>66</sup> A cisgeneridade é uma linha traçada entre o sexo designado no nascimento e a identidade de gênero. Desse termo, pode-se falar em cisheteronormatividade ou em sujeito cisgênero ou cis, que refere uma pessoa que não passa pelo conflito identitário que pessoas trans passam.

32): todos tem um ânus. O que DomeCome22 queria dizer, então? Talvez, que só pagaria por uma bunda na medida em que acompanhasse outras características, tais como uma vagina, uma vez que os seios estavam bem localizados em Sexylang.

O dinheiro que DomeCome22 paga “por uma bunda” de uma mulher cis é diferente do dinheiro que ele paga por “por uma bunda” de uma mulher trans – há, aqui, dinheiros diferentes e bem localizados (ZELIZER, 1989). Ainda que ele possivelmente acesse transmissões de ambas, ou não; ou que ele não dê *gorjetas*, mas apenas quisesse convencer Sexylang disso; a mensagem está clara: investido de lógicas transfóbicas que buscam colocar Sexylang “no seu lugar”, o dinheiro opera na valorização e desvalorização de certos corpos e identidades – Sexylang é “rainha” somente na medida em que ali fica ao bel-prazer dos desejos de DomeCome22 sem reclamar da falta de *gorjetas*, pois deve estar satisfeita apenas por ter sua *webcam* acessada pelo sujeito.

O problema, sem dúvidas, não reside no genital – com efeito, se o pênis efetivamente incomodasse o participante, ele não estaria assistindo à transmissão de Sexylang. O problema para DomeCome22 é político e claramente tem a ver com uma mulher transexual atribuindo para si as supostas exigências ou valores de uma mulher cis: DomeCome22 estava determinado a convencer a *performer* de que ela era *menos mulher*, logo preencheu seus *tips* com tais valores e interesses. Quando, mais tarde, ele começa a criticar o inglês absolutamente compreensível falado por Sexylang, a intenção de desqualificá-la porque a *modelo* subverteu suas expectativas fica ainda mais evidente: manter Sexylang à margem na pornografia seria mantê-la à margem em outros espaços, e o pênis e o inglês apenas travestem a discriminação. Nesse sentido, é interessante observar quão nebulosas são mesmo as fronteiras entre as intenções sexuais e as intenções políticas (RUBIN, 1998).

#### 5.4 Síntese

Neste capítulo, busquei discutir as relações do dinheiro com o afeto, o sexo, o corpo e a tecnologia no CAM4 desde o reconhecimento de seu caráter colaborativo, a partir do qual os usuários produzem o conteúdo que consomem. Assim, a partir da valorização dos usos criativos da plataforma, analiso os diferentes *dinheiros especiais* em circulação no CAM4 (ZELIZER, 1989) em contraste com o chamado

*dinheiro moderno* (SIMMEL, 2004), segundo o qual o dinheiro sempre esvazia as relações de seus atributos qualitativos e as investe com lógicas quantitativas.

Destaco, nesse esforço, um *show* da *performer* mysexysecrett: na transmissão, ela negociava um *squirt* com um participante de *nickname* fun4you24. A *modelo* dizia que queria gozar, mas que precisava das *gorjetas* para isso; fun4you24, então, passou a estimulá-la a relaxar "para chegar lá" ao mesmo tempo em que enviava os *tokens*. Refuto uma análise que prontamente duvidaria da autenticidade do prazer da *modelo* no que se refere a sua relação com os *tokens* ao mesmo tempo em que acusaria a ingenuidade de fun4you24 de acreditar verdadeiramente que os *tokens* levariam a *performer* ao orgasmo. Argumento que essa análise se fundamentaria nos *mal-entendidos* de Zelizer (2009): o dinheiro/*token*, revestido de sentidos circunscritos pela racionalidade e planejamento, jamais pode ocupar o mesmo campo da intimidade/*squirt*, investida de sentidos associados ao sentimento e à solidariedade; por outro lado, se esses campos distintos entram em contato, contaminam um ao outro, diminuindo a possibilidade do afeto e do erotismo de serem autênticos e produzindo uma ineficiência ou ingenuidade no uso do dinheiro. Uma vez que esses *mal-entendidos* são derivados de um entendimento moderno do dinheiro, que o compreende como objetivo, impessoal e racional, proponho, ainda em referência a Zelizer (2009), entender as dinâmicas de mysexysecrett e fun4you24 a partir do conceito de *dinheiro especial*: da mesma forma que o dinheiro pode informar o sexo, o sexo *também* pode informar o dinheiro, investindo-o com sentidos diversos. Dessa forma, os *tokens* operam menos como um instrumento de troca vazio e corrosivo, e mais como um elemento constituinte da relação sexual – tal como qualquer outro ao qual usualmente se atribui caráter erótico.

Dou atenção, também, para o *show* da *performer* Sexy\_Schooky, que fazia sucesso com o uso do OhMiBod, um vibrador que responde ao barulho que as *gorjetas* fazem ao entrarem na conta da *performer*. Argumento que, neste caso, outro dinheiro especial é acionado: uma vez que o vibrador é uma extensão do corpo de Sexy\_Schooky (PRECIADO, 2014) e o computador dos participantes é também uma continuação do corpo deles, os *tokens* são o encontro de ambos em uma complexa rede de híbridos (HARAWAY, 2013). Os *tokens* se tornam o corpo, portanto. Considero os usos do OhMiBod relacionados aos *tokens* emblemáticos para pensar a sexualidade como tecnologia, bem como para refutar a possibilidade de olhar as relações somente para os corpos ou somente para as mediações. Além disso, tanto

o caso de Sexy\_Schooky como de mysexysecrett ilustram alguns dos contornos em torno da expectativa de autenticidade e intimidade colocados na pornografia *live streaming*.

Finalmente, mostro como nem todas as relações envolvendo o dinheiro e a intimidade são *boas combinações* (ZELIZER, 2009): em um dos *shows* de Sexylang, uma *modelo* trans, um participante se recusava a enviar *gorjetas* sob a justificativa de não "pagar por bundas", ao mesmo tempo em que perturbava a *performer* com pedidos. O desenvolvimento da conversa sobre o pagamento ou não de *tips* foi revelador sobre os diferentes valores investidos nas *fichas* do CAM4: considerando que todos tem uma bunda, o que o participante queria inferir é que não pagava por bundas na medida em que acompanhassem um pênis; isto é, o dinheiro que DomeCome22 pagava "por uma bunda" de uma mulher cis é diferente do dinheiro que ele pagava "por uma bunda" de uma mulher *trans*, pois o dinheiro está investido não apenas do utilitarismo para a transação comercial, mas de lógicas transfóbicas que operam na valorização e desvalorização de certos corpos e identidades. Assim, não se trata do genital, mas dos interesses políticos violentos que se anexam aos sexuais.

No próximo e último capítulo, procurarei dar continuidade às contradições no CAM4: a partir de notas etnográficas das categorias em foco, analisarei os distintos conservadorismos colocados pelas muitas desigualdades e ausências no CAM4, ainda que coexistam com a sua enorme potencialidade subversiva.

## 6 “CENTENAS DE PESSOAS ONLINE”, MAS NEM TANTAS: DESIGUALDADES E AUSÊNCIAS NA PORNOGRAFIA *LIVE STREAMING*

*A pornografia tem a intenção manifesta de dizer alguma coisa.*

Marc Chabot

“Um terreno minado por paradoxos, ambiguidades, intersecções, oposições, cruzamentos, que talvez melhor se defina como um fascinante labirinto.” É assim que Abreu (1996) define a pornografia no início do seu “Olhar pornô”, uma obra pioneira sobre o assunto no Brasil e uma das primeiras que acessei quando decidi mergulhar no tema. Se, como procurei demonstrar até aqui, o pornô *live streaming* descortina algumas emblemáticas transformações na pornografia – marcadas, em grande medida, pela ânsia por uma experiência que seja autêntica e íntima, pela difusão do acesso à internet e das ferramentas multimídia e pela resistência a certos códigos pornográficos –, essas mais expandem e complexificam o seu tradicional labirinto do que o encurtam e simplificam. Seria, assim, impossível definir os usos da plataforma CAM4 com qualquer rigidez ou fechamento: como um sofisticado campo de disputas políticas, há subversões e conservadorismos que coexistem e se confrontam em dinâmicas que escapam a expectativas binárias e simplistas que buscariam localizá-la como um pornô bonzinho ou malvado. Não é por acaso, portanto, que se trate de uma arena produtiva para pensar a sociedade e as suas tensões.

Olhar para a pornografia a partir de uma única categoria de diferenciação – como a de gênero (embora, na prática de alguns estudos, essa poderia muito bem ser substituída por “mulheres brancas, heterossexuais e cisgêneras”) – e ignorar a sua intersecção com outras deixaria de lado as formas a partir das quais o pornô produz diferenças, isto é, as formas como os sujeitos são constituídos de maneiras distintas desde uma experiência com a pornografia e como essa constituição é passível de produzir desigualdades (PISCITELLI, 2008).

Neste capítulo final, não é a minha intenção dar conta de todas as diferenças neste contexto transcontinental que envolve a interação de milhares de pessoas, pois essa seria uma tarefa impossível para as propostas deste estudo, mas sim apresentar alguns dados da etnografia que fizeram com que me deparasse com

algumas dessas questões, bem como problematizar determinadas ausências que se colocaram sobre eles.

### 6.1 A categoria *Trans* no CAM4

A categoria *Trans*, na forma como é anunciada na plataforma CAM4, poderia ser definida, grosseiramente, como um “terceiro gênero”: seus usuários e suas usuárias podem definir-se como mulheres, como homens *ou* como transgêneros. É verdade que pessoas trans podem declarar-se mulheres ou homens para serem localizadas entre as categorias do binário; apesar disso, não vi nenhuma naqueles espaços, pelo menos não de forma anunciada ou reconhecível. A categoria *Trans* opera tanto na versão do CAM4 em língua portuguesa como na versão em língua inglesa; no entanto, em sua versão em inglês e até muito recentemente<sup>67</sup>, a categoria costumava ser chamada de *shemale*<sup>68</sup>, como é possível verificar no endereço, que mostra o nome do diretório original.

Essas categorias, da maneira como são posicionadas na plataforma, não podem passar despercebidas: como procurei aprofundar desde o início deste trabalho, a categorização, enquanto matriz de toda a lógica moderna, produziu saberes específicos sobre o corpo e sobre o sexo a partir dos quais diversos discursos legitimadores de poder puderam se concretizar (FOUCAULT, 2014). A pornografia, por seu turno, como um importante dispositivo para a criação e difusão dessas classificações, manteve estreita relação com categorias originárias no discurso da ciência; porém, ao mesmo tempo, lançou mão de muitas categorias novas de origem nativa ou regional, que podem surgir ou não por meio de *tags*. As classificações em torno do trânsito de gênero são um bom exemplo: ao mesmo tempo em que as categorias originárias do discurso médico, tais como hermafrodita, andrógono ou transexuais, são muito comumente encontradas; é também possível encontrar conteúdos categorizados como travestis, *trannys*<sup>69</sup>, *cross-dresser* ou *shemale*. Por outro lado, muitas categorizações tradicionalmente tomadas como médicas também podem associar-se a categorizações de cunho místico ou religioso (LEITE JR., 2012).

---

<sup>67</sup> A mudança foi feita durante o período desta pesquisa.

<sup>68</sup> *Shemale* é um termo em inglês que joga com a junção de *she* – “ela”, em português – e *male* – “masculino”, em português.

<sup>69</sup> *Tranny* usualmente designa transexual ou travesti.

Segundo Leite Jr. (2012), *shemale* é um termo que, no século XIX, se referia pejorativamente a mulheres vistas como masculinizadas e, gradualmente, foi sendo apropriado pela indústria pornô dos EUA para designar as mulheres transexuais, isto é, mulheres cujo gênero designado no nascimento não é aquele com o qual se identificam. Muitas pessoas o consideram ofensivo, argumentando que debocha ou desrespeita a identidade de gênero ao destacar o genital e não o gênero. Trans, por seu turno, é abreviação para transexual, uma categoria originalmente médica para o chamado “transtorno de gênero”, que, para a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2010), é uma doença mental que pressupõe um tratamento supostamente válido para qualquer sujeito diagnosticado como tal.

Apesar das origens de ambos os termos, seria incerto afirmar que a pornografia opera simplesmente como um reproduzidor semântico dos seus usos mais tradicionais – é preciso considerar a potencialidade *produtiva* do discurso pornográfico na apropriação desse léxico: a disposição das categorias *Homens*, *Mulheres* e *Trans* no CAM4, bem como a recente mudança de *Shemale* para *Trans* na versão original em língua inglesa, produz sujeitos e experiências particulares no contexto da pornografia *live streaming*.

#### 6.1.1 O paradigma do pênis: sweetheart5 e SelfsuckQUEEN

O isolamento da categoria *Trans* com relação a de *Homens* e *Mulheres*, como indiquei no início deste item, coloca a identificação como um “terceiro gênero”. No entanto, essa localização não parece ter a ver com uma crítica aos binarismos nas expressões de gênero, especialmente considerando a categoria anterior, *Shemale*. Trata-se, antes, de uma associação entre uma compreensão particular de corpo e uma leitura especial de gênero. Assim, na medida em que se possui um corpo atribuído como um de “fêmea”, se é mulher; na medida em que se tem um corpo atribuído como um de “macho”, se é homem. Neste sentido, a identidade de gênero é essencializada numa realidade biológica que não se reconhece passível de transformação histórica e cultural, questão radicalmente criticada pela Teoria *Queer*, a partir da qual se assume que só é possível apreender qualquer materialidade nos corpos através do discurso, não havendo qualquer naturalidade nas experiências de gênero (SALIH, 2013).

No caso da categoria *Trans* no CAM4, esse corpo é lido, majoritariamente, a partir do genital: se tem pênis, ainda que todo o resto do corpo seja interpretado

como um de mulher, não poderá estar na categoria *Mulheres*, mas sim *Trans*. As usuárias da plataforma não poderão, portanto, se identificar como mulheres, mas sim como transgêneros. No site, as categorias não podem se interseccionar. Não trago este exemplo por acaso: apesar da plataforma ter mudado o nome da categoria de *Shemale* para *Trans*, eu só vi, durante todo o tempo de pesquisa, mulheres trans ou travestis a ocupando. Uma delas, por exemplo, era *sweetheart5*. Da Colômbia, a *modelo* tinha *cinco estrelas* na plataforma e já tinha ganhado dois prêmios do site. Como a ampla maioria das *performers* trans, *sweetheart5* era branca, depilada e magra, mas diferenciava-se de quase todas as demais *modelos* trans que vi por ser muito nova: ela declarava ter 18 anos e toda a sua autopromoção parecia voltada a sua idade: no perfil, ela apresentava-se em inglês pouco fluente dizendo que estava no ensino médio e que morava com a sua mãe. A maioria das *performers* trans tinha entre 25 e 35 anos, sendo que muitas tinham mais de 40.

No perfil de *sweetheart5*, também era possível ver os muitos comentários que havia recebido – alguns de outras *modelos* da plataforma que elogiam suas transmissões, outras de homens. Um deles me chamou a atenção: dos EUA e de *nickname* *yourtony099*, fazia verdadeiras declarações à *modelo*: dizia que a amava, que nada era sem ela, que vivia para servi-la, que necessitava estar de volta aos braços dela, que seu coração seria dela pela eternidade, etc. As mensagens eram muitas e se distribuía por vários meses. Em seu perfil, ele afirmava ter 26 anos e mostrava algumas fotos, mas apenas de rosto.

Nas transmissões, *sweetheart5* se declarava uma "*ladyboy*<sup>70</sup> gracinha" (em inglês, "*cute ladyboy*"), e se apresentava sempre com roupas casuais. Em um dos seus *shows*, ela aparecia com os cabelos longos alisados e pintados de ruivo acaju e uma maquiagem discreta, mas que destacava os grandes olhos castanhos. Usava uma blusa colorida e um shorts cor-de-rosa. O quarto era simples, com uma cama de casal de madeira escura e adesivos decorativos nas paredes pintadas de coral. *sweetheart5* parecia ser, de fato, muito jovem, e só não mantive a desconfiança de que tivesse menos de 18 anos em função da evidente hormonização, ainda que ela aparentemente não tivesse feito qualquer cirurgia (tais como implante de silicone

---

<sup>70</sup> *Ladyboy* é um termo tradicionalmente utilizado para designar asiáticas jovens e trans. Na pornografia, contudo, *ladyboy* frequentemente faz referência apenas a jovens trans sem o necessário recorte regional.

nos seios), e do corpo tatuado: ela tinha uma grande tatuagem no peito, que nunca pude saber o que era, pois nunca a via sem a blusa, e um grande tope cor-de-rosa tatuado no quadril. Na descrição do seu *show*, ela cobrava 25 *tokens* por qualquer pedido e se apresentava como uma "ladyboy bonitinha com tesão e um pau duro".

Alguns dos participantes perguntavam se ela era "ativa ou passiva" e se "fodia homens"; no entanto, a maioria dos diálogos giravam em torno de elogios a ela – a chamavam de linda, de doce –, pedidos para que mostrasse o corpo – o pênis, mais frequentemente; a bunda, menos frequentemente; os seios, raramente – e apresentações que acompanhavam o país de onde os participantes falavam – muitos diziam estar em algum país da Europa ou nos EUA.

sweetheart5 sabia negociar e em meia hora de transmissão já tinha metade dos 200 *tokens* que havia estipulado como *objetivo*. Seu primeiro *tipper* era dos EUA, usava o *nickname* Slydrako e mandou 30 *tokens*. Após agradecer, batendo palmas e sorrindo o aparelho fixo nos dentes, ela perguntou se ele queria que ela mostrasse "a bunda ou o pau". Muitos participantes escreveram "pau" como se fizessem parte de uma torcida organizada. A *modelo* avisou que apenas Slydrako poderia decidir. Ele, então, escolheu pelo pênis; porém, depois, disse que preferia ambos, enviando mais uma *gorjeta* de 20 *tokens*. Muito à vontade e segura, ela pediu licença para "ir fazer xixi", quando muitos pediram que ela urinasse para eles na *webcam*. Ela riu para todos, saiu do quarto, voltou e se posicionou virada para a câmera com o quadril inclinado para cima. sweetheart5, então, começou a se masturbar, tocando o pênis, os testículos e o ânus. Mais tarde, ela mostrou dois *toys* – ambos cor-de-rosa, um verdadeiramente longo e outro curto – para negociar com os participantes o restante dos *tokens* em troca de penetrá-los em si. (DC, 28.03.2016)

Apesar da idade, as transmissões de sweetheart5 tinham muito em comum com as demais. Para além de, como já referido, a ampla maioria das *performers* serem brancas e magras e muitas delas terem o que se chama de "passabilidade cis" – que, grosso modo, pode ser entendida como uma invisibilidade da transgeneridade na medida em que a pessoa "se passa" por cisgênera<sup>71</sup> –, é clara a centralidade do pênis nas transmissões; uma centralidade que chama atenção na medida em que não se poderia comparar à centralidade dada ao órgão na categoria

---

<sup>71</sup> Ver a autoetnografia de Vergueiro (2015), que faz uma ampla análise sobre as implicações políticas da passabilidade.

*Homens*, tampouco poderia se comparar à atenção dada à vagina na categoria *Mulheres*. Grande parte dos *shows* das *modelos* trans investia em uma exposição constante do órgão; as *modelos* mais populares eram não apenas aquelas com uma certa aparência geral, mas com um pênis grande e uma boa capacidade de ereção; e as práticas sexuais negociadas usualmente o envolviam. SelvesuckQUEEN, por exemplo, uma *modelo* filipina, escolheu seu próprio *nickname* em inspiração a prática de fazer sexo oral em si mesma. Magra, com cabelos lisos e castanhos e próteses de silicone nos seios, ela se promovia como "sua asiática que fará sua fantasia completa. Me deixe conquistar sua imaginação ao que nos equilibramos em sua imaginação mais quente...". Em uma das suas transmissões, com um *objetivo* alto em comparação a outras *modelos* trans (700 *tokens*), ela usava uma roupa feita de faixas de couro preta com flores bordadas que deixava o pênis e os testículos à mostra. (DC, 02.02.2016)

A valorização do pênis nas transmissões evidencia o poder da pornografia enquanto uma tecnologia de gênero e de sexo (DE LAURETIS, 1994): a forma como ela organiza os corpos das trans produz o pênis como um local de prazer bem mais relevante do que qualquer outra parte de seus corpos e o coloca, simultaneamente, como o centro de sua construção identitária. Ao mesmo tempo em que isso as torna "especiais" com relação às mulheres cisgêneras no CAM4, também as deprecia num contexto de mercado sexual: a quantidade de *tokens* recebidos pelas *modelos* mais populares da categoria *Trans* era sempre significativamente menor do que os recebidos pelas *modelos* da categoria *Mulheres* (supostamente cisgêneras) durante todo o período desta etnografia.

#### 6.1.2 Mulheres trans, travestis e as relações Norte-Sul: pornografia *live streaming* e turismo sexual

É importante destacar a frequência com que os participantes informavam às *performers* trans sobre o país de onde falavam em um tipo de apresentação e interação que não verifiquei em outras categorias e que estava sempre marcado por uma diferença fundamental: os homens falavam de países comumente associados ao "desenvolvimento" – EUA, por exemplo, ou algum país da União Européia – e as *modelos* falavam de países majoritariamente localizados na América Central, América do Sul e países ao Sul da Ásia – principalmente Filipinas e Colômbia. Em muitos casos (como em uma transmissão da *modelo* trans Sexylang, discutida no

capítulo anterior), os participantes chegavam a pedir para as *modelos* mudarem-se para seus países e se casarem com eles.

Considero que essas interações estão associadas, em grande medida, com uma relação entre a pornografia *live streaming* e outros mercados do sexo, especialmente aqueles que se agregam ao turismo sexual, e que envolve a imbricação não apenas de noções de sexualidade e gênero das mulheres trans e das travestis, mas também de noções de raça, etnicidade e nacionalidade situadas no marco de desigualdades entre Norte e Sul.

Piscitelli (2008) aponta, em uma análise sobre a experiência de migrantes brasileiras, que mulheres dos países dos trópicos (particularmente Brasil, Colômbia e Cuba) são associadas a imagens sexualizadas e racializadas que se sustentam em muitas ideias, entre elas a noção de que são mais dispostas e disponíveis sexualmente, mais propensas à prostituição, mais submissas e mais domésticas. Sugiro que, quando se trata de mulheres trans e travestis localizadas nos países do Sul, essas associações são ainda mais frequentes e abertas, o que leva às interações que presenciei durante a etnografia.

#### 6.1.3 SelvesuckQUEEN e TransExotik: afirmando identidades de gênero no CAM4

Foi sempre muito difícil saber como as *modelos* se identificavam – se se declararam transexuais, travestis – no caso das latino-americanas, ao menos<sup>72</sup> –, se utilizavam algum outro localizador de gênero ou, ainda, se não utilizavam nenhum. Isso se deve ao fato de que a plataforma só permite que a pessoa se declare “homem”, “mulher” ou “transgênero”<sup>73</sup>. No entanto, eu também notei, em algumas ocasiões, pouca importância dada a esses marcadores ou, no mínimo, alguma confusão no que se refere a orientação sexual e identidade de gênero: muitas *modelos* se identificavam como gays, por exemplo, ainda que se relacionassem com homens. Por outro lado, a orientação sexual também foi mencionada, em algumas situações, para afirmação de uma identidade de gênero: quando questionada no *Questionário de sexo* sobre qual parceiro ela mais gostaria de fazer sexo, SelvesuckQUEEN, por exemplo, respondeu que “com homens heterossexuais, é

<sup>72</sup> Em sua pesquisa precursora, Don Kulick (2008) identifica que travesti é uma identidade latino-americana. Dessa forma, enquanto uma classificação, trata-se de um termo local.

<sup>73</sup> Essa foi uma dificuldade particular na escrita desta etnografia. Por razões políticas, optei por não referir às *modelos* como “transgêneros” (a categoria, no site, chama o masculino), mas como mulheres trans ou travestis. Entendo, porém, que há uma grande diversidade de identificações trans além dessas duas, mas que eu não poderia ter acesso em função da taxonomia do sistema.

claro”. Ela não falou em homens quaisquer, nem evocou qualificações específicas: seu maior desejo era transar com homens que fossem heterossexuais, possivelmente porque, na dinâmica relacional, ela estaria seguramente sendo encarada como mulher.

Apesar dessas questões, fui também surpreendida por TransExotik, uma transexual brasileira. Quando acessei a sua *webcam* pela primeira vez, vi que a câmera enquadrava seu rosto e que ela falava de forma muito eloquente. Na ocasião, já era madrugada e havia 21 pessoas no seu *show*; quando a *modelo* foi embora, havia 14. TransExotik usava óculos grandes e redondos e vestia uma blusa preta que expunha o ombro com uma enorme flor tatuada. Os cabelos eram loiros com as raízes escuras e formavam longos *dreads*.

TransExotik não tinha um *objetivo* nem somava *gorjetas* – no entanto, na descrição de sua *webcam*, ela oferecia um *show* privado "perfeito" no Skype por 1000 *tokens*. Naquela transmissão ela não falava sobre o seu *show* privado, mas sobre a sociedade cis e heteronormativa<sup>74</sup>. Ela explicava para os participantes que era uma mulher trans e o que era aquilo – nos termos dela, ela havia nascido "com uma cabeça de mulher". Ela dizia que algumas mulheres nasciam e reconheciam, no seu corpo, o seu gênero: “nasce tudo certinho, tudo nos eixos, tudo nos lugares” – mas que aquele não era o caso dela. Que ela havia passado por “muitas dúvidas, muitas decepções”, mas que, naquele momento, as coisas estavam “muito definidas” na cabeça dela. Ela contou que, “na infância”, essas coisas não existiam: “Não sabia o que era um homossexual quanto mais uma transex [...] Eu estudei sozinha, me autodescobrindo.” Ela explicou, também, porque um homem interessado por uma mulher transexual não é gay: “Um homem que é hétero sendo penetrado? Como assim, não dá. Lógico que ele é hétero. Essas são questões de desejos e prazeres entre as pessoas [...] As pessoas deixam de viver coisas gostosas e boas por ditaduras sociais que colocam na nossa cabeça, por achar que o sexo é certo, errado. Existe uma coisa chamada sociedade heteronormativa. O que é isso?” Ela, então, se colocava a explicar.

Interessante que, assim que acessei a câmera, algumas mensagens chegavam até ela com teor pornográfico, todas em português: jonas\_21 perguntava se "16 cm de pau" era "grande ou pequeno"; Maudafita dizia que "em Portugal fazias muitos

---

<sup>74</sup> Sobre cisnormatividade, ler Vergueiro (2015).

*tokens!*"; BrughSoul pedia: "Manda um beijo pra mim, gostosa(o)". A medida que ela avançava o discurso, porém, as abordagens sexuais cessavam e fui notando uma surpresa coletiva – mobilizadora, talvez – por parte dos participantes com relação à *performer*: brtaras3 perguntou: "você é formada?"; Magnata2009, por seu turno, exclamou: "UAAAAL, parabéns! Você me explicou tudo direitinho! Você é professora? Trabalha com o quê?" Ela contou, então, que chegou a um amadurecimento de vida que a "formação e essas coisas" eram supérfluas para ela. Os participantes continuavam elogiando: magnata2009 dizia: "como disse o mano acima você é muito bem esclarecida! Demais, demais..." rafa288, por seu turno, comentou: "Gostei, muito esclarecedora sua explicação. Obrigado!"

Eles continuavam insistindo sobre o que ela fazia. magnata2009 perguntou: "faz o que da vida além de dar uma aula muito boa sobre sexualidade e seus afins?". Ela então respondeu que estudava gestão de recursos humanos e que trabalhava representando uma marca. magnata2009 não continha a emoção: "parabéns! O que falar sobre você que mal conheço e já gostei tanto?!" Ela respondeu, então, que estava feliz que eles gostaram e que "deixo isso para vocês como lição, como aprendizado." "Não se deixem levar por preconceito. Se olharem uma trans, não coloquem sua heterossexualidade como ameaçada. Não propaguem o preconceito". (DC, 02.02.2016)

Não é como se TransExotik não fizesse seus *shows* pornográficos, também não como se a sexualidade prática não pudesse ser política; porém, é interessante como muitos brasileiros acessaram a sua transmissão, possivelmente em busca da pornografia, a acabaram envolvidos com a comunicação de tal forma que não aceitavam a sua resistência por conhece-la um pouco melhor: queriam saber qual era sua ocupação, se ela já havia frequentado uma faculdade, e agradeciam múltiplas vezes por suas explicações. Para além dos termos altamente tensionados na militância trans – tais como as diferenças entre heteronormatividade e cisnormatividade (VERGUEIRO, 2015), a patologização das identidades trans a partir do "cérebro no corpo errado" (BENTO, 2006), ou dos tensionamentos em torno da categoria transex (ANDRADE, 2015) –, a tecnologia da pornografia acabou sendo utilizada contra a maior parte de seus pressupostos mais tradicionais, nas trilhas de Preciado (2007; 2014), ao mesmo tempo em que descortinou a expectativa de intimidade a partir da sensação de autenticidade, própria do espaço e muito bem marcada neste caso (PATTERSON, 2004).

#### 6.1.4 A ausência dos homens trans no CAM4

Finalmente, não poderia deixar de discutir a total ausência dos homens trans na categoria *Trans*. Eles não apenas estiveram ausentes ali, como estiveram aparentemente ausentes também na categoria *Homens*. É verdade que, mesmo em plataformas abertas ao *netporn* não *live streaming*, tais como o Pornhub, não são muitos os vídeos que os apresentam: buscando por palavras-chave tais como “*transman*” ou “*FTM*”<sup>75</sup> não se encontram muito mais de 200 vídeos, sendo muitos deles estrelados pelo *porn star* Buck Angel. Se se busca apenas por “trans” ou derivados, os resultados aumentam para mais de mil, mas com vídeos que mostram majoritariamente mulheres transexuais; se, por outro lado, se busca por “*shemale*”, os resultados somam mais de 40.000 vídeos.

Muito se tem discutido sobre a necessidade do reconhecimento das pautas específicas dos homens trans, nas quais se incluem a invisibilidade e o silenciamento de sua sexualidade. Vasconcelos (2014), em seu estudo sobre transmasculinidades, sugere que a questão esteja relacionada à mesma expectativa social que informa que a sexualidade feminina será pauta apenas quando fizer referência à saúde reprodutiva e à constituição familiar:

Sobre o prazer a atividade sexual de mulheres (cis), descrever-se-a em relação ao homem, como o oposto complementar e necessário. **Ficando assim silenciados e interditos os prazeres femininos solitários, as relações sem a presença do falo, ou mesmo a possibilidade de iniciativas sexuais femininas sem fins reprodutivos.** (VASCONCELOS, 2014, p. 102-103, grifo meu)

De fato, não se pode negar os efeitos de um discurso que historicamente colocou o sexo desde uma perspectiva masculina particular – machista, racista e hetero-cisnormativa – e que o desenhou desde seus interesses. A sexualidade dos homens trans, então, seria “interdita e silenciada”, nos termos de Vasconcelos

---

<sup>75</sup> *FTM* é um acrônimo para *female to male*, que, em português, pode ser traduzido para “mulher-para-homem”. Os estudos e ativismos *queer* têm recentemente criticado a expressão, bem como o contrário *male to female* ou “homem-para-mulher”, em função de terem sido fundadas sobre a ideia de que se faz gênero somente a partir do chamado “processo de transição” (que pode envolver, por exemplo, tratamentos hormonais ou cirurgias como a mastectomia ou a redesignação genital) e de que há um sexo natural ou um gênero dado de antemão. O argumento das pessoas trans a este respeito é o de que sempre foram o que são e que o processo de transição serve para a leitura social de suas identidades de gênero e não para a sua constituição. Apesar disso, a expressão *FTM* é comum em espaços de produção online colaborativa – não somente em plataformas de pornografia, mas também em outras mídias digitais, tais como o Instagram –, especialmente como uma *tag* utilizada por homens trans para facilitar a localização de seu conteúdo por outras pessoas, ainda que eles estejam atentos a essas críticas.

(2014), na medida em que não se colocaria para esses interesses, seja nos casos em que esses homens estão se relacionando com mulheres, seja no caso em que se relacionam com homens, sejam essas parceiras ou parceiros cis ou transexuais.

No entanto, no tocante à pornografia, é preciso considerar as diferenças entre as invisibilidades: seria desonesto afirmar que aquela que toca os homens trans é a mesma que toca os prazeres da masturbação feminina ou as relações lésbicas; e não me refiro aqui a pornografias que apresentam mulheres se masturbando ou relacionando-se sexualmente para a excitação de homens heterossexuais ou bissexuais: embora essas sejam muito comuns, já existem muitos vídeos feitos especialmente para mulheres e orientados sexualmente de forma diversa (ver capítulo 2 e 3). Neste contexto, é também preciso considerar a enorme diferença com relação a pornografias que apresentam homens e que são voltadas especialmente para outros homens homossexuais ou bissexuais, mas que também são frequentemente consumidas por mulheres. Assim, a ausência dos homens trans na pornografia estaria apenas parcialmente justificada.

Algumas análises também explicam a invisibilidade da sexualidade dos homens trans a partir do que se chama de falocentrismo. Nas palavras de Almeida (2012, p. 519),

“O olhar falocêntrico [...] impregna as representações sobre a experiência masculina. Nesse sentido, é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis”.

Uma vez que o sexo se constrói em torno do falo, os homens trans teriam sua sexualidade silenciada. Mas isso ocorre somente na medida em que o falo e o pênis – na sua “materialidade” e “originalidade”, nos termos de Almeida (2012) – são subtraídos a uma mesma noção e que, ao mesmo tempo, atribui-se um sentido estático e naturalizado à inteligibilidade do pênis. Essa agregação e concessão semântica, porém, tem sido criticada por muitas teorias e ativismos *queer*, preocupados com os seus perigosos desdobramentos políticos.

Butler (1993), em uma revisão da “inveja do pênis” freudiana, propõe que os homens constantemente se associam a um ideal de falo precisamente porque o que possuem é um pênis e não um falo, sentindo-se forçados a provar sua virilidade permanente e frustrantemente. O pênis e o falo, portanto, jamais poderiam dar no mesmo. Não obstante, Preciado (2014), fazendo uma revisão bibliográfica sobre o

tema, denuncia uma necessidade que vá além de uma simples dissociação dos termos, justamente porque essa diferença não tem operado na prática. Para ele, “toda representação do falo é considerada sinônimo do retorno do poder heterossexista sobre a mulher”; portanto, “o falo não é senão uma hipótese do pênis” (2014, p. 77,78). Dessa forma, para o filósofo, ainda que haja um tradicional esforço teórico de marcação de diferenças – um esforço *queer*, inclusive, de crítica ao heterocentrismo presente nas clássicas dissociações (DE LAURETIS, 1994) –, talvez seja o momento de criticar o controverso termo de forma mais radical: “digamos de uma vez por todas, [o falo] não existe. [...] A chamada diferença sexual ‘natural’ e a ordem simbólica que dela parece derivar não passam de uma questão de centímetros” (PRECIADO, 2014, p. 78). Esse aparente abandono léxico, no entanto, tem efeitos importantes na compreensão do problema em debate.

Se, de acordo com Preciado, o dildo provoca tanta gente justamente porque denuncia que o falo não pertence a um certo pênis – ao mesmo tempo em que ironicamente não pertence a coisa alguma –, as transmasculinidades poderão provocar de modo semelhante e ainda mais ameaçador: já não se trata apenas do “novo sexo-de-plástico” (PRECIADO, 2014, p. 83) que se coloca entre o pênis e o sonhado falo, mas de um conjunto de tecnologias farmacológicas que colocam o próprio pênis entre o pênis e o falo: como em uma paródia das verdades biológicas sobre o corpo no centro do saber-poder (FOUCAULT, 2014), os homens trans e seus pênis sequestram o discurso até então tão intocado da essencialidade e o aniquilam.

É provável, portanto, que a invisibilidade da sexualidade dos homens trans na pornografia não se deva tanto à ausência de um falo, mas sim à sua aterrorizante desterritorialização: para além da suposta ausência de um pênis, o que há é a dissolução de um órgão sexual tomado como “autêntico” e essencializado. Nesse sentido, a normatividade operaria fundamentalmente a partir do medo do que potencialmente substitui e a falta comporia, na verdade, a estratégia de um discurso político para a produção da exclusão, segundo o qual o que os homens trans têm é exclusivamente um clitóris e jamais um pênis. Dessa forma, a produção do corpo do homem trans como pornográfico viria ao custo do seu reconhecimento como um “homem com vagina”, tal como Buck Angel se autodeclara (NICHOLS, 2016) e que possivelmente permeia sua excepcional visibilidade nesse campo discursivo.

Outra possível razão para a ausência dos homens trans na pornografia, especialmente no que tange o pornô amador do *do it yourself*, pode estar relacionada a uma cristalização, no imaginário heterossexual, da mulher enquanto sujeito pornográfico central e do homem enquanto seu espectador e agente principal. Estar presente na pornografia, mas “fora da cena” – isto é, assistindo –, faria parte uma “experienciação do lugar masculino” (VASCONCELOS, 2014). Esse deslocamento, por seu turno, seria levado a um extremo na medida em que também se contraporía a uma afirmação de um não lugar de pertencimento: aquele que está “em cena”, tradicionalmente o lugar das mulheres. Dessa forma, o afastamento das lentes do registro pornográfico efetivamente afirmaria a masculinidade ao mesmo tempo, mas em processos distintos, em que rejeitaria uma associação a um lugar que é institucionalizado como o da mulher, como discutirei a seguir.

## **6.2 Mulheres são bem-vindas, desde que sejam *camgirls*: quando mulheres consomem e negociam pornografia no CAM4**

Algumas transformações nas formas de produção e distribuição do conteúdo pornô apontam para uma grande mudança na experiência das mulheres na produção da pornografia, e esse aspecto mostrou-se claro nas interações *live streaming* no CAM4, como penso ter mostrado no decorrer desta pesquisa etnográfica. O acesso mais amplo à tecnologia e à internet, bem como a expectativa pelo autêntico e pela intimidade, produzem toda uma reconversão pelas mulheres na economia da sexualidade: no controle da pornografia – não apenas na definição e restrição das práticas, mas também na autoridade concreta que possuem em suas transmissões –, elas se tornam verdadeiras agentes da produção sexual, ressignificando o sexo, o dinheiro, a tecnologia e o afeto em modos diversos de negociação que operam uma variedade de lógicas de disputa. Durante todo o trabalho de campo, foi frequente encontrar *shows* que possuíam não apenas poucos recursos de ordem técnica, mas que se caracterizavam por mulheres muito diferentes daquelas frequentemente encontradas nas produções da pornografia moderna: no CAM4, a maioria usa pouca ou nenhuma maquiagem e raríssimas *modelos* aparentam intervenções cirúrgicas no corpo tais como próteses de silicone nas mamas. Além disso, sempre verifiquei uma razoável variedade de corpos: ainda que as mulheres magras (altas ou baixas) retivessem, em geral, mais acessos e *gorjetas*, não era incomum ver *modelos* gordinhas bem sucedidas na sessão de

*Destaques*, um dado que está consoante com levantamentos em outras plataformas pornô colaborativas<sup>76</sup>. Os únicos corpos que vi com menos frequência eram os super-atléticos – do tipo “gostosona” – e os muitos gordos, embora não estivessem ausentes de um modo geral. No CAM4, *performers* podem identificar seus corpos como “magro/pequeno”, “atético”, “médio”, “mais que médio” e “grande”. Contudo, apesar desses deslocamentos, o acesso das mulheres à plataforma como participantes de transmissões que não sejam suas – negociando e assistindo a imagens de *webcams* disponibilizadas por outras pessoas – ainda é um terreno inseguro no CAM4.

Muitos levantamentos apontam para um grande crescimento do consumo de pornografia por parte das mulheres: alguns estimam que elas representem de 1/3 a 1/5<sup>77</sup> de todo o público consumidor; apontando que a ampla maioria não somente assiste a esse tipo de material<sup>78</sup>, como também compõe a maioria das pessoas que o disponibiliza na internet<sup>79</sup>. Uma vez que a proposta deste estudo não poderia dar conta de um levantamento de valor estatístico, não seria possível afirmar em que medida, em termos quantitativos, a experiência das mulheres no CAM4 nesse sentido se aproximaria ou se afastaria dessa literatura; contudo, alguns dos dados etnográficos dão pistas nessa direção, em particular os coletados em um dos *shows* de Yours\_Fantasy, um casal branco e magro da Romênia.

Havia quase 1.700 usuários na ocasião e os rostos dos *performers* apareciam pouquíssimo. A *modelo* tinha os cabelos longos, loiros e superlisos presos em um rabo de cavalo e usava um esmalte azul nas unhas compridas. Um pequeno *piercing* no umbigo, uma pulseira dourada e uma gargantilha fina eram os únicos acessórios que usava. O *modelo*, por seu turno, tinha cabelos curtos e castanhos e também estava nu. O espaço era claro e via-se apenas a cabeceira da cama de metal preto, encoberta por travesseiros superbrancos. Os *modelos* eram avaliados em quase

---

<sup>76</sup> De acordo com um levantamento feito pelo site Pornhub (WHAT..., 2014), a categoria BBW (um acrônimo para *Big Beautiful Woman*, traduzido, em português, Linda Mulher Grande), que destaca mulheres gordas, está entre as mais acessadas da plataforma.

<sup>77</sup> Disponível em: <http://internet-filter-review.toptenreviews.com/internet-pornography-statistics.html>. Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>78</sup> Um estudo conduzido por Marie Clare (2015), apontou que 31% das mulheres assistem pornografia pelo menos uma vez por semana, enquanto 30% afirma que assiste a materiais do tipo pelo menos algumas vezes por mês, totalizando quase 2 terços dessa população. Dessas, 62% assistem pornografia em seus smartphones, sendo que 90% acessa apenas pornografia online, 75% desse total em websites gratuitos.

<sup>79</sup> Em 2013, o site Homegrown Video catalogou que 56,9% do conteúdo pornô caseiro ou amador são postados por mulheres (PÁTARO, 2014).

*cinco estrelas* e apresentavam, como legenda da transmissão, um cumprimento: "Olá, mandem gorjetas se vocês gostarem de nós... Privado se vocês nos amarem... Aumentos são bem-vindos". No objetivo daquele *show* em especial não havia um valor em *tips*, mas apenas a mensagem "*anal show*".

A *modelo* deitou de costas na borda da cama – a câmera a filmava de baixo, de forma que era possível enxergar a parte de trás das coxas, a vulva inteiramente depilada, o ânus em destaque e o desenho das nádegas magras ao alto. O *modelo* tinha o pênis ereto e logo começou a penetrá-la no ânus em um *show* consistente e constante. A transmissão estava cheia e os participantes elogiavam a bunda da *modelo*, principalmente. Os pedidos, por seu turno, concentravam-se no sexo vaginal: jubby01 pedia "foda na buceta"; Olesalyne juntou-se a ele e também pediu: "agora, na buceta". Apesar dos pedidos, a única prática que vi o casal fazendo foi o sexo anal – a promessa do *show*, afinal. A impressão que tive foi que os *performers*, neste caso, estavam mais preocupados em se relacionarem um com o outro desde motivações eróticas suas do que propriamente negociar qualquer coisa com quem os estivesse assistindo.

Havia uma quantidade maior de mulheres interagindo nessa transmissão do que o usual, ainda que fossem poucas com relação à quantidade de perfis declaradamente masculinos comentando e fazendo pedidos na caixa de bate-papo. Uma delas era crysyan69, uma mulher dos EUA que se declarava bissexual, comprometida e com 35 anos. Sua ocupação: "Dizer às pessoas o que fazer". crysyan69 era membro do CAM4 desde a metade de 2013 e também tinha transmitido a última vez fazia bastante tempo: o último *show* acontecera em março de 2015. Ela tinha muitas fotos no perfil: a foto principal mostrava o seu rosto e o busto parcialmente coberto por um pequeno sutiã. crysyan69 tinha a pele branca, cabelo liso e castanho-claro e um rosto levemente rechonchudo; o nariz e a boca eram suaves e ela usava um óculos com armação preta. Nas demais fotos, que totalizavam 18 imagens, via-se todo o seu corpo: havia três em que ela aparecia fazendo sexo oral em seu namorado, que mostrava apenas o pênis circuncisado e ereto: em uma delas, estava deitada com o pênis esticado sobre o rosto enquanto lambia os testículos; na segunda, ela aparecia lambendo a base do pênis; na terceira, a foto mostrava a *modelo* segurando o pênis e exibindo um rastro de saliva entre a sua boca e o órgão do parceiro. Havia muitas imagens dos seus grandes seios cheios de *piercings*; uma foto da bunda com uma calcinha bastante fechada

cor-de-rosa puá; outra, da vulva, bem depilada. Havia algumas fotos do rosto, algumas fotos do corpo inteiro, inclusive da barriga, também um pouco maior. O perfil era bastante completo: ela havia escrito um texto curto de apresentação em que dizia que amava a vida, que amava ser amada e erotizada por seu namorado Rick; que adorava esfregar os mamilos contra outras mulheres enquanto elas estavam se beijando. No *Questionário de sexo*, ela dizia que não gostava de ciber-sexo, que amava *sex toys*, que preferia fazer sexo oral do que receber, que amava sexo anal e que até gostava de filmes pornográficos, mas que preferia a *live cam* e, por isso, havia entrado no CAM4.

Durante a transmissão de Yours\_Fantasy, crysyan69 comentou que esperava que o *modelo* gozasse na parceira, que o *show* estava ótimo e que eles eram ótimos juntos. Não demorou para que muitos homens fossem falar com ela. Rambostalon a cumprimentou e perguntou se ela estava excitada. Ela o cumprimentou de volta educadamente, mas respondeu de forma indiferente que “sim”, que estava “curtindo o *show*”. Ele perguntou, então, se ela estava com a *webcam* aberta, ao que ela respondeu que não. Ele insistiu, perguntando se ela fazia *shows* privados e pagos. Ela disse, novamente, que estava apenas curtindo o *show* do casal. Mesmo o diálogo estando aberto a todos, outros participantes foram falar com ela: weiser88, andrea78xx e HORNY\_COCK\_c questionaram sobre o porquê ela não os aceitava no Skype e se não gostaria de abrir a *webcam*. Ela enfatizou que não estava interessada. kassandra910, outra participante dos EUA com perfil de gênero feminino e 46 anos, mas com poucas informações extras, também foi assediada: kommerz39 foi um dos que a cumprimentaram pedindo por Skype, ela o cumprimentou de volta e avisou que não haveria Skype. Canej, outra participante de gênero feminino, australiana, comentou com o grupo que gostaria de usufruir de um sexo anal como aquele: “gostaria de ser fodida no cu como ela!”. Em seu perfil, ela deixava claro que não fazia transmissões e que o que gostava era de assistir – no máximo, um “*dirty talk*”: “Me diga quão puta safada eu sou! Me ofenda em frente do meu namorado. Quem quer meu cu? Forte e gostoso! Encha o cu da mamãe com muita porra!” Em seu perfil, havia duas imagens dela, mas não era possível ver seu rosto. Em uma ela estava deitada de barriga para cima com as pernas levantadas e o rosto virado – via-se o cabelo negro e os seus vários *toys*. Na outra imagem, que era a principal, via-se apenas a vagina e o ânus preenchidos com dildos. (DC, 04.03.2016)

A produtora, diretora e atriz de filmes pornô Candida Royale, citada em *Deep inside porn stars* (FLUENTES; SCHARGE, 1987, apud WILLIAMS, 1989, p. 229, tradução minha), já dizia que “a pornografia sempre foi feita para os homens. Agora que as mulheres finalmente podem ter uma sexualidade, nós estamos procurando por estímulo”. É surpreendente que uma linha dita há mais de três décadas ainda faça tanto sentido em um contexto de produção e de distribuição pornográfica tão transformado desde então: mesmo havendo mulheres interessadas em consumir pornô no CAM4, como ficou evidente durante todo o período da etnografia (ainda que elas surgissem em menor quantidade), muitos dos discursos dos homens da plataforma tendiam a indicar que o lugar delas não era aquele ao lado deles, assistindo a pornografia, mas sim transmitindo – a pornografia era para eles, afinal, não para elas; se gostam tanto assim de pornografia, devem estrela-la, não assisti-la.

crysan69 e kassandra910, duas das mulheres que acessavam à *webcam* de Yours\_Fantasy, deixaram claro que estavam apenas “curtindo o show” e que não haveria Skype; Canej, por seu turno, avisou em seu próprio perfil que não fazia transmissões, o que possivelmente não ocorreu ao acaso. Todas faziam uso da plataforma de forma muito semelhante a que vi homens fazendo. Seria, sem dúvidas, uma ingenuidade assumir que os usuários que vieram pedir por suas transmissões naquele exato instante o fizessem porque estavam especialmente interessados por elas ou porque buscavam uma amistosa interação: não somente jamais vi diálogos assim na categoria de *Homens*, nas quais muitos gays interagem uns com os outros na caixa de texto, como também havia outras milhares de *webcams* disponíveis por mulheres que desejavam fazê-lo naquele momento. No entanto, para além disso, é a *insistência* que descortina muitos dos sentidos das ações de participantes tais como Rambostalon weiser88, andrea78xx, HORNY\_COCK\_c e kommerz39: todos ignoravam as negativas das participantes, pois percebiam que *podiam* – não somente na qualidade de consumidores de pornografia, de forma que julgassem aquele lugar como seu, mas também na qualidade de homens que afirmam a violência para assegurar a manutenção de desigualdades de gênero relacionadas à sexualidade. Nesse sentido, a pornografia surge tradicionalmente como um espaço emblemático para a tentativa de reprodução de certos signos nomeadamente visíveis de virilidade, ainda que de forma sutil: nota-se, por exemplo, como crysan69, que não pagaria *tokens*, escreve

que *esperava* que o *performer* na transmissão ejaculasse sobre a parceira, enquanto os pedidos dos usuários homens estruturavam-se no imperativo – “foda na buceta”; “agora, na buceta”.

Embora as participantes tenham se mantido na transmissão e tenham sido assertivas nas negativas, é preciso destacar que, pelo menos no caso de crysyan69, ainda que direta e inicialmente cordial, ela seguia respondendo às mensagens, denunciando a enorme normalidade que paira sobre esse tipo de coerção no ambiente. Dessa forma, talvez muitas usuárias da plataforma não se reconheçam como consumidoras-negociadoras potenciais de pornografia *live streaming* justamente em razão desses valores em circulação – ou, ainda que se reconheçam como tais, talvez não se sintam seguras a mostrar que o são em função do assédio.

### **6.3 Onde o *Ebony* quase não tem vez: a produção pornográfica da diferença racial**

Embora haja poucas mulheres consumindo e negociando práticas sexuais na pornografia *live streaming* do CAM4 e embora as que o façam enfrentem empecilhos, não se pode negar, como já mencionado, os deslocamentos para elas no que se refere às possibilidades da transmissão de vídeos seus em tempo real na plataforma. Contudo, o mesmo não se pode falar sobre as mulheres negras: para encontrá-las devidamente no site, só filtrando o resultado das buscas por “etnia”, pois elas simplesmente escapam aos olhos nas grandes categorias *Mulheres*, *Trans* ou *Casais*. Neste caso, a diferença é abismal: em uma busca por *webcams* online de mulheres brancas (incluindo transexual, que, como já referido, é constituído como um “terceiro gênero” na plataforma), o site apresentou, em uma ocasião de campo, 120 transmissões em um início de madrugada. Os valores são semelhantes para outras “etnias” previstas na taxonomia do sistema, tais como asiáticas e hispânicas. Por outro lado, quando a busca foi filtrada apenas para *webcams* disponíveis de negras, a plataforma apresentou 6 transmissões, apenas (DC, 07.07.2016). Durante o trabalho de campo, também não vi negras figurando entre as primeiras *webcams* de *Destaque* ou mesmo entre as primeiras da categoria *Mulheres*, o que sugere que as que estão na plataforma não recebem tantos acessos nem tantas *gorjetas* quanto as brancas. Uma *única vez* vi uma mulher negra na primeira página da categoria *Trans*, a Luanatrans, uma transexual negra, gorda e tatuada brasileira. Ela estava sentada sobre um sofá com a *webcam* centrada no rosto e início do tronco, parte

das duas mamas para fora da blusa decotada preta e os cabelos presos. Só havia homens brasileiros em sua transmissão e todos conversavam informalmente: alguns participantes mandavam mensagens pornográficas para a *performer* (tais como “você comer você até você gozar!”), mas, em geral, era um bate-papo com poucas associações sexuais. Luanatrans falava sobre tatuagens com um participante e, mais tarde, comentava com todos sobre seu dia: como alguém que ela conhecia há muito tempo não a cumprimentou na rua ou como algumas pessoas apenas recentemente a haviam conhecido e já queriam “tomar conta” da sua vida. (DC, 28.03.2016) Assim, novamente, a plataforma das “pessoas reais” descortina conservadorismos próprios da pornografia moderna, nas quais pessoas negras costumam figurar somente se forem homens (usualmente, em relações sexuais com mulheres brancas) (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009).

Contudo, levantamentos muito recentes feitos por grandes plataformas, tais como o Pornhub (WHAT... 2016), apontam para outra direção: analisando as buscas de usuários e usuárias, a categoria pornô *Ebony*<sup>80</sup> – uma categoria feita por pessoas negras para pessoas negras, via de regra – figura entre as cinco mais acessadas tanto por homens quanto por mulheres (e, aqui, fala-se de um universo de mais de 80 categorias). Ao acessá-la na própria plataforma, também se verifica uma grande quantidade de vídeos: há quase 15.000 resultados apenas no site Pornhub, e é preciso levar em consideração que as mulheres negras figuram também na categoria *Interracial*, ainda que, neste caso, seja mais comum encontrar vídeos envolvendo homens negros com mulheres brancas – uma vez que, geralmente, essa categoria opera lógicas pornográficas modernas, isto é, opera desde o ponto de vista de pessoas brancas. Assim, numa era de busca pelo real e de difusão do acesso à tecnologia e à internet, não é como se as mulheres negras estivessem ausentes: elas *estão* nos vídeos ao mesmo tempo em que *são* procuradas.

Entender, portanto, a ampla ausência das mulheres negras no site CAM4 exige considerar as suas diferenças com relação a outras plataformas de conteúdo colaborativo. Como procurei discutir no capítulo 3, a pornografia *live streaming* potencializa a sensação de autenticidade do amator na medida em que expande as possibilidades de intimidade: a pessoa que assiste a pornografia se sente

---

<sup>80</sup> *Ebony* faz referência uma tradicional revista estadunidense voltada a pessoas negras e foi criada, na década de 40, como uma resposta à inviabilidade dessa população na mídia dos EUA. Por isso, trata-se de uma categoria que mostra mulheres e homens negros.

*necessária e incluída* na vida e no prazer daquela que compartilha suas imagens, construindo uma relação que transcende a prática sexual da forma como é geralmente assumida para a pornografia (PETTERSON, 2004). Os perfis, por exemplo, mostram como o pornô ao vivo se distribui em um *estilo de vida*: o que se faz, o que se deseja e o que não se tolera na pornografia compõem um enorme mosaico sobre *quem se é*; por isso, não raro, os textos de apresentação e as normas de transmissão seguem gramáticas de discurso moral e filosófico.

Assim, o desejo por construir uma *relação de intimidade* com a mulher no vídeo pornográfico pode justificar, ao menos em parte, a ausência das mulheres negras nessa modalidade particular de pornografia ao mesmo tempo em que explica o fato de comporem a maioria em outros mercados do sexo: tradicionalmente, elas têm estado fora dos sistemas de parentesco<sup>81</sup>. Em seu essencial *Reconstructing womanhood*, Hazel Carby (1987) explana que as mulheres negras não são “mulheres” tais como são as mulheres brancas em suas conhecidas pautas: diferentemente, as mulheres negras foram formadas não apenas sexualmente, mas também racialmente. Enquanto as mulheres brancas foram constituídas como mulheres em sua potencialidade de serem humanas, de serem esposas, de serem o canal para a perpetuação do nome do pai – isto é, em sua potencialidade de serem *mulheres* –, as negras foram constituídas como animais, sem direitos e sexualizadas. No Brasil, Claudete Alves (2010) e Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) são intelectuais negras que têm se destacado com suas pesquisas sobre o que chamam de “solidão da mulher negra”: a forma como as mulheres negras sofrem um tipo de objetificação peculiar que as coloca fora das gramáticas da conjugalidade e do romance e que as mantem no lugar da “outra” e da “disponível sexualmente”. Assim, a mulher com a qual o homem heterossexual quer construir um tipo de intimidade, cuja vida ele quer conhecer para além da sexualidade, cujo prazer importa de tal forma que ele deseja se sentir responsável... essa não é a mulher negra, mas a branca, ainda que o campo seja o da pornografia.

No que se refere aos homens negros, esses também se mostraram bastante ausentes: ao filtrar as quase 1.400 transmissões da categoria *Homens*, menos de dez eram de negros (DC, 07.07.2016); durante a pesquisa de campo, vi apenas dois figurando entre as primeiras *webcams*. Um deles era MachoLuke90, um *performer*

---

<sup>81</sup> Tal como Rubin (1993) usa a noção.

dos Estados Unidos de 26 anos que declarava ser não somente "*sexcamer*", mas também "*the best fucker*" (que poderia ser traduzido, em português, como "o melhor comedor"), "dançarino profissional", "*stripper*", "ator" e "técnico desportivo". Com efeito, MachoLuke90 era atlético: muito alto e musculoso, era um *modelo* cinco estrelas, apesar de não ter ganhado nenhum prêmio da plataforma. Em uma transmissão, ele apresentava-se inteiramente despido e depilado deitado sobre uma cama com lençóis claros e um travesseiro vermelho. Usava um boné também vermelho-vivo de aba reta, um colar de prata e brincos. Enquanto olhava constantemente para a câmera bem a sua frente, ele se masturbava: o pênis era grande mesmo quando não estava ereto: o *modelo* não se preocupava em mantê-lo duro durante todo o tempo, mas era capaz de retomar a ereção rapidamente quando os participantes punham-se a negociar. O seu *objetivo* era o mais ambicioso que eu havia visto na categoria: ele exigia 900 *tokens* para um *cum show* e, no momento do meu acesso, já somava 510 com 119 pessoas o assistindo. Ele avisava que não aceitava mensagens privadas, mas que solicitações de *shows* privados eram bem-vindas. MachoLuca90 não declava sua orientação sexual e tratava todas as pessoas que interagiam com ele de forma amistosa. Essas, por sua vez, quando não mandavam muitas mensagens o elogiando e procurando negociar transmissões particulares, enfatizavam suas características raciais: alguns o chamavam de "homem negro" ao dirigirem-se a ele, outros destacavam o tamanho do seu pênis ou falavam sobre a "fantasia" de se relacionarem sexualmente com um homem negro.

Uma dessas pessoas era rebecca, uma mulher trans de 26 anos da Argentina loira, magra e alta. Em seu perfil, ela falava sobre como se orgulhava por ser transexual, afirmando que era massagista profissional e que era "perseverante, reservada, trabalhadora, introvertida... gosto de sair por todos os lugares... não gosto de gente mal educada. Gosto de quem me faz rir... enfim!". Havia muitas fotos suas, nas quais ela aparecia em diferentes poses com diferentes roupas e pessoas – em nenhuma delas ela estava nua ou semi-nua. Constava, também, que ela já havia feito muitas transmissões, e ela tinha quase *cinco estrelas* em seu perfil. Na transmissão de MachoLuca90, ela desabafava na caixa de texto: "nunca estive com um negro, é minha fantasia... pronto, agora eu disse!". (DC, 14.04.2016)

Chama a atenção a maneira como tradicionais elementos da pornografia moderna no que se refere à diferença racial estão presentes também nas raras transmissões dos homens negros no pornô *live streaming* do CAM4: ali, bem como

nas produções de outrora, esses homens surgem como “o outro” de um fetiche informado inteiramente por marcadores raciais: quando não são referidos como parceiros sexuais incansáveis em uma verdadeira atualização sexualizada do imaginário escravocrata, são associados ao pênis grande de tal forma que um homem negro que não possua o órgão nas dimensões “esperadas” será excluído das gramáticas da pornografia. Neste sentido, achei emblemático como nos *shows* de homens brancos – ainda que atléticos e possuidores de um pênis grande, tais como MachoLuca90 –, os e as participantes tendiam a valorizar também outras partes dos seus corpos, pedindo que mostrassem os pés, as axilas ou o ânus, por exemplo, algo que não vi nas pouquíssimas transmissões de homens negros, cujo pênis figurava sempre como o centro da fantasia erótica.

Ser “o outro” ou “a outra” na pornografia, por outro lado, também explica a quase total ausência tanto dos homens quanto das mulheres negras no CAM4. É preciso considerar a potencialidade da pornografia na *produção* das diferenças, evitando o deslize de entendê-la como um mero reflexo da realidade social que para ela se coloca como imagens de espelho. Nesse sentido, as categorias operam de forma muito importante na medida em que tomam o corpo branco, a relação heterossexual e a cisgeneridade como códigos neutros, nas trilhas de Latour (2001). As pessoas brancas, na pornografia, não têm raça; enquanto as negras sim: isso acontece porque há categorias nomeadamente próprias para a seleção de vídeos que mostram indivíduos negros, de forma que os brancos sejam a “expectativa” em qualquer outra. O mesmo acontece com a cisgeneridade: só há tecnologia ou construção de gênero quando se trata do corpo trans, estando o corpo cis “dado” ou “naturalizado” – assim, haverá uma categoria apenas para o primeiro grupo, estando o outro “omnipresente”. Para a heterossexualidade, tem-se o mesmo: só há orientação de gênero quando se trata de relações homossexuais, estando as relações heterossexuais no horizonte do “esperado” – assim, haverá uma categoria guarda-chuva para lésbicas e gays<sup>82</sup>, estando as relações heterossexuais no campo

---

<sup>82</sup> Apesar disso, não é como se lésbicas e gays estivessem em par de igualdade nas plataformas colaborativas mais populares. Há alguns sites, como o Pornhub, em que é possível encontrar categorias dentro de dois grandes grupos: “Hétero” e “Gay”. Contudo, no segundo, só há vídeos apresentando homens, de forma que não há um grande grupo “Lésbica” com diferentes tipos de pornografia encontráveis envolvendo essa população (e direcionados para ela). Também não há um grande grupo “Bissexual”. Novamente, as categorias mostram seu poder produtivo na manutenção de um imaginário que pensa o acesso à pornografia como exclusivamente vindo de homens, sejam heterossexuais ou homossexuais. Nesse sentido, há também uma grande invisibilidade colocada para os homens bissexuais.

do “subentendido” em qualquer outra. Há, é claro, diversos outros códigos neutros na pornografia, e eles se apresentam justamente na categoria ausente em relação àquela que lá está.

Neste caso, é importante considerar que a identificação com um corpo neutro e universal torna mais fácil a produção de um corpo autopornográfico (PRECIADO, 2008b) – isto é, um corpo que se veja como potencial produtor de pornografia<sup>83</sup>. Isso acontece porque a identificação com a pornografia tende não apenas a retomar padrões tradicionais pornográficos – por exemplo, quando sempre houve identificação racial com *porn stars* brancas e brancos –, como também permite associações com outros discursos pornográficos, permitindo uma maior multiplicidade de experiências com o pornô e um maior acolhimento de subjetividades: um corpo supostamente neutro e universal cabe em praticamente qualquer categoria, já um corpo marcado como “o outro” estará, usualmente, na categoria do corpo marcado como “o outro”.<sup>84</sup> Por isso, a categoria pornográfica não somente rotulará corpos ditos pré-existentes, como os produzirá com grande sofisticação (BOURDIEU, 1996): muitas pessoas negras não verão em si um *potencial autopornográfico*, pois as categorias que percebem como *suas* as diluem em suas peculiaridades e experiências, ainda que essas categorias (*Ebony*, especialmente) possivelmente tenham sido criadas como uma reposta política à branquidade na pornografia<sup>85</sup>.

#### 6.4 A categoria *Homens no CAM4*

Como visto no capítulo 3, embora o CAM4 se promova como um espaço que oferece mais *shows* de mulheres, são os homens que compõem a ampla maioria das *webcams* disponíveis: em uma ocasião de campo, havia uma média de 1.400 transmissões de homens, enquanto as mulheres somavam 440; as trans, 84; e os casais, 240 (DC, 07.07.2016). No entanto, isso não significa que o caráter dos *shows* nesta categoria seja o mesmo das demais: nela, há atravessamentos que

---

<sup>83</sup> Como propus extensamente no capítulo 3, o corpo autopornográfico é próprio da pornografia amadora *live streaming*, que diretamente depende dele para existir.

<sup>84</sup> Nesse sentido, seria interessante aprofundar a relação entre raça e categorias pornô que a escapam – especialmente *Interracial* e *Ebony*. Por exemplo, é curioso como uma busca por imagens no Google relacionadas a práticas BDSM só mostre pessoas caucasianas, ou que uma busca por vídeos de *Squirt* no Pornhub mostre uma maioria esmagadora de mulheres brancas, e assim por diante.

<sup>85</sup> Para análise semelhante, ler a crítica da feminista negra brasileira Stephanie Ribeiro (2016) sobre política, ativismo e subjetividades.

tocam não somente a diferença racial, como expus no item anterior, mas também o erotismo, o dinheiro e a orientação sexual de formas peculiares.

#### 6.4.1 Só pelo tesão: realizando um fetiche sexual no CAM4

Embora haja muitas transmissões feitas por homens na plataforma, a maioria não opera lógicas de mercado em absoluto: são, ao contrário, *shows* para realização erótica única e simplesmente, muito comuns desde a difusão do *netporn*, mas que sempre estiveram presentes nos contextos da pornografia moderna.

Díaz-Benítez (2009), em sua etnografia sobre os bastidores de produtoras brasileiras de vídeos pornográficos, fala sobre pessoas que chegam às redes pornô para satisfazer uma fantasia sexual, “matam a curiosidade” ou “realizam o sonho”, e retornam apenas muito tempo depois ou nunca mais. Segundo a antropóloga, a pornografia como um fetiche desse tipo é realizada majoritariamente por homens, para os quais o anonimato importa menos do que para as mulheres, uma vez que utilizam a experiência em narrativas até mesmo públicas para afirmação da masculinidade.

A pornografia *live streaming* amplia as possibilidades de realização desse tipo de desejo ao mesmo tempo em que também mantém, mas principalmente desestabiliza, certas disparidades tradicionais de gênero.

Sem dúvidas, a enorme diferença na quantidade de mulheres e de homens que usam a plataforma para finalidades próprias majoritariamente eróticas talvez encontre a diferença circunscrita pela preocupação do anonimato acusada por Díaz-Benítez (2009), haja vista que, durante esta etnografia, a maior parte das mulheres parecia interessada em ganhar dinheiro no site – ainda que essa não fosse sua *única* motivação, como procurei explorar durante este trabalho – e, para isso, quase nunca escondia o rosto.

Contudo, quando se trata das transmissões amadoras ao vivo, não há obrigatoriedade de apresentação da face; dessa forma, quem não possui um interesse principal em ganhar dinheiro, não se preocupa tanto em mostrá-lo e pode manter o anonimato: foi frequente, durante todo o período da etnografia, acessar transmissões de pessoas declaradas mulheres ou trans cujos participantes transmitiam sua masturbação sem que o rosto estivesse à mostra ao mesmo tempo em que negociavam em seus *shows*.

Em um dos *shows* de sexyjentyt, uma *modelo* trans da Colômbia de 20 anos, por exemplo, havia 55 pessoas online a assistindo, sendo 13 membros e, portanto, visíveis em sua transmissão. Desses 13, nove estavam transmitindo. Apesar do perfil da *modelo* ser bastante vazio, ela era bem avaliada e premiada pelo site e, no *show* em destaque, ela aparecia sentada em um sofá florido, usava maquiagem carregada, uma peruca loira, lisa e longa e um sutiã cor-de-rosa que escondia as pequenas mamas. sexyjentyt estava bronzeada, tinha longas unhas pintadas de vermelho e esfregava o enorme pênis ereto enquanto olhava para a tela do computador que repousava sobre o braço do sofá.

A totalidade dos participantes que transmitiam enquanto assistiam ao *show* da modelo também se masturbavam: as câmeras centravam o pênis e a mão em torno dele. Todos eram homens cis e brancos, mas declaravam diferentes nacionalidades, orientações sexuais e status de relacionamento: havia heterossexuais, bicuriosos e bissexuais da Austrália, dos EUA, da França, da Colômbia, etc. que se declaravam casados, solteiros ou em relacionamento aberto. Em seus perfis, via-se muitas galerias de transmissão: jerkinalways, por exemplo, tinha três galerias nas quais ele aparecia sempre se masturbando sobre uma cadeira de escritório: só se via parte das coxas, o pênis, os testículos, a mão e parte da barriga coberta de pêlos escuros. Não havia qualquer texto no perfil do membro, a não ser o *Questionário de sexo*. Por outro lado, outros participantes, tais como scorps e polosur\_09, compartilhavam imagens sem rosto ao mesmo tempo em que apresentavam um único texto – por vezes escrito em caixa alta – falando sobre a importância do não compartilhamento, por outras pessoas, de suas imagens, bem como das complicações legais que tal ato poderia acarretar. (DC, 02.02.2916) Assim, são diversas as lógicas que atravessam as relações entre gênero, erotismo, anonimato e espaço público no CAM4, dando pistas sobre algumas mudanças em curso relacionadas à afirmação das masculinidades quando se trata de realizar um fetiche sexual na pornografia.

#### 6.4.2 Ganhando dinheiro, mas não muito: os *shows* de Hotguy4fun

Embora muitos usuários não tenham interesses econômicos ao compartilharem seus vídeos ao vivo, há outros que sempre mantem esse objetivo no horizonte. Um deles era Hotguy4fun, um *modelo* dos EUA heterossexual de 31 anos. Em um de seus *shows*, Hotguy4fun estava na primeira página de *Destaques* e havia mais de 300 pessoas o assistindo. Ele já estava há quase uma hora em frente a *webcam* e

somava zero *gorjetas* de um modesto *objetivo* de 200 *tokens*. Na descrição da transmissão, ele avisava que se tratava de um *show* do tipo *cumshot*: assim que ele somasse as *gorjetas* solicitadas, gozaria para a câmera. De cabelo e barba raspados, mas visíveis, ele aparecia sentado sobre a cama com a câmera enquadrando o rosto, os braços e o peito. Tinha músculos bem definidos e grandes, pele bronzeada e traços masculinos acentuados em torno dos olhos azuis muito claros e grandes. Era um homem aparentemente alto.

Em seu perfil, não havia galerias de transmissão, mas apenas duas fotos: em uma delas, ele estava sentado com uma camiseta branca, depilado e mostrando o grande pênis ereto; na segunda, estava deitado na cama com o pênis também ereto, testículos à mostra e uma das mãos sobre ele. Era possível ver parte das nádegas e, ao fundo, enxergar um pouco do resto do seu corpo. Em nenhuma das fotos o rosto estava à mostra. Na curta frase em seu perfil, ele enfatizava em inglês: "Cara hétero com namorada. Procurando por diversão na *webcam* enquanto ela está fora!".

Apesar de Hotguy4fun não estar ganhando muito dinheiro naquele início de *show*, ele estava fazendo sucesso: masturbando-se com pausas para exibir o rosto para a câmera, os participantes na caixa de bate-papo falavam apenas em inglês e iam a loucura: muitos elogiavam seus olhos, como *ssomewhat69* e *kmzkmz*. Outros pediam para ver partes do seu corpo, como *sexloko3* que pedia para ver as axilas, perguntando se ele tinha pelos. Um participante, *mykn*, comentava sobre quão sensíveis deveriam ser seus mamilos; *Feetandmore* pedia para ver os pés. *doitright355* pedia para ver o peito. Muitos participantes comentavam sobre o tamanho do pênis de Hotguy4fun, como *alicianna* e *hrymusluvr*.

Hotguy4fun não parecia muito bem humorado, possivelmente em função da baixa quantidade de *gorjetas*, mas "fazia seu trabalho": os participantes pediam que ele mostrasse partes do corpo e ele as mostrava. Havia muito mais homens do que mulheres participando da transmissão, como de costume, e alguns faziam questão de provocar a declaração hétero do *modelo*: *judestisback8* comentava a quantidade enorme de homens que o assistiam; *whips3* perguntava se algum homem já o havia "chupado". Outros participantes perguntavam se ele gostava de "ganhar um tratamento" no ânus, que adorariam provocá-lo daquela forma. *Vannbrook6* comentou que "homens que pau grande costumam ter próstatas muito sensíveis..."

Hotguy4fun, por seu turno, continua tentando estimular o pagamento de *gorjetas*: “Querem me ver gozar? Então me deem gorjetas!”

Em determinado momento, o jogo virou para o *modelo*: os participantes começaram a enviar *tokens*. De repente, quando Hotguy4fun já somava alguma quantia, ainda que longe do ideal, sua transmissão foi interrompida. Não havia como saber se ele havia ficado sem conexão ou se simplesmente havia encerrado o *show*. Os participantes ficaram loucos: “todos nós perdemos um show?!”, questionou doitright355. Alguns minutos depois, Hotguy4fun voltou – havia, de fato, sido um problema de conexão. Sem dar explicações, ele apenas retomou o *show*. Impressionante a rapidez com que os *tokens* começaram a surgir: quando eu vi, ele já somava 325 *tokens* dos 200.

Rapidamente, porém, uma dinâmica curiosa se desenrolou: os participantes começaram, de forma relativamente grosseira, a exigir que o *modelo* encerrasse o *show* – que ejaculasse, afinal. Um deles, kyleo25, disse: “Apenas goze aqui para todos nós. Muitos de nós deram gorjetas!”. feetandmore concordou: “Houve muitos *tippers*”. Depois, pediu: “comece logo o seu *show*, por favor”. Woman4 disse: “hora de gozar, meu amigo”. Assim, Hotguy4fun deitou na cama e começou a se masturbar com força. O rosto corava. Finalmente, para alegria dos seus *tippers*, ele ejaculou. O esperma se distribuiu pelo pênis e pelas pernas e ele rapidamente se afastou da cama. Os comentários dos participantes se tornaram, então, diversos e alegres: “Quero beber!”, “Me alimente com a sua porra!”, “Quero experimentar!”, “Cinco estrelas, como sempre!”. (DC, 23.12.2015)

Em 2012, uma organização belga feminista causou polêmica ao lançar uma mensagem em defesa da igualdade salarial entre homens e mulheres na qual Sasha Grey, uma famosa *porn star*, afirmava que a pornografia era a única forma das mulheres ganharem mais dinheiro que os homens: “Encontre uma alternativa melhor”, a campanha dizia (ZIJ-JANT VZW, 2012). A controversa ironia na mensagem indicava, no mínimo, uma verdade: na pornografia, as mulheres são mais bem pagas do que os homens; no CAM4, essa é também uma realidade aberta: mesmo que Hotguy4fun fosse um *modelo* muito popular da categoria dos *Homens* – aparecendo, inclusive, na sessão de *Destaques* –, havia uma grande diferença entre a quantidade de *tokens* exigida por ele em um *show* e a quantidade de *tokens* exigida por uma *performer* na categoria *Mulheres*. Além disso, durante todo o período de campo, eu nunca havia visto cobranças tais como insurgiram no

fim da transmissão de Hotguy4fun. Dessa forma, aqui também se nota a forma como as *gorjetas* são investidas de significados específicos no interior de relações generificadas (ZELIZER, 1989): as mulheres ganham mais dinheiro não porque seus corpos *essencialmente* valham mais do que o dos homens, mas porque as negociações são contaminadas por juízos sobre as relações de gênero que assumem que um corpo feminino nos mercados do sexo paga “um preço maior” quando se desloca para fora dele; enquanto um corpo masculino, por outro lado, está ali para algo que “faria até mesmo de graça”. O cerne da revolta dos *tippers* diante da ambição de Hotguy4fun nos últimos instantes de seu *show* se fundamentava não apenas no fato de que um serviço pelo qual pagaram não estava sendo entregue “dentro do prazo”, mas também em valores de masculinidade associados ao gozo masculino.

#### 6.4.3 “Há tantos homens te assistindo...”: afirmando e interpelando a orientação sexual no CAM4

Hotguy4fun era um *performer* que não somente se preocupou em se identificar como heterossexual na sessão de preenchimento do seu perfil, como reforçou a sua orientação em um texto livre, afirmando também ter namorada e buscar por diversão “enquanto ela está fora”. Embora perfis como o dele sejam comuns no CAM4, quando se trata da categoria *Homens*, os gays declarados são a maioria das transmissões com maior acesso e recebimento de *tips*. Além disso, eles também são a maioria maciça dos que assistem e negociam. Neste sentido, ao mesmo tempo em que homens como Hotguy4fun fazem muito sucesso, outros alcançam grande visibilidade lançando mão de outros códigos.

Em uma ocasião de campo, jonyonly4u, por exemplo, manteve-se como a transmissão mais acessada por várias horas na categoria com a proposta simples de, por vezes, mostrar rapidamente partes do corpo nu (prática chamada, na pornografia, de *flash*), enquanto estava do lado de fora em uma fazenda no interior dos EUA com outros agricultores circulando ao redor. jonyonly4u era um homem baixo, grisalho (embora fosse jovem), bissexual, nem magro, nem gordo, bronzeado e muito preocupado em ser cordial: em seu perfil, ele explicava que, por morar no campo, às vezes sua conexão caía no meio da transmissão, mas que as pessoas poderiam confiar nele, que ele era honesto, que jamais saía sem se despedir e que sempre retornava. Ele concluía o aviso com um agradecimento. (DC, 31.03.2016)

Dessa forma, perfis tais como o de Hotguy4fun não passam sem serem notados pelos usuários, que estarão atentos não somente ao padrão de beleza personificado no *modelo* – os corpos, como na categoria *Mulheres*, também variam muito –, como também à afirmação repetida da sua “convicção hétero”. Essa incitação constante do discurso da sexualidade, que potencialmente a constitui como verdadeira ou falsa (FOUCAULT, 2014), estimula os participantes a também se lançarem no exercício discursivo: em uma verdadeira interpelação, questionavam se Hotguy4fun *nunca mesmo* se relacionara com outro homem; “há tantos lhe assistindo aqui”, afinal. Nesse sentido, o ânus se tornou um protagonista simbólico: ainda que muitos gays assumidos não o estimulem nem o mostrem na plataforma e que muitos homens heterossexuais e bissexuais o façam, os participantes provocavam o *performer* à exaustão, comentando que adorariam estimulá-lo na região e evocando relações entre o tamanho do pênis de Hotguy4fun – suposto símbolo de sua virilidade e heterossexualidade – e uma possível maior sensibilidade prostática. O *modelo*, em resposta, jamais mostrava o ânus, destacando os diversos sentidos que podem ser discursivamente investidos em certas partes do corpo.

Em uma pesquisa sobre a construção de heterossexualidades e homossexualidades no CAM4, Lopes (2013) pontua conflitos e tensões em torno das identidades sexuais, mostrando disputas mais acirradas do que aquelas com as quais me deparei durante o meu trabalho de campo. O autor fala de *performers*, por exemplo, que utilizam ainda mais recursos na afirmação da heterossexualidade, como o banimento de participantes gays em suas transmissões ou mesmo o encerramento de *shows* por terem “se estressado”. Por outro lado, seus dados também apontam para interpelações semelhantes às que destaco aqui: em um dos trechos de interações entre brasileiros mencionados pelo autor (2013, p. 8), os participantes de transmissões de homens heterossexuais fazem constantes questionamentos em torno da orientação sexual declarada, dizendo que “aqui não tem mulheres; tudo gay”, “hétero se exibindo para um monte de macho!”, etc. Para o autor, essas provocações buscam acionar constantemente certas normas sociais a fim de descreditar os *modelos*: assim, “é imprescindível à tarefa de discutir gênero e sexualidade através do erotismo lidar com as normas sociais, as quais constituem o repertório cultural a partir do qual as nossas ações se situam.” (LOPES, 2013, p. 9)

Por seu turno, ainda sobre a pesquisa de Lopes (2013), os *performers* se mantinham questionando onde estava “a mulherada”, pois “não curto homens”;

dizendo que buscavam por mulheres, que já haviam conhecido "várias por aqui", "de vez em quando aparece uma mulher", etc. Nesse sentido, também ficam claros como os usos criativos da plataforma tendem a nublar ainda mais as fronteiras do que é considerado pornô ou não, situando as transmissões do CAM4 mais como uma modalidade de sexo virtual. Com efeito, durante a pesquisa, vi muitos perfis de pessoas que assumiam deliberadamente não gostarem de pornografia ao que associavam a plataforma CAM4 com outra coisa.

## 6.5 Síntese

Neste capítulo, procurei analisar algumas das contradições que insurgiram durante a etnografia no CAM4 e que configuram o poder da pornografia na produção de diferenças e desigualdades. Uma delas refere à categoria *Trans*, remanescente da antiga *Shemale*, que é destinada às pessoas que se declaram "transgêneros" na plataforma, uma identificação que opera como um "terceiro gênero" na medida em que não pode se interseccionar com a identificação "homem" ou "mulher". Só há mulheres trans e travestis transmitindo vídeos nela e, em geral, essas diferenciam-se das *modelos* da categoria *Mulheres* apenas por possuírem um pênis. Essa questão descortina a enorme genitalização que opera a produção das relações de gênero nas lógicas da pornografia e, inevitavelmente, acaba produzindo características particulares para estas transmissões e identidades sexuais e de gênero.

As *modelos* mais bem sucedidas, em geral, apresentam corpos magros, depilados e com grande à média passabilidade cis, sendo a maioria delas adultas jovens ou maduras; contudo, é a grande centralidade do pênis nos *shows* que chama a atenção. Exigem-se das *modelos* não apenas os usuais atributos mencionados, mas também um pênis que seja grande e que tenha boa ereção, como os *shows* destacados das *performers* sweetheart5 e SelfsuckQUEEN mostram. A maneira como a pornografia organiza o corpo trans, portanto, produz o pênis como um local de prazer e excitação extraordinário e deixa menos importantes outras partes de seus corpos. Nesse sentido, o pênis também assume uma grande centralidade na constituição do gênero (LAURETIS, 1994).

Além disso, notei, na categoria *Trans*, um maior atravessamento dos efeitos das desigualdade no marco Norte e Sul: os participantes dos EUA e de países europeus frequentemente mencionavam de onde falavam ou convidavam as

*modelos* da América do Sul, da América Central e do Sul da Ásia a migrarem por eles. Essas interações associam a pornografia a outros mercados do sexo, tais como o turismo sexual, e envolvem a imbricação não somente de noções de gênero, mas também de raça, etnicidade e nacionalidade, que intensificam a imagem das *modelos* trans como sexualmente disponíveis (PISCITELLI, 2008). Apesar desses constrangimentos, o CAM4 é um espaço de inúmeras possibilidades de afirmação identitária, ainda que possua uma rígida taxonomia. A *performer* TransExotik, por exemplo, faz pornografia ao mesmo tempo em que esmera-se em discursos políticos de crítica à cisnormatividade e à transfobia.

Também discuti a ausência dos homens trans na pornografia do CAM4, chamando atenção para a invisibilização da sua sexualidade. Dessa forma, citando Preciado (2014), critico os perigos envolvendo a associação entre a ausência do pênis e a ausência de um falo na hipótese do falocentrismo: uma vez que o falo não pertence ao pênis nem a coisa alguma, as transmasculinidades são silenciadas na pornografia não porque carecem de alguma coisa, mas porque desterritorializam aquilo que se supõe estarem em falta, dissolvendo o pênis como um órgão sexual “autêntico” e essencializado. Além disso, sugiro que a ausência desses homens na pornografia também possa se justificar em um desejo de experimentação do lugar masculino (VASCONCELOS, 2014) a partir da cristalização, na pornografia heterossexual, da cena pornô como um lugar das mulheres e do lugar do espectador como um lugar dos homens.

Na segunda parte do capítulo, problematizei o fato de poucas mulheres aparecerem no CAM4 como negociadoras e consumidoras de pornografia, trazendo a experiência de três delas em um *show* de Yours\_Fantasy. Quando as participantes interagem com os *performers*, eram imediatamente assediadas por homens que também assistiam ao *show* e que insistiam para que elas disponibilizassem imagens de suas *webcams*, mesmo que elas fossem assertivas na negativa. Embora haja avanços, a comunicação coerciva no CAM4 mostra que ainda circula a noção de que o consumo de pornografia pertence aos homens, para os quais a pornografia deve ser feita, estando o lugar das mulheres reservado para a função de atrizes.

Contudo, quando se trata das mulheres no CAM4, são as negras as mais invisibilizadas: além de não negociarem, elas também são as que menos transmitem, apesar dos vídeos com elas serem muito populares em outras plataformas de conteúdo colaborativo. Argumento que lógicas racistas que têm,

desde muito, excluído essas mulheres da conjugalidade e do romance (CARBY, 1987) encontram eco na busca pelo autêntico e pelo íntimo da pornografia ao vivo. Além disso, o corpo branco, enquanto um código constituído como neutro em uma cultura pornográfica que opera de um ponto de vista eurocentrado, constrói-se mais facilmente como um corpo autopornográfico (PRECIADO, 2008b). Esse corpo se identifica mais prontamente com uma maior diversidade de categorias pornô ao mesmo tempo que tem suas subjetividades melhor acolhidas pelas lógicas pornográficas, enquanto o corpo racializado tenderá a não se conhecer tão rapidamente dessa forma na medida em que a categorização aplicada a ele dilui as peculiaridades e experiências individuais. Por isso, possivelmente, os homens negros também quase não apareçam no CAM4, sendo que os poucos que o fazem são erotizados desde gramáticas racistas que os colocam como sexualmente insaciáveis e reduzidos a expectativas centradas em uma noção particular de pênis.

Por fim, me dedico a falar sobre categoria *Homens* no CAM4, que é a que reúne a maior parte das transmissões. Isso se deve ao fato de que os homens são os que mais usam a plataforma para a realização de uma fantasia sexual. Isso não significa, porém, que as mulheres não possuam tal desejo, mas elas estão possivelmente mais preocupadas em manter o anonimato do que eles, como Díaz Benítez (2009) também conclui. Juízos sobre as relações de gênero se impõem também sobre as *gorjetas*, fazendo com que os homens ganhem bem menos do que as mulheres também nessa modalidade de pornografia. Isso não ocorre porque os corpos das mulheres *essencialmente* valham mais, mas sim porque crê-se que elas pagam um preço maior quando os deslocam para fora dos mercados do sexo. O valor do corpo masculino, por seu turno, é lido como "mais barato", pois crê-se que está ali para algo que homens "fariam até mesmo de graça".

A categoria *Homens* é um espaço de muita interpelação sobre a orientação sexual. Destaco uma transmissão de Hotguy4fun, um *modelo* que se declara heterossexual. A incitação a um discurso da sexualidade que valide a orientação sexual (FOUCAULT, 2014) provoca os participantes maciçamente gays de seu *show* a usarem o mesmo dispositivo para constituírem o discurso do *modelo* como falso, fazendo insinuações em torno da quantidade de homens gays o assistindo, da suposição de que o *performer* já tenha se relacionado com algum homem e da associação do prazer anal e prostático à homossexualidade. Tais normas sociais e

sentidos investidos no corpo são similarmente comparados, então, aos dados de Lopes (2013).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não queremos histórias tristes no pornô.*

Ron Jeremy

O CAM4 desestabiliza a pornografia em muitos aspectos diferentes: para além das negociações que se colocam entre quem disponibiliza vídeos via *webcam* e quem os assiste em tempo real – compartilhando anseios, estabelecendo limites para as práticas sexuais e tecendo afetividades e moralidades em torno dessas atividades –, a pornografia *live streaming* provoca diversas lógicas pornográficas: nas dinâmicas desse ambiente que produz e que circula material pornô em um contexto de novas possibilidades tecnológicas, a própria noção de pornografia, a sua potencialidade política e as suas estratégias eróticas e mercadológicas são deslocadas e renegociadas.

No CAM4, o conteúdo pornográfico pode ser entendido como um tipo de pós-pornô, apesar das ressalvas. Ele não somente é feito especialmente para a internet, como é feito por quem o acessa: tratando-se de uma plataforma colaborativa, os usuários e as usuárias produzem o conteúdo pornográfico que consomem, nublando as fronteiras entre produtores e consumidores e estimulando mudanças significativas no regime capitalista tomado como dominante. Torna-se cada vez mais difícil cobrar pelo o que as pessoas acessam na internet e definir os seus interesses de consumo, ao mesmo tempo em que elas adoram fazer o seu próprio material, produzindo uma abundância de conteúdos que passa a valorizar a efetividade e que joga para a lata de lixo a escassez e a eficiência da racionalidade tão própria de um regime de produção moderno.

Apesar de grandes corporações terem se ajustado a essa nova economia e terem se tornado capazes de lucrarem com seus deslocamentos, o monopólio de multinacionais pornográficas em sua forma tradicional de organização entrou em uma crise da qual não conseguiu se reerguer, causando uma reconversão de outros sujeitos na agência da economia do sexo: qualquer pessoa que tenha um corpo e acesso aos equipamentos tecnológicos necessários e à internet pode fazer pornografia. Assim, apesar da plataforma CAM4, enquanto empresa, operar a partir de estratégias capitalistas facilmente localizáveis como modernas, é preciso

considerar as lógicas coletivas e independentes que estão maciçamente presentes nos usos criativos dos recursos do site em foco.

Atravessando os deslocamentos de mercado provocados pelo desenvolvimento tecnológico e a sua difusão, o amador coloca-se como a principal característica das transmissões do CAM4, conjuntamente com o caráter colaborativo da plataforma. O amadorismo está relacionado com um não profissionalismo na medida em que se contrapõe ao controle que se espera de um ou de uma profissional. Não se trata da ausência do pagamento ou da técnica: o presente trabalho etnográfico verificou que essa não é a questão. Tem a ver, especialmente, com a falta de controle que possibilita ao vídeo o efeito de autenticidade e realismo.

Esse desejo por algo que não seja "falso" é um movimento político e existencial contra as supostas forças homogeneizantes e alienantes da sociedade moderna e se trata, sobretudo, de uma motivação. Para que esse anseio seja satisfeito, a pornografia desloca-se de algo que apenas se assistia para algo que envolve uma relação, tornando a pessoa que faz o pornô e a pessoa que o assiste mais próximas. Essa intimidade, por seu turno, é levada ao extremo no contexto das negociações no CAM4: o indivíduo que acessa as transmissões é solicitado como um participante e se sente necessário para quem está apresentando as imagens pornográficas não somente em um sentido mercadológico, mas em um sentido erótico: ele sente que o seu olhar e a sua presença possibilitam as práticas sexuais e o prazer de quem se apresenta na *webcam*.

No CAM4, essas motivações se fizeram presentes no caráter dos *shows*, que evidenciavam recursos financeiros e estéticos baixos: eles eram transmitidos de quartos de mobília simples ou espaços externos não produzidos, possuíam iluminação precária ou despreziosa, eram registrados com *webcams* comuns e não contavam com produções de vestuário e maquiagem elaborados. Além disso, as pessoas que se apresentavam, inclusive nos *shows* mais acessados e rentáveis financeiramente, eram "comuns", especialmente entre as *performers* declaradas mulheres: raros foram os corpos super-atléticos com intervenções cirúrgicas tais como próteses de silicone nas mamas, tão comuns à pornografia moderna. Embora as mulheres magras retivessem, em geral, mais acessos e *gorjetas*, era comum ver modelos com mais peso bem sucedidas na sessão de *Destaques*, ou modelos não depiladas, inclusive menstruadas, por exemplo. Os perfis, por seu turno, também operavam um papel importante na construção do autêntico e do íntimo: ali, para

além das fotos e das informações abundantes, muitos textos eram construídos de forma a alocar a experiência pornográfica num contexto mais amplo de afirmação de valores, identidades e visões de mundo, o que não apenas faz com que a pessoa que assiste as transformações se torne mais próxima do ou da *modelo*, mas também constrói a pornografia como um estilo de vida e a plataforma CAM4 como uma comunidade.

No que se refere às práticas sexuais, a prática de *squirt* e o uso de vibradores que respondem ao pagamento de *gorjetas* mostraram-se emblemáticos na produção de um sexo "verdadeiro" do qual se extrai prazer "real", constituindo-se, também, em uma crítica à centralidade da ejaculação masculina da pornografia moderna. Nessas negociações, os participantes se sentiam necessários ao orgasmo das *modelos*, exatamente como quando decidiam, por livre e espontânea vontade, moderar seus *shows*.

Há, portanto, diversos caminhos tomados pelos usuários e usuárias na busca pelo autêntico no CAM4. As relações formadas a partir desse esforço, por seu turno, nublam as fronteiras entre a pornografia e outras práticas sexuais: muitos dos usuários e usuárias mostraram, nas interações e em seus perfis, outros entendimentos sobre a plataforma, que era, para essas pessoas, mais um espaço de sexo virtual ou uma comunidade de compartilhamento de experiências do que um espaço caracterizado pela produção e circulação de pornografia.

Quando se trata da potencialidade da pornografia *live streaming* do CAM4 de se distribuir em investimentos políticos progressistas no eixo das relações de gênero e das sexualidades, a centralidade na excitação e no prazer "real" da mulher não é o único elemento que deve ser destacado. Na plataforma, práticas sexuais localizadas como "bizarras", tais como o *fisting*, o prolapso, o *gape* e o uso de dildos enormes desterritorializam o sexo e desnaturalizam o sistema heterossexual. Isso acontece na medida em que essas práticas e usos do corpo se colocam além dos limites impostos na diferença sexual, ao mesmo tempo em que fazem uma reelaboração do corpo erótico e invertem certas hierarquias que tradicionalmente rotularam algumas partes do corpo como centros originais de produção do prazer e outras como abjetas. Nesse sentido, essas práticas particulares ecoam politicamente na medida em que reverberam em uma lógica de tradução contra uma economia heterocentrada do sexo, que, por seu turno, reconhece nelas e no conjunto de outras identidades e práticas um "inimigo comum".

O CAM4, como uma plataforma de pornografia, é um campo político, ainda que não esteja especialmente situado nos movimentos sociais, nas políticas sociais ou mesmo num tipo de discurso particular. Isso não significa, é claro, que essas formas mais tradicionais de esforço político também não estejam presentes, como a etnografia demonstrou; contudo, trata-se, antes de tudo, da forma como o particular da experiência pornográfica acaba localizado em universalidades de resistência.

Essa dinâmica fica clara quando se destacam as situações de conflito presentes em muitas das interações do site, nas quais as fronteiras entre o sexo e a política inexistem. Durante a etnografia, as propostas feitas nas negociações no CAM4 estavam constantemente marcadas por interesses conservadores ou progressistas no que tange às relações de gênero ou às sexualidades. Por seu turno, a subversão das expectativas de manutenção de determinadas hierarquias sociais jamais passava sem alguma hostilidade ou discórdia.

Neste contexto, o dinheiro jamais poderia escapar do investimento que esses significados faziam nos elementos presentes nas negociações. Ainda que o CAM4 seja uma plataforma de conteúdo pornô colaborativo que efetivamente possibilita aos usuários e usuárias ganharem dinheiro e que muitos e muitas *performers* realmente tenham esse objetivo como o mais importante em suas transmissões, os *tokens* em circulação nas negociações jamais esvaziavam todos os atributos qualitativos dos múltiplos componentes que compõem essa modalidade de pornografia.

Há, com efeito, muitos tipos de dinheiros circulando no CAM4 e que são investidos do erotismo e das moralidades presentes no espaço: muitas vezes, as *gorjetas* supostamente dadas em troca das práticas sexuais eram parte constituinte da relação sexual que se estabelecia entre o ou a *modelo* e a pessoa que lhe mandava *tips*. Ao mesmo tempo, especialmente atrelado aos vibradores que respondem ao aviso sonoro de recebimento de *gorjetas*, os *tokens* poderiam ser, conjuntamente com os *sex toys*, uma extensão do corpo de quem estava envolvido na interação e parte formadora da rede entre esses então complexos híbridos pornográficos. Assim, o dinheiro e os artefatos tecnológicos mobilizam formas peculiares de produção de prazer e lugares específicos de gênero. A tecnologia distribui-se não somente no caráter online das negociações e interações, mas na produção de uma realidade corporal: os equipamentos - tais como o computador, o celular, o *tablet* ou o vibrador - se anexam aos corpos das pessoas ao mesmo tempo

em que evidenciam a indissociabilidade da pornografia e da tecnologia, bem como da erotização do que é tecnológico.

Se muitas das transmissões no CAM4 desestabilizam concepções tradicionais e dicotomizadas sobre as relações entre dinheiro e intimidade, tecnologia e sexo, pornografia e proximidade, hegemonia e particularidade ou sexualidade e estilo de vida, há muitas que operam politicamente de forma conservadora. Nesse sentido, os *tokens* são também investidos de violências que visam a manutenção ou intensificação de desigualdades de gênero - como se verifica, por exemplo, no fato de as pessoas declaradas trans na plataforma não receberem a mesma quantidade de *gorjetas* por *show* como aquelas que se declaram mulheres (e, inclusive, nos discursos hierarquizantes dos próprios participantes em torno do envio ou não de *tips* nesses casos) ou no fato dos homens também receberem menos *tokens* em razão de noções que atribuem às mulheres um maior prejuízo social na aparição em vídeos pornográficos.

A categoria trans, em especial, é a que mais conjuga desigualdades: na taxonomia do sistema, não há intersecção entre a identificação trans e a identificação como homem ou mulher, o que contribui para uma grande centralidade dada ao pênis nos *shows* dessas modelos. Nesse sentido, a pornografia *live streaming* do CAM4 produz esse órgão como um local de prazer e excitação bem mais relevante do que qualquer outra parte de seus corpos e como o centro da construção de suas identidades. Além disso, há, na categoria Trans, tensionamentos no marco das desigualdades Norte e Sul como não há em outras transmissões: muitos participantes dos EUA ou de países europeus marcavam diferenças com *performers* localizadas na América Latina, na América Central e no Sul da Ásia. Suas tentativas de negociações associavam a pornografia com o turismo sexual e ampliavam, na intersecção das identidades trans com outros marcadores, tais como nacionalidade e etnia, as noções de disponibilidade sexual e submissão que atravessam os interesses nesse mercado do sexo. Por outro lado, a ausência de homens trans e as poucas mulheres negras e homens negros nas transmissões do CAM4 também revisitam conservadorismos, (re)produzindo-os nas gramáticas que são próprias dessa modalidade de pornografia.

É importante destacar que, embora as mulheres se tornem agentes de produção sexual em suas transmissões no CAM4, a plataforma conta com poucas negociadoras. Durante a etnografia, as interações descortinaram que há lógicas em

circulação no site que mantem o lugar das mulheres como "estrelas do pornô" ao mesmo tempo em que cristalizam os homens como consumidores desse tipo de conteúdo, tornando o espaço não só pouco simpático para as mulheres que se propõem a apenas assistir pornografia, como também coercivo na medida em que são assediadas a todo instante por outros participantes.

A categoria de homens mostra mais interações interessadas no compartilhamento de conteúdos pornográficos a partir de um fetiche sexual. Ao mesmo tempo, nas transmissões nas quais há uma maior mobilização de negociações, insurgem diversas estratégias de resistência à heteronormatividade e às incitações a discursos de produção de verdades modernas de sexo e de gênero. Essas estratégias se concentram, principalmente, em interpelações por participantes gays à sexualidade de *performers* que investem nesses discursos e na forte associação da homossexualidade ao prazer anal e prostático.

Considero que a produção dessas desigualdades na plataforma ou a sua reconversão em gramáticas pornográficas, bem como os deslocamentos progressistas que são provocados pelos usos criativos dos recursos do site e pelas transformações tecnológicas mais recentes, em um amplo debate político, não devem organizar a pornografia *live streaming* do CAM4 em termos totalizadores que a colocarão como boa ou ruim.

Como procurei demonstrar durante esta dissertação, a pornografia localiza-se mais como um território de disputa hegemônica do que como a disputa em si e, precisamente por isso, é impossível atribuir a ela uma conceituação fixa. Há muitos tipos de pornografias diferentes concorrendo à apropriação do dispositivo pornográfico e elas não se organizam de forma fragmentada. Por outro lado, não há mobilização progressista que não incorpore conservadorismos, especialmente porque não há avaliação de circunstância que escape da parcialidade de quem avalia e do seu lugar no mundo: o complexo social equipa a todos e a todas com alguma capacidade de exercício de poder, ainda que de maneiras diferentes e potencialmente desiguais.

As transformações proporcionadas pela tecnologia no que se refere às plataformas colaborativas voltadas à pornografia, os deslocamentos do amador diante da crise das produtoras tradicionais e as características próprias do *live streaming* no CAM4, sem dúvidas, provocam grandes mudanças e renegociações na disputa hegemônica no campo da sexualidade e das relações de gênero. Contudo,

como essas renegociações podem abrir caminho para uma transformação em direção aos conservadorismos remanescentes? De que forma os deslocamentos verificados se relacionam com a simultânea produção de profundas desigualdades e hierarquias? Essas são questões que não foram discutidas nesta dissertação; porém, o seu desfecho reconhece o desafio de uma reflexão nesse sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

ALVES, Claudete. **Virou regra?** São Paulo: Scortecci Editora, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Em face dos últimos acontecimentos**. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/drummond17.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

ANDRADE, Daniela. **Facebook**. Deixa eu falar uma coisa... Disponível em: <<https://www.facebook.com/danielasobrevivente/posts/520823404787907>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

ALMEIDA, Guilherme "Homens trans": Novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, v. 20, p. 513-523, mai./ago. 2012.

ARMAS, Henry. Explorar os vínculos entre sexualidades e direitos para enfrentar a pobreza. In: CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie. **Questões de sexualidade**: ensaios transculturais. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

BAKEHORN, Jill. **Making authenticity explicit**: how women-made porn constructs "real sex." PhD dissertation. University of California, Davis, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacra and Simulacion**. Ann Arbor: University of Michi, 1994.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOLTON, Ralph. Tricks, friends and lovers: erotic encounters in the field. In: KULICK, Don; WILLSON, Margaret. **Taboo**: sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1996.

BOURCIER, Marie-Hélène Sam. Bildungs-post-porn: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. **Revista Bagoas**, n. 11, p. 15-37, 2014.

BOURCIER, Marie-Hélène Sam. **Queer zones**: politique des indentités sexuelles et des savoirs. Paris: Amsterdam, 2006.

BOURCIER, Marie-Hélène Sam. **Sexpolitique**: *queer zones* 2. Paris: La Fabrique Editions, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRAZ, Camilo Albuquerque. "Mas agora confessa..." Notas sobre clubes de sexo masculinos. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 4, p. 127-156, 2010.

BROWNE, Kath; NASH, Catherine J. **Queer methods and methodologies: intersecting queer theories and social science research**. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2010.

BUGLIONE, Samantha. Reprodução e sexualidade: uma questão de justiça. In: BUGLIONE, Samantha et al. **Reprodução e sexualidade: uma questão de justiça**. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2002.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000a.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. The force of fantasy: feminism, Mapplethorpe, and discursive excess. In: BUTLER, Judith. **The Judith Butler reader**. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

BUTLER, Judith. The lesbian phallus and the morphological imaginary. In: BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ZIZEK, Slavoj. **Contingencia, hegemonía, universalidad**. Diálogos contemporáneos en la izquierda. Buenos Aires: Fodo de Cultura Económica, 2000b.

CARBY, Hazel V. **Reconstructing womanhood: the emergence of the Afro-American woman novelist**. New York: Oxford University Press, 1987.

CHABOT, Marc. Posface: une morale pornographique est-elle possible? In: Vários autores. **La pornographie mise à nu**. Montreal: Les éditions univers, 1981.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CLIFFORD, James. **Travel and translation in the late twentieth century**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

COELHO, Salomé. Por um feminismo *queer*: Beatriz Preciado e a pornografia como pre-textos. **ex æquo**, n. 20, p. 29-40, 2009.

- COHEN, Marina. Vídeos caseiros ganham espaço da web com espectadores que buscam "tesão real". **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 dez 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/sexo/videos-caseiros-ganham-espaco-na-web-com-espectadores-que-buscam-tesao-real-14761517>>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- DAMATA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "anthropologicam blues". In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.
- DE LAURETIS, Teresa. **The practice of love**: lesbian sexuality and perverse desire. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Positions**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**: bastidores e cenários do pornô brasileiro. Tesede doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- DUARTE, Larissa da Costa. **Pornotopia**: histórias, desafios e reimaginações das pornografias feministas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- DWORKIN, Andrea. **Men possessing women**. London: The Women's Press, 1981.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 20, p. 87-120, 2003.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 14, p. 45-85, 2000.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vestigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 5, p. 7-42, 1995.
- HARDT, Michael. O trabalho afetivo In: PÁL PELBERT, Peter; COSTA, Rogério (Orgs.). **O Reencentamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HESTER, Helen. **Beyond explicit**: pornography and the displacement of sex. New York: New York Press, 2014.
- HINE, Christine. **Virtual ethnography**. Londres: Sage publications, 2001.
- HYDE, Montgomery. **Historia de la pornografía**. Madrid: Pleyad, 1973.
- KIM Kardashian Breaks Pornhub. **Pornhub Insights**, Montreal, 25 nov 2014. Disponível em: <<http://www.pornhub.com/insights/kim-kardashian>>. Acessado em: 25 jul. 2017.
- KRISTEVA, 1981. Women's time. **Signs**, n. 1, vol. 7, p. 13, outono, 1981.
- KULICK, Don; WILLSON, Margaret. **Taboo**: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1996.
- KULICK, Don. **Travesti**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.
- KUNZRU, Hari. "Você é um ciborgue": um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- JACOBS. Katrien. The new media schooling of the amateur pornographer: negotiating contracts and singing orgasm. **Rethinking the Amateur**: Acts of Media Production in the Digital Age, p. 17-29, primavera, 2004.
- JEREMY, Ron. Ron Jeremy goes to dartmouth. Entrevista com Susan G. Cole [18 mai 2016]. **NOW Magazine**, Massachusetts, 2016. Disponível em: <<http://www.adultfyi.com/ron-jeremy-goes-to-dartmouth/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- LACLAU, Ernesto; BUTLER, Judith; ZIZEK, Slavoj. **Contingencia, hegemonía, universalidad**. Diálogos contemporáneos en la izquierda. Buenos Aires: Fodo de Cultura Económica, 2000.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and socialist strategy**: towards a radical democratic politics. New York: Verso, 1985.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

LATTMAN, Peter. The origins of Justice Stewart's "I know it when I see it". **The Wall Street Journal**, New York, 27 set 2007. Disponível em: <<http://blogs.wsj.com/law/2007/09/27/the-origins-of-justice-stewarts-i-know-it-when-i-see-it/>>. Acesso em: 20 jun 2015.

LEITE JR., Jorge. A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. **(In)visível**, Lisboa, edição zero, 2011.

LEITE JR., Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia "bizarra" como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LEITE JR., Jorge. La celebración de la cara oculta: la predominancia de la imagen del ano em la pornografia contemporânea. In: BARZANI, Carlos Alberto (org.). **Actualidad de Erotismo y pornografía**. Buenos Aires, Topia Editorial, 2015.

LEITE JR., Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre gêneros. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 38, p. 99-128, jan./jun. 2012.

LEITE JR., Jorge. Tudo muito além da sua imaginação: sexualidade, entretenimento e pornografia "bizarra". In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25 a 29 de outubro de 2005, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2005. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5100184/Tudo\\_muito\\_além\\_da\\_sua\\_imagina%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_jorge\\_leite\\_jr](http://www.academia.edu/5100184/Tudo_muito_além_da_sua_imagina%C3%A7%C3%A3o_-_jorge_leite_jr)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LOPES, Maycon. Pornografia amadora em termo real: observações preliminares sobre o CAM4. In: SIMSOCIAL: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE. PERFORMANCES INTERACIONAIS E MEDIAÇÕES SOCIOTÉCNICAS, 10 e 11 de outubro de 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS/UFBA), 2013. Disponível em: <[http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1\\_pornografia\\_49579.pdf](http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_pornografia_49579.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

LYAN, Margot; BARBALET, Jack. Society's body: Emotion and the "somatization" of social theory. In: CSORDAS, Thomas J. (Org.). **Embodiment and experience**: the existential ground of culture and self. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MACKINNON, Catherine A. Sexuality, Pornography, and Method: Pleasure under Patriarchy. **Ethics**, n. 2, vol. 99, p. 314-346, jan. 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MARIE Clare. **More women watch (and enjoy) porn than you ever realized: A Marie Claire study**. New York, 2015. Disponível em: <<http://www.marieclaire.com/sex-love/a16474/women-porn-habits-study/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MAURER, Bill. The Anthropology of Money. **Annual Review of Anthropology**, vol. 35, p. 15-36, 2006.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Revista Bagoas**, n. 11, p. 51-78, 2014.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, Natal, n. 2, v. 12, p. 09-22, jul./dez. 2011.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 20, p. 121-130, 2003.

MORRIS, Chris. CameGirls: the new porn superstars. **CNBC**, Las Vegas, 17 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.cnbc.com/id/100385730>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

NICHOLS, James Michael. Buck Angel, "the man with a vagina", on the role sex plays in living authentically. **Huffington Post**, New York, 10 ago. 2016. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/entry/buck-angel-transgender-living-authentically\\_us\\_569aaf5de4b0b4eb759ea1f9](http://www.huffingtonpost.com/entry/buck-angel-transgender-living-authentically_us_569aaf5de4b0b4eb759ea1f9)>. Publicado em: Acesso em: 31 ago. 2016.

OLESEN, Virginia. Feminism and models of qualitative research. In: **The landscape of qualitative research: theories and issues**. DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). London: SAGE Publications, 1998.

O'REILLY, Tim. What is web 2.0. **O'Reilly**, Sebastopol, 30 set. 2005. Disponível em: <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 20 jul. 2016.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PAPAS, Chloe. As mulheres realmente assistem a pornô "female friendly?". **Vice**, São Paulo, 25 jul. 2016. Disponível em: <[http://www.vice.com/pt\\_br/read/mulheres-assistem-porno-female-friendly?utm\\_source=vicefbbr](http://www.vice.com/pt_br/read/mulheres-assistem-porno-female-friendly?utm_source=vicefbbr)>. Acesso em: 30 jul. 2016.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes**: um estudo etnográfico sobre pornografia online. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2015.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no pontocom**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2008.

PÁTARO, Carolina Ribeiro. **Tchau tchau velho pornozão?** A pornografia feminista de Erika Lust como narrativa refelexiva da sexualidade. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

PATTERSON, Zabet. Going On-line: consuming pornography in the digital era. In: WILLIAMS, Linda (Ed.). **Porn Studies**. Durham: Duke University Press, 2004.

PELÚCIO, Larissa. "Amores perros": sexo, paixão e dinheiro na relação entre espenhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In: PISCITELLI, Adriana et al. (orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. UNICAMP/PAGU: Campinas, 2011.

PELÚCIO, Larissa; CERVI, Mariana. Traições, pequenas mentiras e internet: conjugalidades contemporâneas e o usos de mídias digitais. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 3, jan./jun. 2013.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas *queer*. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, n. 26, v. 12, p.499-512, jul./set. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, n. 2, vol. 11, p. 263-274, jul./dez. 2008.

"PLAYBOY" dos EUA deixará de publicar fotos de mulheres nuas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1693305-revista-playboy-deixara-de-publicar-fotos-de-mulheres-nuas-diz-jornal.shtml>>. Acesso em: 26 jul. 2016

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. Mujeres de los márgenes. **El País**, Madrid, 13 jan. 2007.. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2007/01/13/babelia/1168648750\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2007/01/13/babelia/1168648750_850215.html)>. Acesso em: 10 set. 2015.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Museum, urban detritus and pornography**. PostOpen tailerra: Arteleku, 2008a.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2008b.

RABINOW, Paul. **Reflections on fieldwork in Morocco**. University of California Press: Berkeley, Los Angeles e Londres, 2007.

RIBEIRO, Stephanie. A máquina de fazer ativistas não respeita subjetividades. **Huffpost Brasil**, São Paulo, 26 jul. 2016. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/militancia-subjetividades\\_b\\_11205806.html](http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/militancia-subjetividades_b_11205806.html)>. Publicado em: 26 jul 2016. Acesso em: 08 ago 2016.

RITZER, George; JURGENSON, Nathan. Production, consumption, prosumption. The nature of capitalism in the age of digital "prosumer". **Journal of Consumer Culture**, n. 10 (11), 2010.

RODRIGUES, Leonardo. Para sobreviver, pornô brasileiro abandona DVDs e Blu-rays e se reinventa. **UOL**, São Paulo, 4 abr. 2014. Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/para-sobreviver-porno-brasileiro-abandona-dvds-e-blu-rays-e-se-reinventam.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a "economia política" do sexo. S.O.S Corpo: Recife, 1993.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter (eds.). **Culture, society and sexuality**: a reader. New York: Routledge, 1999.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo**. Barcelona: Egales Editoroal, 2011.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVÉRIO, Maria. **Swing**: eu, tu... eles. Lisboa: Chiado Editora, 2014.

SIMMEL, Georg. **Philosophy of money**. London and New York: Rourtledge, 2004.

TOFFLER, Alvin. **Future sock**. Ney York: William Morrow and Co., 1980.

VANCE, Carol. **Pleasure and Danger**: Exploring Female Sexuality. New York: Routledge, 1984.

VASCONCELOS, Rafaela. **Homens com T maiúsculo**: processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIANA, Luciene Galvão. **A folia dos cus prolapsados**: pornografia bizarra e prazeres sexuais entre mulheres. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2014.

WILLIAMS, Linda. **Hard core**: power, pleasure, and the frenzy of the visible. Los Angeles: University of California Press, 1989.

WHAT women want. **Pornhub Insights**, Montreal, 16 set. 2014. Disponível em: <<http://www.pornhub.com/insights/what-women-want>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. Geneva, 2010. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

YOUNG, M. Authenticity and its role within feminist pornography. **Porn Studies**, n. 1–2, v. 1, p. 186–188, 2014.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 32, p. 135-157, 2009.

ZELIZER, Viviana. The social meaning of money: "Special monies". **The American Journal of Sociology**, Chicago, n. 2, vol. 95, p. 342-377, set. 1989.

ZIJ-JANT VZW. **Sasha Grey for Equal Pay Day**. [S.l.], 2012. (1 min 12 s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=42EIKQP4Mto>>. Acesso em: 09 ago. 2016.